

FREDERICO JOSÉ MAGALHÃES SIMÃO

**A CONSTRUÇÃO POLÊMICA NA INTERPRETAÇÃO CINEMATOGRAFICA. O
FILME O CÓDIGO DA VINCI E SUA CRÍTICA.**

**São Leopoldo R.S.
Inverno de 2008**

FREDERICO JOSÉ MAGALHÃES SIMÃO

**A CONSTRUÇÃO POLÊMICA NA INTERPRETAÇÃO CINEMATOGRAFICA. O
FILME O CÓDIGO DA VINCI E SUA CRÍTICA.**

Dissertação de Mestrado em Ciências da Comunicação
Universidade do Vale do Rio dos Sinos
Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação

Orientador: José Luiz Braga

**São Leopoldo R.S.
Inverno de 2008**

S558c Simão, Frederico José Magalhães
A construção polêmica na interpretação cinematográfica: o filme O Código da Vinci e sua crítica/ por Frederico José Magalhães Simão. -- 2008.
138 f. : il. , 30cm.

Dissertação (mestrado) -- Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, 2008.

“Orientação: Prof. Dr. José Luiz Braga, Ciências da Comunicação”.

1. Comunicação de massa - Sociologia da comunicação. 2. Crítica jornalística - Filme - Polêmica. 3. Sistema de resposta social. I. Título.

CDU 659.3:316.77

Catálogo na Publicação:
Bibliotecária Eliete Mari Doncato Brasil - CRB 10/1184

Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS
Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação

Dissertação:

**A CONSTRUÇÃO POLÊMICA NA INTERPRETAÇÃO CINEMATOGRAFICA. O
FILME O CÓDIGO DA VINCI E SUA CRÍTICA.**

Elaborada por

FREDERICO JOSÉ MAGALHÃES SIMÃO

Como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Ciências da
Comunicação.

Banca Examinadora:

Dr. Jairo Ferreira – (Unisinos)

Dr. José Luiz Braga – Orientador (Unisinos)

Dr. Paulo Bernardo Ferreira Vaz – (Universidade Federal de Minas Gerais)

**São Leopoldo R.S.
Inverno de 2008**

À
João Jorge Simão (in memoriam)
Maria Fernanda Simão Moreira

Agradecimentos

Ao professor Dr. José Luiz Braga, que mais que um orientador, é um amigo. Que foi paciente e respeitou o tempo da pesquisa e do pesquisador. Foi cuidadoso em cada orientação e comentário. Não hesitou em percorrer esse caminho comigo.

Aos meus pais, Renato Valério Simão e Tereza Cristina Magalhães Simão. Sem eles essa aventura nunca poderia ter sido feita. São eles quem me encorajam a buscar a todo tempo os sonhos de minha vida. E é observando o caminho justo que percorrem que me faz ter esperança no mundo.

À UNISINOS, espaço tranqüilo e comprometido com a pesquisa. Sempre estará em minha memória a tranqüilidade do campus e a responsabilidade com a competência.

Aos professores Dra. Nísia Martins do Rosário (UNISINOS) e Dr. Jairo Ferreira (UNISINOS), que enriqueceram o trabalho com contribuições na banca de qualificação.

Aos professores Dr. Alexandre Rocha da Silva (UNISINOS) e Dra. Suzana Kilpp (UNISINOS), que foram os primeiros contatos com o mestrado, conversas amigas e questionadoras.

A todo o corpo docente do Programa de Pós-Graduação de Comunicação da UNISINOS, que nos encontros pelas disciplinas fazia refletir o objeto dessa pesquisa. Pelo livre acesso e cuidado de cada gabinete, e troca de idéias pelos corredores.

À coordenação e os funcionários da secretaria, que sempre foram competentes e zelaram pela nossa organização e informação. No sorriso amigo desde o primeiro contato.

Durante o percurso dessa pesquisa alguns amigos foram indispensáveis. Contribuíram de várias formas, seja em leituras e comentários ou apenas ao ouvir o desabafo de momentos em que cansamos: Eloísa Klein, amiga com quem partilhei a pesquisa e dúvidas; Rubens Kleinkauff, amigo que me fez sentir menos forasteiro; como todos os amigos de pesquisa em comunicação do Rio Grande do Sul e de Minas Gerais.

*“A última coisa que me interessa é que alguém me diga se o filme é bom ou ruim.
Quero decidir isso eu mesmo.”*

RESUMO

Este trabalho trata do processo de circulação polêmico-crítica em torno do filme *O Código Da Vinci*. A pesquisa se desenvolve na análise a partir do conceito de Sistema de Resposta Social sobre a mídia, compreendendo a formação de um espaço polêmico. Foram analisados 17 tipos de materiais diversificados, assumidos como críticos, que constroem suas perspectivas a partir de diversos campos sociais, e se expressam em jornais, revistas, documentários, blogs e sites que trataram a temática do filme. O principal eixo da análise está na disputa de um capital simbólico religioso entre campos sociais, disputa que ocorre dentro de canais midiáticos. A disputa de falas é o argumento para a defesa de um campo que se constitui a partir das diversas falas: o campo polêmico. Para isso a análise observa parâmetros, no material empírico, segundo os quais os participantes instauram e dão forma à polêmica.

Palavras-chave: Polêmica; sistema de resposta social; crítica jornalística; *O Código Da Vinci*,

RÉSUMÉ

Ce travail traite de la procédure de circulation polémique-critique autour du film le *Da Vinci Code*. La recherche se développe dans l'analyse à partir du concept de Système de Réponse Sociale sur la média, en comprenant la formation d'un espace polémique. Ont été analysés 17 types de matériels diversifiés, supposés comme critiques, qui construisent leurs perspectives à partir de divers champs sociaux, et ils s'expriment dans des journaux, revues, documentaires, blogs et sites qui ont traité la thématique du film. Le principal essieu de l'analyse est dans la dispute d'un capital symbolique religieux entre des champs sociaux, dispute qui se produit à l'intérieur de canaux de communication. La dispute de paroles est l'argument pour la défense d'un champ qui se constitue à partir des diverses paroles: le champ polémique. Pour la cela l'analyse il observe des paramètres, dans le matériel empirique, selon lesquels les participants instaurent et donnent forme à la polémique.

Mots-clés : Polémique; système de réponse sociale; critique journalistique; *Da Vinci Code*

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
1.1. Delimitação do tema e considerações para o caso	16
1.2. Apresentação e organização do conjunto empírico.....	23
1.3. Objetivos sobre o conjunto empírico	33
2. CAMPOS SOCIAIS, ATORES E DISPUTA DE SENTIDO.....	37
2.1. Atores de campos e lugares de fala	44
3. CIRCULAÇÃO SOCIAL DE O CÓDIGO DA VINCI E A CONSTITUIÇÃO DE UM CAMPO DA POLÊMICA	49
3.1. A polêmica na crítica jornalística de <i>O Código Da Vinci</i>	50
3.2. A crítica dos produtos midiáticos e o sistema de resposta social	54
4. O CAMPO POLÊMICO EM TORNO DE O CÓDIGO DA VINCI.....	60
4.1. A variedade de falas	60
4.2. A circulação de falas – os campos e atores dos campos	64
4.3. A circulação de falas – temas e fatos	70
4.4. Temas direcionadores e funcionalidade da polêmica	78
4.5. Maria Madalena e a crise de capital simbólico religioso.....	81
4.6. Entre a ficção e as referências históricas.....	85
5. PARÂMETROS DE CONTIGÜIDADE E TENSIONAMENTO.....	90
5.1. Aspectos midiáticos do debate.....	90
5.2. Campos e diferentes pontos de vista	91
5.3. Pontos de Vista	92
5.4. Objetivos	95
5.5. Procedimentos argumentativos.....	99
5.6. Vetores de fluxo	103
5.7. Interlocuções	106
CONSIDERAÇÕES FINAIS	111
REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS	116
ACERVOS.....	119
ANEXO A – Laudas de análises	
ANEXO B – Ilustrações	

LISTA DE TABELAS

Tabela 01. Descrição de matérias a partir do jornal Folha de São Paulo	28
Tabela 02. Descrição de matérias a partir do jornal <i>Zero Hora</i>	30
Tabela 03. Descrição de matérias a partir do jornal <i>Correio do Povo</i>	30
Tabela 04. Descrição de material do programa exibido na TV National Geographic	30
Tabela 05. Descrição de matérias a partir de <i>Revistas</i>	31
Tabela 06. Descrição de material da Rádio Vaticana	32
Tabela 07. Descrição dos materiais da <i>Internet</i>	32
Tabela 08. Descrição ilustrativa do processo polêmico do caso.....	34
Tabela 09. Esquema dos parâmetros	36
Tabela 10. Temas e fatos	71
Tabela 11. Sistematização do material empírico.....	75

LISTA DE FIGURAS

Figura 01: Manifestação do vereador publicado no jornal <i>Zero Hora</i>	73
Figura 02: Manifestações no Jornal Correio do Povo	73
Figura 03: Gráfico do envolvimento das falas dos campos.	76
Figura 04: Revista História Viva discutindo o conteúdo de Maria Madalena	85

1. INTRODUÇÃO

Contemporaneamente, há uma centralidade da mídia nos processos socioculturais, com o que ela passa a fazer parte da experiência (SILVERSTONE, 2002 p.14), tornando-se constituidora do social. Um dos espaços midiáticos em que encontramos diversificadas disputas e construções de forma estratégica é o da *Crítica Midiática*, quando traça jogos de força da percepção da mídia para a mídia. O “sistema interacional de resposta”¹ desenvolve, na sociedade, uma série de movimentos a partir de outros fatos e produtos, de campos da sociedade que dinamizam posições e propõem comentários de interesse social.

O interesse pelo objeto de estudo desta pesquisa tem como ponto de partida os filmes *A Paixão de Cristo* e *O Código Da Vinci*, que foram dados a público, respectivamente, nos anos de 2004 e 2006. Esses filmes estimularam debates diversificados, de natureza polemizadora. Geram polêmica porque tratam de temas complexos, presentes em diversos âmbitos sociais e por apresentarem atitudes ou posições marcadas pela pertença a campos sociais diversos. Os filmes expressaram posições, interpretações, atitudes com relação a temas que têm um interesse social geral, permitindo posições diversificadas. Por isso, participam do debate midiático, interagindo com diversos campos da sociedade.

Foi pela observação do filme *A Paixão de Cristo* que percebi, inicialmente, a constituição de certa arena de debates de questões relativas ao âmbito religioso, suscitadas, de forma interessante, pelo cinema e pela exploração do caso na mídia. O filme *A Paixão de Cristo* foi o primeiro cronologicamente exibido, o primeiro

¹ Sistemas Interacionais de Respostas, conceito encontrado a partir dos estudos de José Luiz Braga.

material que então selecionei. O filme levou a pensar num projeto de pesquisa, embora ainda sem a intenção do estudo sobre a polêmica, voltado para os materiais que circularam em reação à produção.

Em 2006, já durante a realização inicial de minha pesquisa no mestrado, foi lançado o filme *O Código Da Vinci*. A adaptação para o cinema foi feita a partir do livro do autor norte-americano Dan Brown, e o tema já era de domínio público. Por esse motivo, a discussão iniciou antes mesmo da circulação do filme. Acompanhava a divulgação e debates como espectador comum e percebia que a maioria dos materiais publicados em jornais e revistas tomava parte da temática a partir da defesa do livro. Percebi também que houve uma reviravolta quando da estréia do filme: outros campos sociais se mobilizaram na discussão, e uma interessante situação de debate se formou.

A diversidade do material era interessante, e a coleta seria disponível. Parecia ser um material mais forte em diversidade de suas formas, com circulação marcante e os campos sociais que entraram no giro midiático também diversos.

Existe uma variedade de campos presentes no debate. Cada campo, por definição, possui lógicas diferentes e - porque nenhum campo vê com distanciamento ou isenção a lógica do seu próprio campo - há lados e posições. A necessidade de grupos tentarem expor sua forma de compreender o decorrente de uma obra de ficção desencadeou outras reações e, assim, um conjunto diverso que abriria espaço para um estudo de caso sobre como essa circulação foi construída, bem como um olhar sobre a polêmica.

No desenvolvimento preliminar do projeto de pesquisa, o filme *A Paixão de Cristo* era o objeto de estudo central, e *O Código Da Vinci* era um objeto que teria a função comparativa. Essa escolha decorria do maior conhecimento, à época, sobre os materiais derivados do filme *A Paixão de Cristo* e porque *O Código Da Vinci* estava ainda formando seu material de circulação. Percebendo, entretanto, a riqueza de materiais, de grupos de fala e vários fatores que levariam à discussão sobre a polêmica no filme *O Código Da Vinci*, a idéia mudou, e o conjunto de material que era de cotejo tornou-se maior e mais interessante para esta pesquisa.

Os objetivos levantados aqui são para visualizar como o processo de polêmica ocorreu e constituiu da crítica jornalística - neste caso, de cinema -

tomando como base o filme *O Código Da Vinci*. Os materiais que tinha inicialmente levantado sobre o filme *A Paixão de Cristo* (nos quais percebi similares campos sociais em debate) não comparecem diretamente na investigação – mas me serviram como um ponto de apoio adicional para a reflexão sobre o objeto específico do estudo.

O conjunto de materiais (textos noticiosos, crítica de cinema, artigos de opinião e documentário) foi selecionado a partir de sua participação nos espaços de visibilidade. E nosso *corpus* se constitui nesse emaranhado, concentrando-se em falas que atentam a aspectos polêmicos do filme (por exemplo, se Madalena teve ou não filho com Jesus, se a *Opus Dei* era ou não uma organização secreta, se o Vaticano ocultou ou não fatos históricos, se Leonardo Da Vinci realmente pintou códigos em suas obras). Esta foi uma escolha metodológica para restringir a “visada” para o material, amplamente agrupada desde as perspectivas críticas (entendendo que uma ação crítica visa à discussão de quaisquer aspectos, a despeito de um conhecimento perito ou impressionista sobre um material).

A presente pesquisa não se centra na análise dos filmes, mas, sim, na análise do conjunto diversificado das críticas, jornalísticas ou não, veiculadas em jornais e revistas brasileiros, além de um documentário e de um programa da Rádio do Vaticano. Essas críticas participaram de um “quadro de debate” em torno do filme, que gerou um espaço polêmico acerca de um assunto originariamente pertencente ao campo religioso.

Procede-se, aqui, à análise da constituição deste “quadro de debate” instituído em torno da discussão do filme, ou campo da polêmica, para utilizar o termo empregado por Marcus Vinícios da Cunha². Para tanto, dividimos o trabalho em três momentos: a primeira contempla as perspectivas teóricas, nos capítulos 2 e 3; a análise do *corpus* da pesquisa, no capítulo 4 e 5; e as considerações finais.

A Introdução desta pesquisa constitui a apresentação e organização do material empírico. Um relato da organização sobre o material, como o tema desta Dissertação, foi sendo desenvolvido, bem como os objetivos para o tratamento do mesmo.

² CUNHA, Marcus Vinícios da. Pragmatismo: uma filosofia definida no campo da polêmica. **Filosofia Americana**. V. 1, n. 1, p. 39-48, set. 2003.

O capítulo 2 é uma construção teórica a partir dos Campos Sociais. Esses se definem por constituírem características próprias, como atores, regras, sistemas de valores, sistemas de símbolos e um capital próprio. É em nome desse capital que há disputas e que os campos disputam força entre si. Por haver essa disputa, em alguns momentos, há maior tensão entre os campos sociais. É o que se evidencia com a circulação social do filme *O Código Da Vinci*, que questiona valores de sustentação do capital simbólico e das instâncias religiosa. Ao fazer isso, outros campos se mobilizam na discussão do capital simbólico do campo religioso, em torno da polêmica levantada pelo filme. Isso faz com que se gere um outro espaço, não institucionalizado, mas poroso, que é o campo da polêmica formado pela circulação social dos filmes.

No capítulo 3, as reflexões são desenvolvidas a partir da circulação social e da formação do campo da polêmica. O Sistema de Resposta Social, conceito proposto por José Luiz Braga, propulsiona a formação de um espaço poroso, o campo da polêmica em torno da circulação social do filme. E, neste novo lugar de circulação de idéias, não percebe campos sociais, defendendo seu capital simbólico, mas atores dos campos sociais agem num outro lugar de fala, que transita entre o campo de origem e sua visão sobre outros campos.

A polêmica existe numa contraposição de idéias, quando se afasta de consensos que foram estabelecidos entre grupos. A característica dos textos do material empírico está em agir argumentativamente, gerando o campo da polêmica. Vê-se a polêmica, então, como uma tentativa de atravessar os limites do consenso, como sugere Guariglia (2007, p. 1):

[...] polêmica, que aqui é entendida como qualquer contraposição de idéias, em um cenário em que há sentidos consensuais que são postos em oposição a outros sentidos avessos a eles, até mesmo para que se possa eventualmente instituir um novo consenso; ou em um outro cenário no qual não há consenso, mas há um embate polêmico de idéias.

Ocorre que o *corpus* da pesquisa impõe um quadro que não se forma com delimitações espaciais e temporais: os artigos se atravessam, mas não estão colocados na forma de interpelação e resposta de um para o outro, nem foram resultado de uma discussão prévia entre aqueles que os fizeram. Assim, o “quadro

de debate” deve ser entendido como em “suspensão”, sem contornos materiais e sem regulações próprias; por isso a consideração de que se forma um campo próprio da polêmica. Esse campo não é institucionalmente formado, não têm atores específicos; pelo contrário, aglutina atores de outros campos sociais que, em um momento específico, dedicam-se à discussão de um assunto levantado por filmes, repercutidos na mídia. Daí que o lugar de debate também se torna a própria mídia. Com isso, faz-se uma aproximação com a concepção teórica de Braga acerca da circulação dos produtos midiáticos e da existência de um sistema social de resposta.

Os capítulos 4 e 5 constroem um mapa das estratégias argumentativas e evidenciam a formação do campo da polêmica em torno da circulação social do filme *O Código Da Vinci* e a partir dos textos de crítica selecionados. O objetivo é encontrar mais especificidades do material empírico do que classificações do caso. Diante disso, faz-se a análise das relações entre as idéias polêmicas postas em circulação por meio das críticas.

Há dois movimentos na análise do material: (1) um primeiro, que corresponde à formação do caso, averiguando quais os campos que participam do campo da polêmica em torno de *O Código Da Vinci* e qual a lógica midiática presente nos próprios campos; (2) um segundo movimento, que parte dos atores dos campos sociais participantes.

O filme *A Paixão de Cristo* será usado como objeto de tensionamento ao caso principal desta pesquisa, numa estrutura menor. Embora os tipos de discussões originadas a partir dos dois filmes sejam distintas e, ainda, de esta pesquisa não ser comparativa, alguns “pontilhamentos” são interessantes para demarcar as próprias especificidades do caso da formação do campo da polêmica em torno do *Código Da Vinci*.

1.1. Delimitação do tema e considerações para o caso

De forma geral, o conjunto das críticas jornalísticas de cinema apresenta a “atualização” ou “agendamento” de assuntos que permearam os filmes. Por exemplo, na revista *Isto É*, na matéria dedicada ao filme *A Paixão de Cristo*,

intitulada “Quem matou Jesus?”, a crítica levou a discussão além do filme e abriu espaço para um debate histórico sobre como foram elaborados os evangelhos bíblicos, como se comportavam os povos em épocas de Cristo, assuntos de tradição dialogando com estudiosos e professores universitários.

Pela inquietude que o conjunto dos materiais provocava, o elaboramos e organizamos: primeiramente os filmes, ainda por uma questão de conteúdo, depois a provocação conseqüente da relação fato/ficção, que são questões de tensionamento nos espaços de debate social.

Durante o processo de realização da pesquisa, houve a discussão de que as circulações de debates promovidos por polêmica também estão no campo do interesse econômico, que permeia a maioria das ações midiáticas, visando públicos massivos e, obviamente, um lucro maior. Essa característica dos materiais não deve comprometer os debates gerados, talvez, pelo contrário, pode funcionar como acelerador para as tomadas de posições, provocações de campos e interatividade.

De livrarias de Paris a Londres, de Porto Alegre a Los Angeles, o livro-base para o filme *O Código Da Vinci*, do escritor Dan Brown, inseriu-se em todos os lugares, transformando-se rapidamente num *best-seller*. Foram mais de trinta milhões de exemplares vendidos, com tradução para quarenta idiomas. *O Código Da Vinci* foi citado várias vezes como o livro mais vendido no New York Times. O sucesso motivou a compra dos direitos autorais por seis milhões de dólares, e a produção cinematográfica de Ron Howard, apoiada no livro-roteiro, teve lançamento mundial em maio de 2006.

A temática central da discussão da história está numa afirmação de que o santo *Graal*³ não teria sido uma taça, mas, sim, uma pessoa. A base da história está em três elementos: a conspiração, uma possível história de amor e uma perseguição.

O romance inicia-se no Museu do Louvre, em Paris, onde o curador é assassinado e as únicas pistas que são encontradas levam para obras de Leonardo Da Vinci. Um especialista em simbologia de Harvard e a neta do curador saem com o objetivo de descobrir a solução do crime, se envolvem numa perseguição policial e

³ *Graal* é uma expressão medieval para expressar o cálice de Cristo utilizado na Última Ceia.

numa jornada por alguns países da Europa, com provas que os levam a criar suspeitas de que poderiam encontrar o *Graal*.

A trama do romance envolve uma organização católica conservadora, a *Opus Dei*, e a sociedade secreta conhecida como Priorado de Sião, que, de acordo com os documentos encontrados na Biblioteca Nacional de Paris, possuiria inúmeros membros conhecidos historicamente, como Isaac Newton, Sandro Botticelli, Victor Hugo e Leonardo Da Vinci.

Embora, oficialmente, o livro-filme seja apresentado como ficção, o romance desperta uma onda de polêmica. O livro contém uma página inicial intitulada como “Fatos”, onde diz que os fatos históricos explorados no romance são realmente existentes e que “todas as descrições de obras de arte, arquitetura, documentos e rituais secretos neste romance correspondem rigorosamente à realidade” (BROWN, 2004).

O filme recebeu muitas críticas e foi vaiado no Festival de Cannes. Muitos críticos alegam que o filme não passa a verdadeira mensagem que o livro traz. Ainda assim, o filme foi recorde de bilheteria em suas primeiras semanas, talvez um resultado do sucesso anterior do livro. Logo no dia seguinte de estréia, segundo o *Le Monde*, jornal francês, o presidente do festival, Gilles Jacob, disse que não tiveram alternativa senão anunciar o filme como abertura do festival. Se o filme não fosse escalado, seria feita uma pré-estréia nos EUA, tirando toda a atenção da imprensa americana sobre o festival.

A partir da polêmica inicial, muitos outros materiais surgiram, como livros, documentários, revistas, discussões em programas de televisão, *sites* e manifestações. Destacam-se posicionamentos de ‘crentes’ e ‘céticos’ quanto ao embasamento do que realmente seria fato e ficção.

De parte da Igreja Católica, o filme não foi muito bem aceito. Houve boicotes, como um organizado pelo Bispo Tarcisio Bertone⁴, que alegou ser sacrilégio contestar a divindade de Jesus Cristo, dizendo que ele foi casado com Maria Madalena e que, possivelmente, tivera uma filha, como apresenta o romance. Há também insatisfações da *Opus Dei*⁵ sobre uma especulação que a obra faz de

⁴ Ação apresentada no documentário televisivo da *National Geographic*.

⁵ Há notas no *site* oficial da *Opus Dei* contestando o filme, por não informar que é uma obra de ficção.

que o papa teria recebido suborno da prelazia para lhe dar um *status* especial e, mais adiante na história, o grupo chegaria a extremos para impedir que o Priorado de Sião revele que Jesus e Madalena foram casados.

Fatos curiosos desencadeados pelo filme chamam a atenção, talvez também pelo embaralhamento de ficção e realidade. Grupos turísticos fizeram o percurso do livro-filme, com o intuito de “descobrir” a verdade: (a) passaram a visitar e vasculhar a Abadia de Westminster, a Igreja Temple em Londres, para ver a esfinge do templário que está faltando, seguindo mensagens enigmáticas; (b) foram a Paris para verificar os *vitraux* na igreja de *Saint Sulpice*, que contêm um “P” e um “S” entrelaçados numa suposta referência ao Priorado de Sião, e a “Linha Rosa”, que, segundo o romance, levaria à localização do *Graal*.

A movimentação em torno do filme *O Código Da Vinci* é exemplar para a avaliação de que muitos produtos midiáticos tornam-se dispositivos de produção de sentidos e provocam, em seus receptores, várias experiências que estimulam reações e interações.

Precisaremos examinar a mídia como um processo, como uma coisa em curso e uma coisa feita, e uma coisa em curso e feita em todos os níveis, onde quer que as pessoas se congreguem no espaço real ou virtual, onde se comunicam, onde procuram persuadir, informar, entreter, educar, onde procuram, de múltiplas maneiras e com graus de sucesso variáveis, se conectar umas com as outras (SILVERSTONE, 2002, p. 16-17).

No espaço cinematográfico, curiosas adaptações se inserem numa certa categoria de “teologia-ficção”; apropriam-se de tradições, símbolos e cânones do campo religioso, transformando-os em grandes roteiros, que circulam intensamente. Suas interações com a crítica jornalística provocam debates sociais convocados no espaço midiático.

Muitas obras cinematográficas retrataram tradição, religião, história, arqueologia e, por serem ficcionais, sempre tendem a explicar ou omitir, de acordo com os interesses de seus diretores e roteiristas, determinados fatos ou posições que podem ou não satisfazer a opinião dos grupos da sociedade.

A fusão entre ficção e realidade provoca diversas disputas de sentido entre os campos sociais, ao colocarem-se em questão temáticas que sobrevivem de modo relativamente consensual. Isso não é exclusivo do espaço das produções cinematográficas, como também não é novo. O campo da literatura já empregava práticas que jogavam com realismo e ficção.

* * *

Igualmente, no longa-metragem *A Paixão de Cristo* (2004), produzido por Mel Gibson, essa tensão é evidenciada. Este foi um filme que expressou o sofrimento de Jesus nas suas últimas doze horas, cuja produção explorou uma estética da violência sobre um Cristo que sofre nos aspectos humanos.

O filme circulou estrategicamente no período pascal. São 126 minutos que tratam das últimas doze horas da vida de Jesus Cristo, com roteiro elaborado a partir dos textos dos quatro Evangelhos, estudos históricos e da tradição – textos apropriados do campo religioso-cristão. O filme tem fatores curiosos, como o exagero de violência aplicada ao personagem de Jesus Cristo. O filme é falado nas línguas originais do fato histórico, com diálogos em aramaico, latim e hebraico. As questões visuais do filme são mais complexas, tanto no que se refere a realismo histórico como na narrativa evangélica.

Além de conseguir reunir muitos elementos históricos, segundo os evangelhos, o filme também inseriu cenas das quais não há nenhum registro, mas que produziram efeitos sobre as cenas e modos de interpretação. A figura de Cristo é a central, e o filme expõe idéias e pressupostos sobre o sofrimento, o que é expresso pelas chicotadas, pela tortura e pela cruz. O filme termina com um breve momento de esperança na ressurreição, onde o Cristo não aparece envolto em sangue como nas cenas que compõem a maior parte do tempo do longa-metragem. Lançado ao mercado, o filme recebeu críticas que o acusaram de anti-semita, e recebeu apoio do lado mais conservador da Igreja Católica.

Esta breve síntese permite a identificação de dois movimentos completamente distintos que ocorrem na circulação dos filmes em análise. Se *A*

Paixão de Cristo se embasa nos quatro evangelhos, *O Código Da Vinci* questiona os mesmos textos bíblicos. Se *A Paixão de Cristo* se embasa na construção do sofrimento, *O Código Da Vinci* usa o apelo emocional do amor carnal e da contigüidade de laços sanguíneos. Essas diferenças, esboçadas de forma geral, foram alvo do mais variado tipo de discussão quando da circulação social de ambos os filmes. Um exemplo emblemático: se *A Paixão de Cristo* consegue a adesão dos setores conservadores da Igreja Católica, é justamente este o setor que se manifestará contrário ao filme *O Código Da Vinci*.

Essas produções possuem uma relevante significação por sua “produção de perspectiva” (MACHADO, 2002 p. 13), por mensagens e efeitos motivados pela ordem da polêmica, que é um fator gerador de discussões para a crítica jornalística de cinema e demais reações. Isso leva a questionar como se forma polêmica a partir de filmes. É o fato de este material fomentar discussões que o faz entrar no giro de discussões na crítica jornalística, e parece comportar de maneiras diversas em modelos de interatividade. Na realidade, qualquer material proposto midiaticamente pode e tem o potencial de gerar discussões, polemizando e, assim, chegando à crítica. Mas, nos dois casos que são nosso objeto de investigação, o nível de polêmica foi intenso; propôs falas de inúmeros lados e gerou discussões nos principais jornais do mundo.

O modo como os valores de representação se articulam (suas estratégias produtivas) e o modo com que se inter-relacionam a partir dos *media* produz certa cultura que pode conformar grupos e indivíduos por meio de influência. O conceito empregado sobre influência está relacionado ao possível ‘poder’ que os *media* possuem de exercer sobre as crenças e decisões dos indivíduos. Medir o grau de influência é controverso, já que é difícil isolar o indivíduo de outros fatores que contribuem para essas alterações de pensamentos (ABBAGNANO, 2000). Não é interesse desta pesquisa medir e avançar sobre o que as audiências sofreram a partir desses filmes, o que seria evidentemente uma pesquisa ligada aos estudos de recepção, *mas, sim, perceber como essa influência e a possibilidade da mídia de gerar novos sentidos alimentam a polêmica e promovem convocações aos críticos de vários campos sociais, gerando um tipo de “debate social”*. Por isso, a condição deste estudo de caso é âmbito de *interfaces*, tendo o filme *versus* a crítica que, a cada momento, parte de uma determinada esfera social como a do campo religioso,

do campo da própria produção técnica cinematográfica, dos campos da arqueologia, da história etc.

A tentativa de quebra de consensos é o fator mais proeminente da construção do campo da polêmica. Quando o cinema adentra nas cercanias do campo religioso, questionando (ou revigorando) doutrinas, dogmas e crenças, lança um convite para que se faça uma discussão sobre a pertinência desses ou a validade da crítica. Em ambos os casos, a mídia adota esse espaço de discussão e crítica. A partir disso, entendendo a comunicação como um processo e, assim, observando de forma relacional os processos de produção e recepção, dá-se a interação em torno dos produtos midiáticos, originando novos campos de debate, como o caso do campo da polêmica formado a partir da circulação social do *O Código Da Vinci*.

Os produtos midiáticos em circulação na sociedade são freqüentemente referidos como materiais em torno dos quais se desenvolve uma interação midiático-social. Esses produtos são – com alguma freqüência – de baixa qualidade informativa, estética e cultural. Paralelamente, apresentam-se fortes expectativas (e cobranças) de que esse material midiático – em função de sua difusão e acesso generalizado – deveria ter um papel inversamente estimulante, educativo e voltado para valores humanos e sociais superiores (BRAGA, 2006, p. 57).

Braga argumenta que a sociedade desenvolve dispositivos críticos em suas interações sociais. Por isso, filmes que tematizam valores e dogmas presentes na sociedade estimulam polêmica e costumam gerar discussão (por exemplo, em se tratando de religião, as pessoas costumam manifestar posições e compreensões distintas).

É, sobretudo, o processo instituinte do espaço público em que se desenrolam as suas ações e os seus discursos e coincide com o próprio jogo dos papéis que as instituições lhes destinam. Daí a natureza paradoxal da comunicação. Ao mesmo tempo, instituinte e instituída, processo de elaboração de um espaço público e agendamento das regras impostas pela conformidade social, pluralidade feita, de múltiplas singularidades (RODRIGUES, 1997, p. 141).

Relacionando essas concepções teóricas com a observação dos materiais publicados em jornais, revistas, rádio e televisão, comecei a observar a formação de um processo de definição de um campo da polêmica.

1.2. Apresentação e organização do conjunto empírico

Muitos materiais invadiram o mercado com a temática do livro-filme *O Código Da Vinci*. O mercado cinematográfico precisa estimular esse movimento, pois alimenta o consumo de suas obras. Dentre esses materiais, citaria CDs, espaços em programas de televisão, documentários, livros, roteiros, *sítes*, temáticas inteiras de revistas, jornais, em inúmeras línguas e em várias partes do mundo.

Devido ao vasto número de materiais e por suas distribuições ocorrerem em diversos setores, foi preciso criar critérios de escolha e selecionar aquilo que levaria a uma maior compreensão da proposta que está em ver no espaço midiático a ocorrência da polêmica.

Os primeiros materiais colhidos foram o próprio filme, adquirido em DVD, e o livro *O Código Da Vinci*. Sobre os materiais secundários, as primeiras mídias com que entramos em contato foram os jornais e revistas que deram tratamento de retorno e críticas, revistas de diversos segmentos em 2006: *Veja*, *Istoé*, *Super Interessante*; também jornais de grande circulação, como *Folha de São Paulo*, *Jornal Zero Hora*; algumas revistas de linguagem específicas do cinema ou dos campos de discussão religioso ou histórico, como *Revista Set*, *Revista História Viva*; ainda revistas internacionais, como *American Cinematographer*, *Cinefex*, ambas do Canadá, que apresentam também discussões sobre o filme na condição da crítica. Além disso, inúmeros *sítes* que constroem críticas com grande circulação, como a *CNBB*, *Conferência do Episcopado Mexicano*, *L'Osservatore Romano*, e inúmeros *sítes* de igrejas cristãs.

Após esses materiais, fizemos observações nos meios audiovisuais, onde veicularam muitas discussões dispersas. Às vezes, a diversidade dificulta a coleta, mas, ao mesmo tempo, fornece materiais interessantes como o documentário exibido pela rede de televisão *Nacional Geographic*, produzido pela *Playarte*,

adquirido em DVD, que trata sobre o filme *O Código Da Vinci*, “*O Código Da Vinci Revelado*”, e o programa da *Rádio Vaticana* transcrito. Muitos outros documentários são encontrados.

Alguns livros também serviram para compreender o que os campos estariam pensando sobre os filmes, como o livro publicado pela editora Paulinas, “*A Paixão de Cristo segundo Mel Gibson*”, de Walter Eduardo Lisboa, que é um exegeta e que escreve para católicos.

Outras consultas são feitas apenas em forma ilustrativa, em diversos materiais, como “*O Código Da Vinci Roteiro Ilustrado*”, de Akiva Goldsman, publicado no Brasil pela Sextante, documentários da rede de televisão britânica BBC, além dos *sites* oficiais e não- oficiais dos filmes, sem contar a lista de livros a respeito da temática dos filmes que, em nossos registros, passaram de cem. Inserir todos os materiais encontrados seria inviabilizar a pesquisa.

O conjunto de reações discursivas que é gerado a partir do filme estudado compõe um material diversificado, mas aqui atribuímos à caracterização como crítica, sendo de várias naturezas, como jornalismo, estudos acadêmicos, produções audiovisuais; são materiais que surgem com reações a partir dos filmes *e que se dão no espaço midiático*.

Propor uma análise desse material faz com que se evite um modelo estrutural elaborado *a priori*, que limitaria o enfoque. Os materiais são interessantes exatamente pela suas singularidades; são objetos midiáticos circundados por uma processualidade crítica diversificada, sendo então mais interessante capturar os indícios dos materiais, descobrindo as lógicas do próprio material para gerar depois uma sistematização. A proposta metodológica parte dos casos apresentados para uma análise indiciária, permitindo assim fazer inferências sobre a singularidade, criando, então, um conhecimento maior sobre o próprio ângulo e a crítica midiática.

O filme tem um acervo coletado de crítica bem diversificado de vários tipos, formatos, pontos de vista e endereçamento, que podem ser apontados como *primeiras perspectivas* para uma visualização das posições e da organização do conjunto. A partir desses movimentos, é possível fazer levantamentos mais profundos, observando-se e comparando-se, dentro de cada uma, as variações e posições.

No caso do filme, simplificada, as posições são contra ou a favor, mas o interesse maior é, por exemplo, visualizar cada posição, construindo as demais. Cada fala constrói o campo polêmico de modo diferente e não apenas se situa de diferentes modos dentro de um campo pré-construído. Essa tentativa de sistematização do material também faz perceber quais são as críticas mais ou menos interessantes para poder trabalhar na leitura detalhada e tentar identificar o que realmente foi construído na topografia da massa crítica nos casos estudados.

A questão de horizonte desta pesquisa está centrada a partir do produto midiático, o filme *O Código Da Vinci*. Ele aciona na sociedade uma série de respostas (debate social) que não simplesmente circulam como materiais secundários, mas também geram, por contigüidade e tensionamento, conforme premissa de Braga, respostas de outros campos sociais. São reações conseqüentes daquilo que a sociedade faz dos materiais que circulam.

É gigantesca a quantidade de material que tensionou e debateu o filme *O Código Da Vinci*, em várias línguas, nos diversos canais e sob diversos pontos de vista. Como o interesse é discutir a formação e o alongamento dos debates sociais, e como ainda a pesquisa tem responsabilidades para fazer uma verificação, fez-se uma seleção de materiais resultantes desse quadro, optando-se mais por canais do contexto social brasileiro, que atingissem os pontos de vista mais freqüentes, como as discussões da religião, história e cinema. Assim, diante da multiplicidade de materiais conseqüentes de vários grupos sociais, setores que entram no 'debate', reações, posturas, múltiplos modos, é preciso formular e organizar a unidade de análise e entender como esse debate se organiza, selecionando aqueles que parecem ser mais ou menos interessantes.

A seleção foi feita para assegurar diversidade a partir do grande conjunto. O resultante do conjunto de veículos também está a partir da variedade, em torno do filme *O Código Da Vinci*.

- | |
|--|
| 01. Jornal Folha de São Paulo (Folha Ilustrada) |
| 02. Jornal Zero Hora (Caderno Geral) |
| 03. Jornal Zero Hora (Segundo Caderno) |
| 04. Jornal Zero Hora (Caderno Cultura) |

05. Jornal Correio do Povo (Variedades)
06. Documentário <i>National Geographic</i>
07. Rádio Vaticana
08. Revista Istoé (Matéria de Capa)
09. Revista História Viva
10. Revista SET (Matéria de Capa)
11. Revista Veja (Matéria de Capa)
14. Blog Cine RCL
15. Blog Cris Dias
16. Blog Arte de Opinar
17. <i>Site</i> da Paróquia Benedita

Deve ficar claro que não nos ocuparemos de uma análise dos veículos específicos (Jornal Zero Hora, Revista Istoé...) ou de suas preferências ou posições sobre a polêmica. Concentraremos nossa análise nas especificidades das próprias posições e argumentos expressos.

Apresentamos três canais de jornal impresso: a Folha de São Paulo, que tem uma circulação nacional; o Zero Hora, também um canal de ampla circulação; o Correio do Povo, que contém uma circulação mais restrita.

Quanto às quatro revistas, são elas: Istoé e Veja, que correspondem a revistas mais genéricas em seus conteúdos e com maior circulação; as revistas História Viva e Set são revistas especializadas em uma temática específica, como assuntos relacionados à história ou ao cinema, respectivamente.

Um documentário da *TV National Geographic*, que está no suporte audiovisual, reúne outro conjunto de discussão sobre o filme.

Um texto transcrito da Rádio Vaticana do noticiário apresenta outra variedade de formato, específico da Igreja Católica.

Assim, os critérios de escolha do material passaram pela busca de diversidades, seja de canais, de formatos, de falas ou de pontos de vista. Tratam de contraposição de idéias, de aspectos de diversos campos sociais e geram um campo polêmico por debaterem temáticas religiosas.

As falas e os pontos de vista vêm de resultados de uma primeira verificação, de conteúdo dos debates. Embora impressionista, reunir a partir de um levantamento de tônicas distintas que desencadeiam respostas deve ser interessante para o conjunto desse material.

Para visualizar melhor o conjunto de materiais levantados, foram elaboradas tabelas de caráter ainda descritivo, resultante da coleta. Elas apresentam um resumo do material empírico situado a partir do filme *O Código Da Vinci*.

Sobressaem no material empírico os formatos impressos, jornais e revistas; esses dominam os espaços de discussão e detalhamento de idéias. Os materiais audiovisuais e áudio transcrito foram selecionados para apoiar na comparação de formatos e na visualização de debates originados no espaço midiático.

Em todas as tabelas, existe a mesma divisão de colunas. A escolha por apresentar os veículos de forma separada é para uma melhor visualização e distribuição.

A primeira coluna *veículo* corresponde ao veículo e ao formato da mensagem; *formato* está relacionado às variantes de standardização da publicação.

As datas dos materiais se concentram na semana de abertura do festival de Cannes, com a pré-estréia do filme, nos materiais de rádio, jornal e revista. Os materiais que discutiram a ordem da produção se encontram com datas mais espaçadas e, obviamente, posteriores.

A coluna *ênfase polemizadora* foi criada para visualizar os ângulos pelos quais as matérias se apresentaram nos seus próprios espaços. A tônica, como o nome sugere, é o tom que o texto tem ou o enquadramento dado a ele. Ela existe para determinar todo o restante do texto, sendo ela a favor ou contra. Haverá uma abordagem mais detalhada. Um mesmo material pode eventualmente apresentar diferentes ênfases polemizadoras:

- Crítica cinematográfica, quando as matérias são destinadas diretamente a uma discussão do próprio filme, como produção, roteiro, fotografia, etc.;

- *Crítica opinativa*, quando houve discussões a partir do filme de forma genérica e secundária, como fofocas de bastidores, manifestações, etc.;

- Crítica *religiosa*, quando as discussões a partir do filme tensionam o campo religioso, como textos que trabalham com declarações oficiais de igrejas;

- Crítica *acadêmica*, quando houve discussões a partir do filme, considerando os campos acadêmicos, como textos da história e arqueologia.

Ainda aqui, na análise do espaço de circulação do material, cabe comentar que há canais que disponibilizaram grandes espaços e números de páginas em torno desses debates. Muitas das revistas, como destacadas no quadro, tiveram o tema como matérias de capa e primeiras páginas de cadernos jornalísticos, provocando novos agendamentos em outros canais. Por isso, as informações consideradas importantes para descrever o material foram inseridas na coluna *observações*.

Tabela 01. Descrição de matérias a partir do jornal *Folha de São Paulo*

Veículo Jornal	Data / Edição	Título	Enfase polemizadora	Observações
Folha de São Paulo Folha Ilustrada	12 de maio de 2006	“Oscar Niemeyer encontra Dan Brown e Lula em livro.”	Crítica opinativa	Parte do título: “Arquiteto fala de política e de ‘O Código Da Vinci’”.
	13 de maio de 2006	“Autor que acusou Dan Brown investiga os passos de Jesus.”	Crítica religiosa	Texto assinado por jornalista, Eduardo Simões.
	17 de maio de 2006	“Cannes para iniciantes.”	Crítica opinativa	
	18 de maio de 2006	“Ator de ‘Código’ alimenta polêmica com igreja.”	Crítica cinematográfica	Texto assinado por crítico de cinema, Sérgio Rizzo.
	19 de maio de 2006	“Código imposto”	Crítica opinativa Crítica cinematográfica	
	21 de maio de 2006	“‘Código’, o filme é escravo do livro”, entrevista com roteirista do filme.	Crítica opinativa Crítica cinematográfica	
	24 de maio de 2006	“Após protestos, Belarus retira ‘Código Da Vinci’”.	Crítica cinematográfica	
	25 de maio de 2006	“Código do barulho”	Crítica opinativa Crítica cinematográfica Crítica religiosa	Texto com entrevista a teólogo
	28 de maio de 2006	Igreja vê ‘ameaça’, acredita Bellocchio” – entrevista com diretor italiano.	Crítica opinativa Crítica cinematográfica	

Tabela 02. Descrição de matérias a partir do jornal Zero Hora

Veículo Jornal	Data / Edição	Título	Ênfase polemizadora	Observações
Zero Hora Caderno Cultura	13 de maio de 2006	“Decodificando a culpa masculina”.	Crítica opinativa Crítica cinematográfica	Texto assinado pela psicanalista Diana Corso.
Zero Hora Segundo Caderno	17 de maio de 2006	“Cannes sob as luzes de Da Vinci”.	Crítica opinativa Crítica cinematográfica	Texto assinado pela psicanalista Diana Corso.
	18 de maio de 2006	“Crítica recebe 'Código' com frieza”.	Crítica cinematográfica	Texto assinado por enviado especial a Cannes, Luiz Merten.
	19 de maio de 2006	“Código da polêmica” / “Diretor e elenco defendem 'O Código Da Vinci'”.	Crítica opinativa Crítica cinematográfica	Sem assinatura de jornalista.
Zero Hora Caderno Geral	20 de maio de 2006	Nota sobre o Vereador que protestou na bilheteria de Porto Alegre contra o filme O Código da Vinci.	Crítica opinativa	

Tabela 03. Descrição de matérias a partir do jornal Correio do Povo

Veículo Jornal	Data / Edição	Título	Ênfase polemizadora	Observações
Correio do Povo Variedades	20 de maio de 2006	“Manifestações na estréia do 'Código'”	Crítica opinativa	

Tabela 04. Descrição de material do programa exibido na TV National Geographic

Veículo Audiovisual	Data / Edição	Título	Ênfase polemizadora	Observações
National Geographic	Julho de 2006 (exibição)	“O Código Da Vinci revelado”.	Crítica acadêmica Crítica religiosa Crítica opinativa	Programa de TV e DVD

Tabela 05. Descrição de matérias a partir de *Revistas*

Veículo Revista	Data / Edição	Título	Ênfase polemizadora	Observações
<i>Istoé</i> Matéria de Capa	17 de maio de 2006	Capa: “Código Da Vinci, o filme”	Crítica opinativa Crítica cinematográfica Crítica religiosa	Conteúdo em 2 páginas
<i>História Viva</i>	Maio de 2006	“Os códigos do Código Da Vinci”	Crítica acadêmica	Conteúdo em 5 páginas.
<i>SET (capa)</i>	Maio de 2006	“A chave do enigma”	Crítica cinematográfica	Conteúdo em 14 páginas.
<i>Veja</i> Matéria de Capa	17 de maio de 2006	Capa: “O código De milhões”	Crítica opinativa Crítica cinematográfica Crítica religiosa	Conteúdo em 11 páginas.

Tabela 06. Descrição de material da Rádio Vaticana

Veículo Rádio	Data / Edição	Título/Chamada	Ênfase polemizadora	Observações
<i>Rádio Vaticana</i>	17 de março de 2005	“Não existe uma cruzada contra o código Da Vinci”.	Crítica opinativa Crítica religiosa	
	18 de maio de 2006	“Igreja reage ao "Código da Vinci": episcopados de todo o mundo procuram desmistificar teorias de Dan Brown e aproveitam para apresentar verdades fundamentais do catolicismo, perante a falta de cultura religiosa de tantos contemporâneos”.	Crítica opinativa Crítica religiosa	

Tabela 07. Descrição dos materiais da *Internet*

Internet	Último acesso	Título	Ênfase polemizadora	Observações
01. Blog Cine RCL	22/05/2008	CineRcl - Blog Oficial do Programa da RCL	Crítica cinematográfica	Recortes de diversas opiniões cinematográficas de diversos jornais do mundo.
02. Blog Cris Dias	22/05/2008	Deputado quer proibir “O Código da Vinci” no Brasil.	Crítica opinativa	
03. Blog Arte de Opinar	22/05/2008	O Código da Vinci	Crítica opinativa	
04. Site da Paróquia Benedita	22/05/2008	O CÓDIGO DA VINCI. Verdade ou ficção?	Crítica religiosa	

1.3. Objetivos sobre o conjunto empírico

Este estudo de caso consiste em uma abordagem de investigação que trabalha essencialmente com evidências do próprio material para a obtenção de inferências. Esse método não é rígido, porém objetiva um estudo aprofundado, descritivo e analítico. A principal tarefa desta pesquisa consiste em perseguir os caminhos do processo de polêmica na construção da crítica nesse caso de relação de interface comunicação e demais campos, num debate social como a religião, história, antropologia, educação, etc. Esse objetivo geral, de observação direta do caso, orienta a pesquisa para a compreensão do próprio material empírico de estudo.

O objetivo geral é perceber a processualidade polêmica sobre o material midiático das várias falas. Isso corresponde ao fato de que o material midiático, freqüentemente, é interpretado na sociedade como algo do entretenimento e/ou dos assuntos culturais num nível de discussão da arte. Entretanto, nesses casos, ele nasce diretamente no miolo das preocupações da sociedade, que se preocupa com o simbólico.

O conjunto crítico tem o sentido de fatos sociais; os filmes saem do entretenimento e entram no dia-a-dia. O objetivo está ligado a perceber como essas coisas podem ser sujeitas a uma polemização e viram “fatos sociais”, eles correspondem a tomadas de posições.

Os discursos geram ações, posições, opiniões. A partir dos filmes, existem circuitos que discutem e debatem o que está nas críticas cinematográficas, crítica cultural, crítica artística. Mas, nesse conjunto, por mais ficção que sejam, saem e passam a uma questão factual, onde os discursos e debates desses filmes são tão importantes quanto os fatos da vida cotidiana. O objetivo geral corresponde a perceber esses tipos de processo polêmico.

Os preliminares estão em identificar os geradores de polêmica a partir da crítica jornalística nos casos, organizar o material empírico e analisar. A organização do material não se dá a partir de formatos já estabelecidos, mas, sim, a partir do conhecimento do próprio conjunto: criar formas de análises que consigam capturar elementos como as categorias de argumentação para a polêmica.

Como toda pesquisa acadêmica deve dialogar com o campo em que se encontra, por essa razão ela tem como objetivo específico uma construção teórica sobre polêmica, conceitos de crítica e sistemas interacionais sobre a mídia e seus produtos, como é também a discussão teórica entre a construção do fato-ficção para o jornalismo nesses casos. Parecem ter uma ficção na documentalidade; talvez, por isso, as manifestações e opiniões são diversas. Esta pesquisa pretende avançar e contribuir na compreensão de aspectos da crítica jornalística.

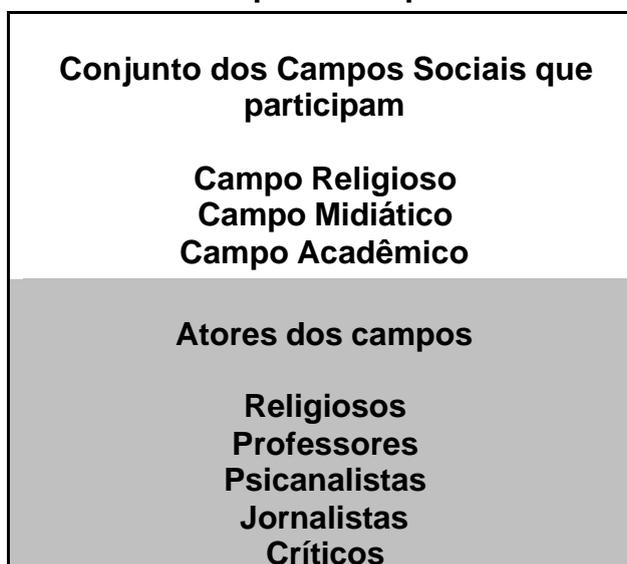
É um caso de interação social midiática. Não se espera um resultado exato ou definido, mas, sim, um mapeamento das interações estabelecidas dos campos sociais no âmbito midiático a partir desse conjunto analítico de críticas.

A análise do material empírico volta-se para percebê-lo como processo de um campo poroso polêmico, que é formado por suas características específicas.

O processo é observado a partir da primeira parte, que é conjunto crítico, que aqui percebemos alguns campos sociais atuando por canais midiáticos, portanto em diversos formatos, posicionando a partir da “crise” de um capital simbólico. A segunda parte está nas especificidades do material, que são os atores dos campos que tomam posições, assumem lugares de fala, dialogam com outros temas, constroem perspectivas sobre si mesmos e sobre os demais campos - há contigüidade e tensionamento.

Resumidamente, visualizamos o processo polêmico estudado da seguinte maneira:

Tabela 08. Descrição ilustrativa do processo polêmico do caso



Que expressam suas idéias e falas a partir de	
Temas	Fatos
Maria Madalena Feminino <i>Opus Dei</i> Leonardo da Vinci Sociedades Secretas Vida de Jesus Cristo	Manifestações Evento de Cannes Público Falas públicas

Continuação da tabela 08

Portanto, há diversos campos sociais atuando num espaço midiático, na disputa para expressar suas idéias. A partir dos campos, temos atores dos campos sociais que se expressam por temas e fatos que passam a permear o tema central.

Primeiramente, os atores correspondem a uma posição do campo social que pertence enquanto uma instituição, que os definem num cenário como o campo religioso, o campo midiático e o campo acadêmico. Porém os atores de um mesmo campo não estão limitados a possuírem a mesma opinião entre si e sobre os demais campos. Esse é o processo que forma o campo poroso polêmico.

O tempo de existência desse campo é indeterminado, porque está sujeito a várias ordens, sejam elas econômicas, de audiência, de necessidade dos campos religioso ou midiático.

A partir da presença de atores sociais e da importância da temática que diz sobre assuntos que pertencem ao social, o processo se torna um fato social. Por isso há temas e fatos; esses geram efetivamente tomadas de posição, critérios de posicionamentos, agendamentos nos espaços jornalísticos, defesa do campo religioso, crítica, novos fatos.

É a partir desse segundo momento que construímos uma análise utilizando parâmetros propostos para estudo de materiais do Sistema Interacional de Respostas:

a) Pontos de vista. Estão diretamente relacionados ao que o objeto diz e ao que a crítica faz;

b) Elementos motivadores da polêmica: objetivos e motivações;

c) A interlocução. Está nas várias propostas de circulação e no alcance dos circuitos de falas;

d) Em decorrência dos procedimentos, cinco aspectos se desdobram como elementos motivadores de interlocução. Seriam elementos derivadores: os pontos de vista, os objetivos, os procedimentos, as interlocuções e os vetores de fluxo.

Tabela 09. Esquema dos parâmetros

1. Ponto de vista, Falantes, e Posicionamentos	2. Elementos motivadores da polêmica: objetivos e motivações. O tensionamento	4. Elementos derivadores: - Ponto de vista - Objetivo - Procedimentos - Interlocuções - Vetores de fluxo
	3. A interlocução relacionada e os circuitos de falas criados. A contigüidade.	

Este esquema pretende mostrar que não existem fronteiras que definem claramente os lados dos parâmetros (por isso uma coluna e duas linhas), mas são organizadores do mesmo processo. É a maneira de tornar co-planares os elementos para serem observáveis e comparáveis, de modo que, mediante o ponto de vista, avançamos sobre o material e percebemos as variações de tensionamento e, conseqüentemente, as contigüidades.

2. CAMPOS SOCIAIS, ATORES E DISPUTA DE SENTIDO

Aquilo que é tomado como real depende fundamentalmente dos grupos e das relações que os grupos sociais fazem. A sociedade está estruturada em grupos sociais, e esses grupos “pensam” a sociedade, e é a partir deles que interagem e reagem. As peculiaridades produzidas nessas relações sociais são o foco de muitas discussões no que define os campos em relação às ciências. Como defendem Berger e Luckmann, *“a socialização realiza-se sempre no contexto de uma estrutura social específica. Não apenas o conteúdo, mas também a medida do <<sucesso>> têm condições sociais estruturais e conseqüências sociais estruturais”* (BERGER, 2005, p. 216). Além disso, a realidade apresenta-se de modo também intersubjetivo: há a interação social na vida cotidiana.

Para os grupos sociais estarem em contato uns com os outros, não necessariamente necessitam de uma instituição formal de comunicação, mas o que é determinante na construção de uma realidade hoje passa diretamente por setores altamente sofisticados de aparatos e dispositivos de linguagem: a comunicação midiática. É pela mídia que se produz boa parte do que participa do conhecimento cotidiano, que é o conhecimento que os indivíduos em sociedade têm sobre o próprio indivíduo e a sociedade⁶.

“A legitimação da ordem enfrenta a contínua necessidade de manter encurralado o caos” (BERGER; LUCKMANN, 2005, p. 141). Porém as diversas

⁶ Berger e Luckmann tratam da realidade objetiva, externa aos indivíduos, e da realidade subjetiva, levando em consideração diferentes processos de institucionalização, a internalização, a legitimação e o universo simbólico, a assimilação e a transmissão do conhecimento. A realidade cotidiana existe; entre as tantas outras realidades há aquela que “se apresenta como sendo a realidade por excelência. É a realidade da vida cotidiana. Sua posição privilegiada autoriza a dar-lhe a designação de realidade predominante” (BERGER; LUCKMANN, 2005, p. 38). Essa realidade está organizada de modo que, ao entrarmos nela, ela estava presente e ordenada.

formas de contar e construir a realidade participam de confrontos e disputas. São confrontos com diferentes Universos Simbólicos⁷.

Isso implica um problema de poder, a saber: qual das definições de realidade em conflito desenvolverá mecanismos para manter seus respectivos universos. *“O que permanece sociologicamente essencial é o reconhecimento de que todos os Universos Simbólicos e todas as legitimações são produtos humanos.”* (BERGER; LUCKMANN, 2005, p. 172), ou seja, as bases estão na vida cotidiana. É a organização social que permite aos definidores fazerem a definição.

Está na “esfera” da realidade da vida cotidiana a disputa de poder, que permite e à qual pertencem todas as formas de conduta e papéis institucionais. O Universo Simbólico fornece a legitimação para a ordem do institucional, outorgando o máximo dessa na hierarquia. O setor institucional é legitimado. *“Devido à sua complexidade e diferenciação, são freqüentemente confiadas a pessoal especializado que as transmitem por meio de procedimento de inicialização formalizados”* (BERGER; LUCKMANN, 2005, p. 130). Isso leva a um processo e a um grau de autonomia em relação às próprias instituições legitimadas. Podem gerar seus próprios procedimentos institucionais.

As trocas de conhecimento, a afirmação da simbólica, a defesa de certas interpretações do mundo passam a ocorrer cada vez mais no espaço da mídia. *“Este campo da mediação obrigatória faz repercutir capilarmente até ao mais íntimo recôndito do tecido social as suas marcas, nada podendo doravante escapar à sua inscrição”* (RODRIGUES, 1997, p. 42).

Ao contrário da natureza própria da legitimidade dos campos sociais pré-moderna, a legitimidade do campo dos *media* é de natureza predominantemente vicária ou delegada. A fonte da sua legitimidade resulta de um processo de autonomização de uma parte das funções de

⁷ São corpos de tradição teórica; integram diferentes espaços de significação; abrangem a ordem institucional em uma totalidade simbólica. “Os processos simbólicos são processos de significação que se referem a realidades diferentes das pertencentes da vida cotidiana. Pode ver-se facilmente a maneira pela qual a esfera simbólica se relaciona com o nível mais amplo de legitimação.” (BERGER; LUCKMANN, 2005, p. 131) No Universo Simbólico, reúne-se todo o conjunto de significados socialmente objetivados e subjetivamente reais; contém o conjunto da experiência humana. Transcende e inclui a ordem institucional. Ele permite a ordenação de forma coerente, que inclui presente, passado e futuro, a biografia, a sociedade histórica; localiza os acontecimentos coletivos, liga o homem com seus predecessores e seus sucessores numa unidade dotada de sentido (memória coletiva) e fornece uma integração dos processos institucionais.

mediação dos outros campos sociais, autonomização exigida pelo processo generalizado de disseminação das esferas da experiência no mundo moderno.

Ao autonomizarem-se nas sociedades modernas, estas funções de mediação constituem-se, no entanto, como uma ordem axiológica própria e, por conseguinte, como esfera legítima autônoma. Corresponde, deste modo, à exigência estratégica de articulação entre os valores legítimos divergentes e por vezes conflituais dos diferentes campos em concorrência (RODRIGUES, 1997, p. 155).

Nos vários campos que compõem o espaço social, interagem forças e atores variados. É por estarem em interação que estes atores e forças não produzem estruturas rígidas, mas que são remodeladas constantemente.

“Há um campo social quando este sistema de relações determina a cada agente, em função da posição por ele ocupada, quais questões devem merecer a sua atenção, que princípios devem ser atendidos, quais os métodos e as estratégias específicas que devem ser empregados” (GOMES, W., 2004, p. 55).

No compartilhamento de um desenvolvimento tecnológico que permite colocar grupos em contatos, há domínios que promovem disputas que podem atingir qualquer campo social, com mais ou menos impacto, por meio de uma linguagem ou produtos que estão dentro desse corpo dos *media*. Esse processo está no mundo numa circulação. Por isso, há uma diversidade de grupos sociais que participam no espaço midiático, pronunciando-se sobre assuntos que foram tensionados na sociedade.

O conhecimento da interação entre os produtos e as instâncias que os apreciam e consomem produziram códigos, modos de organização, regras de produção de sentido, gramática da realização, em suma, lógicas de ordenamento dos materiais para o público de massa, e deram origem às rotinas produtivas adotadas pelas instâncias da realização. Isso vale tanto para os setores industriais que fornecem cultura e entretenimento de massa quanto para aqueles setores que oferecem informação (GOMES, W., 2004, p. 67).

O campo dos *media*, na avaliação de Adriano Duarte Rodrigues⁸, constrói uma autonomia em relação aos outros campos e detém o acúmulo das lógicas, regras e sistemas próprios para a garantia de visibilidade.

Devido ao facto de a modalidade performativa da instrumentalidade atingir hoje os domínios da linguagem e da comunicação, convertem-se em técnicas da informação e adquirem uma dimensão modelizadora autônoma, informando e orientando os projectos e a actividade das instituições, intervindo eficazmente na esfera económica, condicionando a produção e o consumo, comandando e orientando os mercados, gerando as conformidades dos comportamentos, ditando as exigências e a pulverização dos públicos (RODRIGUES, 1997, p. 122).

Para Adriano Rodrigues, o campo dos *media* tem a legitimidade delegada pelos outros campos sociais e, por essa mesma forma, é operada de acordo com os objetivos e interesses dos diferentes campos. É uma “instituição de mediação” autônoma no espaço público, confrontada no conjunto social. Segundo Adriano, autonomização resulta de um duplo processo: “1) do desenraizamento da experiência colectiva; 2) da tecnização do mundo da vida.”

No conjunto das interações sociais, estão os processos discursivos dos *media*, e dentre eles, o discurso jornalístico que está assegurado pelo fato e pela liberdade de opinião. O fato está na ordem do ponto de vista jornalístico; o interesse de projeção é um acontecimento de natureza especial.

A comunicação, para Rodrigues, toma o discurso como estratégia de mediação. Seus estudos da comunicação partem da consideração de que o saber não constitui algo exclusivo das disciplinas constituídas; de que existem pontos de vistas (diante aos discursos) que transformam em parte de estratégias e táticas de legitimação; e de que existe o encaminhamento lógico de trocas de informação.

Essas considerações fazem a base para Adriano, diante daquilo que “participa” é o espaço contemporâneo chamado de comunicação: reúne elementos que discutem e regulam a vida cotidiana; espaço público moderno; experiência coletiva.

⁸ Adriano Rodrigues vê a formação desse campo como resultado da modernidade tardia, sobretudo após a Segunda Guerra Mundial e, efetivamente, a partir dos anos 1980.

Adriano entende o campo dos *media* como

O campo cuja legitimidade expressiva e pragmática é por natureza uma legitimidade delegada dos restantes campos sociais e que, por conseguinte, está estruturado e funciona segundo os princípios da estratégia de composição dos objectivos e dos interesses dos diferentes campos, quer essa composição prossiga modalidades de cooperação, visando, nomeadamente, o reforço da força da sua legitimidade, quer prossiga modalidades conflituais, de exacerbação das divergências e dos antagonismos (RODRIGUES, 1997, p. 152).

O campo dos *media* é uma instituição fluída no corpo social que é regido por princípios da *mediatização*.

A legitimidade específica do campo dos *media* assenta assim na elaboração, na gestão, na inculcação e na sanção dos valores de representação, de transparência e de legibilidade do mundo da experiência no seio de uma sociedade caracterizada pela natureza fragmentada da experiência do mundo. Para tanto procede a elaboração de normas de apagamento cuidadoso e de sistemática obliteração das dimensões simbólicas que integram o processo de enunciação, dimensões simbólicas susceptíveis de pôr em causa o direito à representação e à transparência universal do campo, assim como o de travar ou, pelo menos, de parar o processo de instauração desses valores (RODRIGUES, 1997, p. 155).

Desde o final do século XX, a participação dos processos midiáticos na vida das pessoas e grupos sociais tem sido elevada.

“Embora os processos comunicacionais pessoais, grupais ou intergrupais ainda sejam constitutivos de nossa experiência e de nossa identidade social, não há dúvida de que este novo ambiente simbólico do qual nos fala Castells (1999) corresponde a uma ampliação de nossas bases cognitivas para a interpretação do mundo” (OLIVEIRA, 2003, p. 73).

Isso faz com que outros campos sociais tenham suas lógicas atravessadas pelas lógicas do campo da mídia, que se torna “a principal instância de expressão de normas de conformidade dos discursos e de ações da sociedade moderna, definindo o estatuto dos atores sociais” (OLIVEIRA, 2003, p. 74).

Parece, então, compreensível que a mídia se torne o lugar onde se interpelam atores de vários campos sociais para discutir uma temática originária especificamente do campo religioso, mas que ganha visibilidade pública por meio de um filme amplamente divulgado no complexo sistema midiático.

Obviamente, o campo religioso é o setor de maior foco na discussão existente a partir do filme *O Código Da Vinci*. O campo religioso corresponde a um setor social altamente institucionalizado. É um espaço social que produz o seu próprio tipo de relação, com agentes atuando de acordo com regras internas e específicas.

“A instituição religiosa, se por um lado está afastada das principais ações cotidianas, por outro, detém um quase monopólio daquilo que não importa em nenhum sistema: os elementos subjetivos” (MARTINO, 2005, p. 35). Assim, a religião passa a ser uma referência ao mundo social com as especificidades no subjetivo; seus espaços de relação social estão também no cotidiano, muito além dos espaços físicos da instituição igreja.

A temática do filme, que adapta e apropria bens simbólicos específicos do campo religioso, abre o direito de fala e de reivindicar essa adaptação. A “autoridade” dos assuntos religiosos corresponde ao seu próprio campo, que tem um compromisso com suas lógicas e sua relação com os demais campos sociais. Portanto, esse conteúdo pertence e circula por instituições do campo religioso que autorizam, desautorizam e regulam o uso delas. Assim interpelações diversas iniciam o giro de respostas sociais, num processo em que elementos do campo religioso estão no foco.

Preocupada com a mensagem negativa, a Igreja calculou o prejuízo e considera que o público potencial a ser atingido pela heresia fica em torno de 800 milhões de pessoas. Embora não peça um boicote, o presidente Nacional dos Bispos do Brasil, cardeal Geraldo Majella Agnelo, condenou a ‘maneira leviana e desrespeitosa’ com que estão sendo tratadas convicções tão sagradas para os cristãos (CLAUDIO, Ivan. *Istoé*, maio de 2006).

A construção de Ivan Claudio na revista *Istoé*, apresentada por notícia, caracteriza uma posição e atores específicos do campo religioso que falam em nome

da instituição religiosa (Igreja Católica). Ela existe a partir da lógica jornalística, mas especifica que o campo religioso condena e reivindica a utilização de um bem simbólico que pertence aos cristãos e por eles não está sendo aprovada.

Isso corresponde a uma processualidade complexa, a partir da forma com que cada resposta constrói seu ponto de vista, ou seja, o campo religioso constrói sua fala e seu direito de fala a partir de suas lógicas, ao mesmo tempo que cada campo pode fazer interpelações a partir de seu lugar de vista.

O jornal *Folha de São Paulo* faz uma entrevista no Festival de Cannes com o diretor Bellocchio, que comentou o filme:

“A Igreja Católica está preocupada em perder sua autonomia. [...] A hipótese de que São João fosse Maria Madalena, que era amante de Jesus [presente no Best-seller ‘O Código da Vinci’], é algo que faz rir. Mas o livro vendeu mais de 40 milhões de exemplares. Como isso se explica? É que as pessoas estão à procura desse mistério. Mas a Igreja Católica quer que o mistério fique circunscrito aos muros do Vaticano, sem dividi-lo com ninguém.” (**Folha de São Paulo**, 28 de maio de 2006).

O ponto inicial que desencadeia o processo polêmico deste caso está em apresentar elementos contraditórios das maiores tradições da igreja cristã a partir do filme. Diz respeito à ordem da *Opus Dei*, do comportamento de Papas na história da humanidade; apresenta sociedades secretas, aspectos da história da arte e afirma que Cristo teria descendência.

São elementos de capital simbólico que pertencem à Igreja Cristã e ao campo da Arte. Isso está entrelaçado no conteúdo do filme. A partir desse elemento, é feita adaptação cinematográfica que no campo midiático se debate.

Os campos sociais que entram no giro de crítica são:

- 1- Midiático,
- 2- Religioso Cristão,
- 3- Acadêmico.

A lógica do processo funciona a partir do campo midiático. É do campo midiático que o filme surge e se adapta, e é nele que se debate e acontece o processo polêmico. Mas não é o campo midiático por si só que ocorre num processo de discussão. Ele convoca e é convocado por outros campos e seus atores.

O *Código Da Vinci* ganhou espaço na imprensa e na esfera de discussão pública. A participação na construção de falas por vários campos sociais legitimaram o espaço da mídia, transformando-o num espaço de debate social.

A mídia não está simplesmente circulando temas e fatos dos campos sociais diversos, derivados dessa produção cinematográfica. Ela também participa pela crítica, por convocações e gerenciamento do espaço de debate e circulação que se constitui. Não é uma discussão apenas cinematográfica, o que talvez seria mais natural, mas uma circulação demarcada por diversos setores sociais.

O processo de circulação não está simplesmente na teoria clássica de emissor e receptor; há um movimento muito maior e não-linear. É o que Braga procura clarear pela definição de um sistema de resposta social, que é formado socialmente no giro das interpretações em interação com os produtos midiáticos.

O campo acadêmico vem por construções no debate que tentam ser processadas em mostrar o máximo de “lados” e falas, ou ainda, na idéia de observar e tentar criar posições “válidas” num cenário onde não há um consenso. Assim há participação de professores do campo da arte, história, semiótica, teologia, como também há essa circulação sendo apresentada em espaços fisicamente acadêmicos.

2.1. Atores de campos e lugares de fala

Os três campos apresentados definem pontos de participação no conjunto das discussões. Eles estão constituindo um cenário onde há uma circulação social. A partir dessas circulações, posições e grupos de falas, começam a ser formados. Esses três campos correspondem a um aspecto institucional que “ordena” o processo.

Mas no espaço que está sendo construído do processo polêmico, diversos atores sociais manifestam – não se limitam a esses três campos. Qualquer espectador que se manifeste na mídia, provocado pela produção ou pelas próprias falas midiáticas, pode corresponder a esse aspecto.

Essas falas são encontradas, em sua maior parte, nos setores midiáticos onde há uma ausência de um grupo maior da mídia enquanto instituição. São espaços de fácil ingresso e fortemente encontrados nas páginas de *Internet*, como *blogs*, pequenos *sites* de crítica, nos quais o espectador faz seus comentários e se posiciona.

Nesses setores, as falas não precisam necessariamente ter um rigor argumentativo, como parece existir nos setores institucionalizados, como há no jornal Folha de São Paulo, ou na revista Isto É. Assim acontece no Blog Arte de Opinar, por um espectador que constrói uma posição sobre o filme: *“Fazendo eu parte daquela minoria que teimou em não ler O Código da Vinci, de Dan Brown, confesso que me sinto muito tentado a dar uma saltada ao cinema, quanto mais não seja porque teve o condão de irritar os senhores do Opus Dei. Para já, “let’s look at the trailer!”* (Disponível em: <http://arte-de-opinar.blogspot.com/2006/05/o-codigo-da-vinci.html>). Acesso em: 17 de maio 2006).

A partir desse cenário, não só temos campos sociais se exprimindo por meio de “vozes autorizadas”, mas também atores de diversos campos que passam a tensionar e construir falas desencadeando um circuito. Essas falas disputam “espaços” com maior ou menor comprometimento argumentativo, o que passa a constituir um campo polêmico fora do consenso geral.

Num campo social, os atores se movem de maneira a conquistar o capital específico do campo. *“O valor de cada indivíduo se estabelece em função do bem ou recurso considerado fundamental no sistema social de que faz parte. Quanto maior for a posse de tal recurso, maior o poder simbólico ou o capital acumulado”* (GOMES, 2004, p. 53). *“Reputação, prestígio, autoridade, competência – ou o reconhecimento da ausência disso tudo – são formas de distinção que se aplicam tanto aos indivíduos”* (GOMES, 2004, p. 54).

De forma comparativa, podemos observar essa intensidade das falas que apresentam especificidades quando estão num espaço da instituição formal, como

num canal midiático, ou quando estão num *blog*, onde não há o comprometimento argumentativo. Até mesmo em falas pontuadas, a instituição assume um compromisso com atores “responsáveis” para falar do filme.

Que fique claro. *O Código da Vinci* é um romance, e como tal, teria direito de inventar o que quisesse. Além disso, é escrito com habilidade e o lemos de um só fôlego. Nem é grave que o autor de início diga que o que nos conta é verdade histórica. Só faltava essa! O leitor profissional está acostumado a esses apelos narrativos à verdade, fazem parte do jogo ficcional.... quando a parte católica explica que todas as informações que o livro contém são falsas, podem acreditar (Umberto Eco, **Veja**, maio de 2006).

Umberto Eco participa com sua fala no espaço da Revista *Veja*, que está com o comprometimento formal da argumentação em apresentar autoridades e, obviamente, “falas” que serão respeitadas. Nessa mesma reportagem, não só Umberto Eco, semioticista, participa, mas autoridades da Igreja, grandes escritores e professores.

De outro modo, a circulação da instituição não-formal, midiática, tem um caráter do anonimato ou desconhecimento do agente, porém, nesse espaço, ele livremente manifesta e constrói sua fala:

Não li a obra de Dan Brown, mas "O código Da Vinci - o filme" é muito chato. Curador do Louvre é morto e deixa pistas sobre seu assassino no próprio corpo. A partir daí, perseguições e revelações vão se revezando na tela, sem criatividade nem surpresas. Mais de duas horas e quase uma dezena de bocejos depois, assisto ao final mais broxante dos últimos tempos. Tom Hanks e Audrey Tautou estão no piloto automático. É Paul Bettany - com seu monge atormentado - quem mais toca o público, numa interpretação intensa e correta. Mas só isso não salva esse projeto de centenas de milhões de dólares. Para isso, só um milagre ou um outro roteiro ou um outro diretor ou um outro filme (Disponível em: <<http://www.crisdias.com/2006/05/11/deputado-quer-proibir-o-codigo-da-vinci-no-brasil/>> Acesso: 23 maio 2006).

A partir desse primeiro comentário no *site*, dez outros atores comentam, reagindo e se posicionando. Utilizam-se de referências da própria mídia e constroem argumentos de diversas perspectivas. Essa interatividade é característica do espaço da *Internet* e também a partir da proposta que um *Blog* tem. A intenção de citar tal

material não é uma discussão de todas as falas ou das especificidades do canal, mas de perceber circulações diferentes, sendo processadas a partir de uma temática originada na mídia, e um outro campo, polêmico, sendo formado.

O campo é um “*espaço estruturado de posições, ocupadas por agentes em competição, cuja lógica de funcionamento independe desses agentes. Dessa forma, o campo se define primeiramente como espaço, lugar abstrato, onde haja o pessoal especializado no jogo pela conquista da hegemonia*” (MARTINO, 2005, p. 32). Nota-se que um espaço começa a ser formado por atores sociais distintos que entram no circuito de falas na disputa de posições.

“*O princípio da dinâmica de um campo depende da configuração específica de sua estrutura, das distâncias entre suas posições, das forças que definem os capitais específicos e os troféus em circulação a serem conquistados*” (MARTINO, 2005, p. 33).

Quando o jornalismo busca os outros campos para falar sobre *O Código Da Vinci*, o faz procurando um representante desses campos, que tenha posse deste capital. Já quando as “pessoas comuns” procuram o espaço da mídia para discutir questões relacionadas ao filme, o fazem não necessariamente sendo dotadas do capital do campo ao qual se sentem ligadas (no caso, na maioria das vezes, o campo religioso).

Por isso, ao olhar *O Código Da Vinci* e verificar a configuração de um campo da polêmica, é interessante recorrer ao conceito de “lugares de fala”, de José Luiz Braga.

Toda fala é uma interpretação interessada de uma situação-problema, completamente composta de fatos, de natureza social, fatos físicos, questões psicológicas. Ao interpretar – e portanto dizer – esta situação, a fala não propõe simplesmente uma tomada de posição em um espaço visto como neutro ou assumido como real. Ela implica o modo de ver a realidade na qual a posição é tomada – e eventualmente distribui também as falas em decalagem com relação a esta perspectiva. Em síntese – uma fala produz uma resposta e o lugar em que esta resposta faz sentido (BRAGA, 2000, p. 170).

Um particular interesse no trabalho do autor, neste momento, é a afirmação de que *“raramente um lugar de fala é inteiramente ‘inaugural’ – os lugares de fala vão sendo produzidos pelo concurso das ações discursivas e transdiscursivas. De tal forma que o lugar específico de uma fala – sua articulação específica com aquela situação com que se relaciona – pode ser freqüentemente referido a construções já definidas”* (BRAGA, 2000, p. 172).

3. CIRCULAÇÃO SOCIAL DE O CÓDIGO DA VINCI E A CONSTITUIÇÃO DE UM CAMPO DA POLÊMICA

O campo da polêmica formado a partir da circulação social de *O Código Da Vinci* é constituído a partir do debate entre atores advindos dos outros campos sociais. Por isso, é um campo fluído e heterogêneo, que só se sustenta enquanto permanecem as disputas em torno das ações ou falas que deveriam ser consideradas verdadeiras ou mais plausíveis. É um campo fluído por materializar-se apenas na dinâmica da circulação de idéias, sem institucionalizar-se.

É enquanto circulação social que esse campo reúne diversos segmentos sociais que, em outros momentos, não se manifestariam midiaticamente. É da especificidade do conteúdo e da relação que a sociedade faz que diversos atores e grupos sociais interajam: “A *instituição americana Organização Nacional pelo Albinismo e Hipogmentação (Noah)* anunciou que fará manifestações nas portas do cinema” (CLAUDIO, Ivan, **Istoé**, maio de 2006). Também é pelo fator midiático que grupos tão específicos da sociedade se deslocam, criando uma percepção de seu próprio campo e dos demais.

Essas circulações constroem e são construídas pela esfera do jornalismo e da esfera pública, que vão assumindo perspectivas. Um campo polêmico⁹ começa a ser traçado no ponto em que há desentendimentos na discussão gerada por questões controversas de várias ordens.

⁹ A origem do nome Polêmica vem do grego *polemos* (guerra). Nessa relação, há partidos ou lados ativos, discussões, discordâncias e debates. As formas de polêmica podem variar desde grupos pequenos a discussões de massas como a violência, a opinião política, as referências a regimes fascistas, ao profano, a sexualidade, a utilização de drogas e, em certos casos, chegando a extremos, como o *odium theologicum*, nome em latim para designar o rancor gerado pelas disputas entre as teologias. Há um nível, portanto, em que a polêmica gera ruptura e conflito.

3.1. A polêmica na crítica jornalística de *O Código Da Vinci*

No campo da comunicação de massa, nos interesses econômicos e de audiência, a polêmica pode ser vista como parte das estratégias na construção de sentidos e nos jogos para alcançar os objetivos. Uma sociedade massiva, com grandes conexões sociais, com técnicas modernas dos meios de massa, pode ter seus grandes públicos facilmente persuadidos, e essa relação do que é tomado como verdadeiro e não pode ser espaço de constituição polêmica.

É o que deriva desse conjunto observado, que é considerado como crítica. Os materiais apresentam diversos formatos e, internamente, diversos procedimentos argumentativos críticos. O que é interessante no processo que constitui um espaço polêmico é exatamente o grande desentendimento de uma temática que não é discutida nos mesmos níveis. O campo polêmico só é possível como resultante desse procedimento. Alguns constroem sua fala numa comunicação mais diplomática, que constrói argumentos de maneira não-autoritária, possivelmente gerando aprendizado; outros geram tensão por construir falas a partir de pontos de vista específicos.

A crítica jornalística está na categoria daqueles que coletam, analisam, verificam, confrontam e apresentam opiniões a respeito de eventos atuais, das tendências, de edições, de filmes e de produtos culturais que provocam impactos sociais por suas discussões e circulações. Dizer sobre polêmica e crítica jornalística num contexto de comunicação de massa é falar sobre elementos muito próximos, porque um se alimenta do outro, e as práticas midiáticas se mantêm na conquista da maior circulação. Embora seja um gênero voltado para a interpretação, com o movimento de operar na via de fornecer prazer às audiências, está também na indústria de entretenimento.

O Código Da Vinci é discutido a partir das lógicas de entretenimento, mas também recebe um debate diferente do que é costume de uma circulação cinematográfica.

Embora a crítica jornalística cinematográfica não tenha como fim uma preocupação com o debate social, nestes casos, parece ser possível encontrar elementos que movimentaram debates e circulações. O filme não só ocupa os

espaços de crítica cinematográfica como processa no espaço jornalístico temáticas específicas, fazendo o agendamento.

As teorias do jornalismo observam os movimentos que essa construção faz no ambiente social (impacto social), envolvendo questões como o *agenda-setting*, que os *media* fazem na esfera pública, sobre as pautas à sociedade. Esse impacto social apresenta uma característica além daquelas ligadas aos interesses de conquista de audiências, que aqui, neste contexto, está associada à polêmica na crítica jornalística. Há um jornalismo “construtor do real”, ou pelo menos aquilo que é tomado como um consenso a uma grande maioria como verdadeiro, que, embora apoiado por uma ênfase mercantilista, pode representar interesses e opiniões diversas, participando da construção social.

Evidentemente, a polêmica ocorre num espaço de opinião, por estar fora das certezas e, assim, é furo de notícia para o campo jornalístico. Basicamente, parece comportar como polêmica por ter, no mínimo, dois pontos de vista sobre o mesmo assunto.

Inicialmente, tendia a compreender a polêmica num processo que geraria resultados positivos, sendo encarado como positiva apenas aquela polêmica com a argumentação de uma construção acadêmica, de formatação rígida, de uma discussão coerente ou harmônica. Mas a polêmica existe justamente por não ser harmônica e ter lados de opinião. Ela já é positiva só por existir, e, mesmo que não se chegue a um consenso, ela gerou ganhos porque houve circulação.

A polêmica acontece por haver crise. Não se resume em ponto de vista único; cada campo também pode ter variantes em sua opinião, e assim voltamos a observar a dinamicidade de um processo interacional.

Essa dinâmica polêmica insere diretamente um problema de crise argumentativa nas instituições, que corresponde às organizações que operam com mecanismos sociais e controlam o funcionamento da sociedade e indivíduos. Nestes casos, inicialmente, estão ligadas as instituições religiosas, acadêmicas e históricas.

Temos, então, um objeto midiático polêmico, em que a sociedade interage em diversos setores (não exclusivamente midiáticos). É um estudo de caso sobre a mídia que tem a polêmica acionando diferentes posições e pontos de vista na sociedade sobre o objeto. Esse objeto gera, então, uma circulação dentro do fato. O

fato de polemizar estimula a gerar a proliferação de falas, posturas, opiniões e reações “sobre” e “a partir” do material. Interessa, enquanto uma pesquisa da comunicação, saber como tais objetos “entram” na sociedade.

O campo polêmico é produzido a partir de diversas falas sobre um mesmo assunto em torno do filme. Essas falas percebem os outros campos de forma diferente, que são assumidos a partir de lugares de fala que se propõem participar da disputa para a conquista e defesa de capitais.

Os assuntos polêmicos mais freqüentes em torno do filme são:

- Maria Madalena, se era casada ou não com Jesus Cristo;
- A *Opus Dei*;
- Igreja Católica;
- O feminino ao longo da história;
- Leonardo Da Vinci;
- Sociedades Secretas;
- Adaptação do livro para o filme.

Essas temáticas são agendadas a partir de pontos de vista muito distintos dos campos. Há momentos em que o debate se intensifica em lugares de fala que se posicionam em assuntos específicos de outra esfera.

A Igreja Católica deveria ficar lisonjeada com o livro; afinal, ele dá a essa instituição um poder que ela já não tem. A força que ela ganha nessa trama já faz parte de seu passado, e pelo andar de sua política não a recuperará tão cedo. O Código faz parecer que em seu seio houve lugar até para a gestação da ascensão da mulher. Por isso mesmo é tão importante no livro o contraponto com o grupo Opus Dei, que representa o que de mais retrógrado a igreja tem (CORSO, Diana, **Zero Hora**, 13 de maio de 2006).

Diana Corso é Psicanalista e membro da Associação Psicanalítica de Porto Alegre. Escreve um artigo jornalístico que está em um lugar de fala. Ele se constitui e é constituído pelos campos. A fala desse artigo está numa crítica específica do cinema; está inserido no espaço que o jornal apresenta como “cinema”, falando de um lugar que não corresponde ao usual dos críticos de cinema. Ela, enquanto

participante social, posiciona-se sobre o campo religioso e sua participação na sociedade. Fala sobre o *Opus Dei* e a “política” religiosa.

Não cabe aqui fazer julgamentos de valores, mas o interesse é observar como os campos percebem os demais campos. E a característica desse campo polêmico poroso está nas diversas percepções dos diversos campos, sendo projetadas no espaço midiático.

Os diversos assuntos entram no giro de percepções distintas dos campos; por isso, temos atores se manifestando de diversos lados. O agendamento ocorre na tentativa de criar consenso pelo menos em definições de grupos. O campo polêmico, jornalístico de *O Código Da Vinci* acontece por falas de vários assuntos. Os diversos campos posicionam-se e, por um tempo indeterminado, podem debater.

Até o fato da grande circulação midiática do filme *O Código Da Vinci* é percebida pelos atores e grupos de fala: “*Muito barulho por nada.*’ *Foi com o nome de uma famosa comédia de Shakespeare (Much Ado about Nothing) que o L’Osservatore Romano, o jornal do Vaticano, deu o título à resenha ‘O Código da Vinci’, que publicou anteontem*” (**Folha de São Paulo**, 25 de maio de 2006.)

O enquadramento dado aos materiais vem de uma natureza de discussão crítica, portanto uma discussão que forma lados interpretativos, mas, dada a natureza do objeto, levou também proposições opinativas em torno do filme *O Código Da Vinci*.

Dentro dos assuntos que se tornaram pautas de grandes discussões jornalísticas em torno do filme, também há uma divisão a partir dos fatos mais freqüentes:

- Manifestações,
- O evento de Cannes,
- Leituras do público,
- Falas públicas.

O filme, por si só, não seria suficiente para sustentar argumentações críticas; ele precisa de lados que o alimentem. Várias argumentações surgiram, dando giro a essa diversidade no material. Os fatos que se transformaram em

notícias, como referências para debates, estão no interesse geral, mesmo aqueles fatos que circularam como apenas notícias.

3.2. A crítica dos produtos midiáticos e o sistema de resposta social

O ponto comum que insere a polêmica nas categorias de um sistema de resposta é a forma de interação social com a mídia: ao ser tensionada, provoca variedade de falantes e, nisso, está sua grandeza.

A variedade de falantes nem sempre é natural. Alguns recebem o caráter de “necessidade de fazer opinião” como a necessidade de resposta social do campo religioso, diante de um roteiro que a insere em uma discussão fato-ficção.

José Luiz Braga apresenta o sistema de resposta a partir da relação e interação da sociedade sobre a mídia e seus processos e produtos: *“é um sistema de circulação diferida e difusa. Os sentidos midiaticamente produzidos chegam à sociedade e passam a circular nesta, entre pessoas, grupos e instituições, impregnando e parcialmente direcionando a cultura. Se não circulassem, não estariam ‘na cultura’”* (BRAGA, 2006, p. 27).

É uma proposta teórica na comunicação, uma teoria em que o problema comunicacional corresponde à idéia de teoria desenvolvida no próprio campo e não necessariamente “teorias gerais” de comunicação.

A hipótese do estudo de Braga tem a perspectiva dos processos midiáticos gerados pela dualidade Sociedade e Mídia. Destaca que esse terceiro sistema é tão “complexo e multifacetado” como os outros processos da produção e da recepção. Quando se trata da circulação de sentidos,

[...] o que importa mais é a circulação posterior à recepção, ou seja, uma vez completada a processualidade mais diretamente ‘econômica’ (ou comercial) do processo, do ‘fazer chegar’, os produtos não são simplesmente ‘consumidos’ (no sentido de ‘usados e gastos’). Pelo contrário, as proposições ‘circulam’, evidentemente trabalhadas, tensionadas, manipuladas, reinseridas nos contextos mais diversos (BRAGA, 2006, p. 28).

Essa circulação tem relação com as pessoas que estabeleceram contato com o mesmo material midiático. Elas, de forma mais diversificada, operam e dimensionam o que foi circulado, caracterizando assim um terceiro sistema.

É também uma segunda ordem do processo diante do que a sociedade faz com a mídia. É um trabalho dinâmico de respostas. Braga apresenta variantes que podem existir diante dos sistemas e subsistemas na relação de fluxo e articulações com seus componentes. Podem existir instituições formalizadas e instituições informais, como agregados de grupos, idéias e objetos, mas fazem um conjunto que percebe a realidade.

“Não se trata de ações sociais formalmente concertadas, e sim de processos que, independentemente de sua origem, autoria e instituição, realizam no *contexto social* uma mesma funcionalidade sistêmica, com similaridades básicas de comportamento e resultados” (BRAGA, 2006, p. 30).

É uma relação processual. Ela envolve setores da sociedade e ações a partir de produtos da mídia: o *terceiro sistema de processos midiáticos* sendo uma forma em que a sociedade se organiza para tratar da própria mídia, “*desenvolvendo dispositivos sociais, com diferentes graus de institucionalização, que dão consistência, perfil e continuidade a determinados modos de tratamento, disponibilizando e fazendo circular esses modos no contexto social. A própria interação com o produto circula, faz rever, gera processos interpretativos*” (BRAGA, 2006, p. 36).

Os estudos no Sistema Interacional propõem, como hipótese prospectiva, as atividades de respostas (no sentido interacional): uma resposta diferida e difusa.

O Sistema de Resposta não é necessariamente um sistema de retorno ou crítico. Esses estariam dentro do Sistema de Resposta como uma de suas possibilidades.

O Sistema de Resposta ainda se caracteriza como um sistema de circulação ao lado dos sistemas de Produção e de Recepção. É a circulação posterior à da produção e do consumo. No caso das mídias, está nos sentidos que passam a circular depois da recepção.

A proposta de Sistema Interacional de Resposta é perceber dispositivos sociais que se manifestam para além do elemento social da Recepção. É uma espécie de socialização da recepção por meio de dispositivos (que são matrizes organizadas de falas).

“É relevante, para percebermos o sistema de interação social sobre a mídia, que a circulação de produtos midiáticos na sociedade não se faz apenas como ‘escolher e acolher’, segundo critérios culturais anteriores, mas gera um trabalho social dinâmico: respostas” (BRAGA, 2006, p. 29).

Esse processo é dinâmico porque relaciona diversos componentes do sistema social em diversas ordens de ação e reação. O interessante de esse *sistema de resposta* ser examinado é sua própria dinamicidade que não se faz formalmente ou fechada; ela **decorre** da ordem dos setores da sociedade e da ordem dos produtos da mídia, e aqui é um conjunto observável.

São diversas as interações sobre a mídia e diferentes os formatos. No conjunto do material empírico, o processo de produção de reações é o formulador do conjunto para uma defesa do que é tomado como uma circulação. O interesse em compreendê-lo está no que é tomado como *polêmica*.

As observações de campo, feitas por Braga, constam diversos dispositivos sociais para compreender o sistema de respostas sociais (diferidas e difusas), como a crítica, os controles da mídia, o retorno e outros, sabendo-se que esses tipos de ação podem ser ainda de outros tipos.

A polêmica está na prática de provocar disputas em diversos campos. Dentro da comunicação, a polêmica é uma ferramenta do sistema de retorno; o ângulo em que está sendo inserida a abordagem não se confunde com os processos de produção e recepção e, sim, com uma dinâmica articulada, entre eles.

A diversidade de canais de ponto de vista e ampla circulação demonstra um objeto em tensionamento, uma forma que os grupos sociais organizaram para interagir sobre o que a mídia veiculou no caso do cinema. Independente de julgamentos de conteúdos, os resultados tornam-se positivos na medida em que se fazem circular dentro da sociedade ações comentadas, derivadas do sistema de respostas.

Essa é a abordagem do material empírico, a partir dos seus funcionamentos, que não ocorrem de forma visível. A polêmica não acontece de uma forma direta, rígida e previsível, como uma resposta automática. Ela se comporta de maneira não-harmônica, que joga entre a produção midiática e os sistemas interacionais.

Como exemplo desse jogo entre a produção e os sistemas interacionais, observa-se um *blog*, que faz referência a uma notícia veiculada por um *site* de notícias, a Folha *On-Line*, correspondendo ao jornal na *Internet* da *Folha de São Paulo*.

“O deputado federal Salvador Zimbaldi (PSB-SP) quer impedir que o filme “O Código Da Vinci”, inspirado no best-seller de Dan Brown, seja exibido no Brasil (<http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u60292.shtml>).

Segundo ele, “a obra é uma afronta à fé cristã”, já que coloca em xeque as histórias oficiais de Jesus Cristo e de toda a Igreja Católica. O filme tem estréia marcada para dia 19 deste mês. [...] O deputado nega que esteja tentando censurar o filme. “Não há censura neste caso, mas sim defesa da verdade. O direito de um termina onde começa o de outro”, afirma. E, aparentemente, uns têm mais direitos do que outros” (DIAS, Cristiano. Disponível em: <<http://www.crisdias.com/2006/05/11/deputado-quer-proibir-o-codigo-da-vinci-no-brasil/>>. Acesso em: 11 maio 2006).

Na função de um *blog*, há espaços para comentários diversos dos internautas que o freqüentam. Assim, a partir de uma referência de uma instituição midiática, a notícia veiculada no jornal *Folha On-Line* é levada a um outro segmento *blog*. O *blog*, aqui, está sendo compreendido como um canal de retorno que tensiona a primeira circulação em torno da notícia e do fato de que o deputado federal Zimbaldi tem a intenção de impedir a veiculação do filme *O Código Da Vinci*.

Dezoito comentários foram escritos no *blog* a partir da manifestação de Cristiano Dias, comentários críticos de lados diferentes que constroem suas argumentações de forma livre.

O primeiro comentário faz uma referência de observação de campos: “*Socialista defendendo a fé cristã... no final acho que esse senhor não é nem um nem outro. ‘Defesa da verdade’ hahahahahahahahahahahahaha*”. A crítica constrói uma percepção de campos. Como leitor, ele manifesta o que considera

equivoco a um deputado do partido socialista defender um filme que critica a fé cristã.

O comentário de número quatro no *blog* apresenta um ator social que identifica a mesma notícia veiculada em outros canais. Ao mesmo tempo que ele constrói seu posicionamento, é possível identificar como ele percebe os outros campos.

Esse sujeito deu entrevista 2 manhãs atrás na CBN, por volta das 7h30 ... Mas o Heródoto Barbeiro “detonou” ele.. não há argumentos plausíveis para uma proibição como essa.. Seria a volta de ditadura, se ele conseguisse a proibição..

E outra coisa.. eles consideram a fé cristã tão “frágil” assim, a ponto desta fé ser abalada por um filme?

O Heródoto ainda perguntou se o deputado oportunista pensou em proibir o livro, quando ele chegou aqui.. o mesmo disse que não, já que o alcance do livro era menor.. ou seja, como somos um país de burros e ignorantes, o livro pode, porque “pouca gente” vai ler mesmo..

Está presente, no sistema de retorno, uma percepção freqüente sobre a produção midiática, no caso das notícias produzidas nos espaços jornalísticos. Quando esse comentador apresenta outros relatos do mesmo fato na mídia, ele está fazendo essa referência, ao mesmo tempo que percebe como cada campo tratado pensa os demais.

Para completar o exemplo a partir de um sistema de retorno, o comentário de número quinze apresenta outro lado dos posicionamentos, lembrando que, na construção de um *blog*, os comentários seguem a ordem em que é escrita em horários. Portanto, a ordem numérica é fundamental. Um comentário também pode suceder outro, não necessariamente o primeiro comentário:

Eu sei onde está a minha fé que e no senhor Jesus ele sim e meu salvador, pois como posso saber? Sinto e sei que você também sente, então não qualquer lixo que eles lançam na tv ou no cinema que vai abalar minha fé, e hoje não e diferente dos tempos de Jesus vão sempre falar dele tentado desmentir sua perfeita obra aqui neste mundo mas como não sou deste mundo não me abalo com certos lixos que lançam porai eu deixo nas mãos dele pois sei que cedo ou mais tarde ele vai passar para limpar esta sujeira que DEUS VOS ABENÇOE!!!!!!!!!!

Esta fala demarca fortemente uma posição ao que está sendo discutido e não mais a atenção no foco sobre o deputado que quer proibir a veiculação do filme. Numa crítica em que as instâncias da TV e do cinema estão produzindo um posicionamento marcado numa linguagem religiosa.

Este exemplo, um pouco mais extenso que os demais, ajuda a defender a utilização dos sistemas interacionais de Braga. Implica uma circulação que identifica como a esfera pública e a esfera do jornalismo se percebem. É nesse jogo que ocorre o que está sendo tratado aqui como polêmica.

Os consensos ou os desacordos são estabelecidos pelos universos de referência de cada ator ou grupo de fala. Essa etapa permite ver as construções dos diversos universos e das referências comuns a quem consome e a quem as produz. Se há construções como apelos aos pontos de vista e valores de referência, significa que não houve acordo ou consenso entre os universos.

Essas falas se tornaram fato social porque foram assumidas como tal. Reuniram diversos campos por propostas de interpretação de discussão de diversos níveis e tomadas de posição, sejam políticas, religiosas, históricas, etc.

Assim, a reunião desses casos procede da formação da crítica, numa circulação que aqui é identificada como polêmica; recorta e forma o ambiente de interesse que está observando como essa polêmica foi gerada, como alimenta o processo da crítica jornalística, como reage como constituidora de debate social e que, ainda, retorna aos diversos setores que “alimentaram” a construção nos campos sociais que dele participaram.

4. O CAMPO POLÊMICO EM TORNO DE O CÓDIGO DA VINCI

Este capítulo pretende avançar sobre os parâmetros analisados no material empírico, em torno da polêmica do filme *O Código Da Vinci*. A estrutura da análise desdobra-se em dois momentos dinâmicos e em processualidade. O primeiro trata mais dos aspectos de constituição do espaço polêmico no caso, e o segundo versa mais sobre aspectos de instauração, numa dinâmica voltada ao que é o campo polêmico em torno do filme e ao que se faz na polêmica em torno do filme. Para isso, este capítulo analisará a constituição do campo polêmico. Num segundo momento, no capítulo 5, tratar-se-á da constituição desse espaço e da continuidade da análise.

4.1. A variedade de falas

A discussão feita sobre o filme *O Código Da Vinci* aparece desde o acompanhamento realizado no festival de Cannes 2006. O filme não concorria a premiações, mas estava abrindo o festival com sua pré-estréia.

Na semana anterior ao lançamento, a mídia discutia o conteúdo a partir do livro que já estava em circulação desde 2004 no Brasil (Nos EUA desde 2003). Havia um grande mistério em torno do filme. Não houve nenhum teste de público, e os únicos materiais disponíveis eram os utilizados para atender a divulgação. Logo após a estréia, o filme recebeu críticas negativas que precisaram ser respondidas, envolvendo todos aqueles que assinaram o material e que estavam no cenário de Cannes. Assim, a obra foi tomando cada vez mais espaços dentro dos cadernos jornalísticos direcionados a Cannes, que discutiria os filmes candidatos a premiação.

Em outros espaços não-institucionalizados, a circulação de falas também ocorreu, discutindo-se campos e diversos temas que a temática do filme pode

sugerir. Esses lugares não-institucionalizados se dão, por exemplo, em *blogs* e *sites* de discussões.

O material desta Dissertação está selecionado a partir daqueles que parecem ser mais interessantes na observação dos movimentos polêmicos. Por isso, não se concentra na pesquisa exclusiva de um único canal midiático e, sim, observa partes de vários canais que vão tecendo diálogos e reações diante dos acontecimentos em torno do filme.

O enquadramento dado aos materiais vem de uma natureza de discussão crítica, portanto uma discussão que forma lados interpretativos, mas, dada a natureza do objeto, levou também proposições opinativas em torno do filme *O Código Da Vinci*. O filme, por si só, não seria suficiente para sustentar uma argumentação; esta precisa de lados que o alimentem. Várias argumentações surgiram, dando giro a essa diversidade no material. Constatou-se o tensionamento pela diversidade e quantidade do material de lados e falas que vão circular, constituindo assim o tratamento dado ao filme no sistema interacional de resposta.

A interlocução cria os vários circuitos que possibilitam a contigüidade. Está também ao alcance do que essa circulação faz e da construção de um espaço não previamente definido na interação social.

O filme foi comentado a partir de dispositivos. A análise organiza o material e percebe os dispositivos sociais que manifestaram diversas falas e respostas. Assim, a análise procura capturar os elementos em defesa do campo polêmico. Este campo está em “suspensão”. Ele existe enquanto os campos e os atores disputam espaços no capital simbólico do filme *O Código Da Vinci*.

O objetivo da análise é compreender sistematicamente o material empírico, cruzando os textos e os lugares de fala, comparando as posições e as falas, defendendo assim a formação e a compreensão do campo da polêmica.

O sistema de análise foi dividido e organizado a partir de:

Campos
Atores dos campos
Falas (essas se dividem em temas e fatos)

A contigüidade e o tensionamento estruturam outro nível de análise a partir de mecanismos que operam nos objetivos dos campos, dos atores e das diversas falas:

Pontos de vista
Objetivos
Procedimentos
Vetores de Fluxo
Interlocuções

O campo da polêmica se desenvolveu a partir de falas que colocam em crise um capital simbólico que é do campo religioso. A diversidade está num espaço (jornalístico) onde todos têm direito de fala, mas nem todos falam do mesmo lugar. Isso gera o tensionamento para o desencadeamento de novas falas.

Assim, as falas são chamadas a partir de fatos e temas que estão em proporções diversas. Não há um modo organizado de falas, mas há um modo de disputa de falas e falantes que se manifestam a partir de escolhas do campo jornalístico sobre o que deve ser tomado como notícia.

Assim, em toda a análise, o campo jornalístico assume uma função, seja em apenas noticiar um fato, em organizar as falas ou em convocar falantes. Mas é no espaço jornalístico que se percebe o campo polêmico, do qual participam diversos campos, transformando a circulação de posições em fato social.

Por isso, há dois grandes conjuntos de materiais: um institucionalizado pelo jornalismo e pelos campos de fala, e um outro espaço, “não-institucionalizado”, mas que permite fazer leituras do processo polêmico que está ocorrendo em torno de uma temática que passa a ser de interesse de muitos campos sociais. Esses espaços “não-institucionalizados” são dispositivos de falas que acontecem independentes de canais midiáticos formais; independem assim de enquadramentos e comprometimentos de formatação e estruturas de falas, mas, ao mesmo tempo, expressam articulações do social com a mídia - é como estamos caracterizando os *blogs*.

As perspectivas dadas ao material empírico não são as de um procedimento pontuado, mas se desenvolvem nas formas de perceber os modos de fala e os cruzamentos de retorno social.

Para o material não se perder, nem ser apresentado de forma desorganizada, desenvolvemos um conjunto de tabelas que sistematizam o modelo de análise. Esse formato foi modificado desde os primeiros textos e foi útil para a percepção, como também para a própria seleção de materiais daquilo que era mais ou menos interessante para a apreensão do processo polêmico.

* * *

O tratamento dado aos materiais da pesquisa parte de vários setores da mídia, ou seja, aborda diversos formatos e canais, como jornais, revistas, *Internet*. Como o objetivo é encontrar lados de falas e os diversos campos atuando em torno de uma temática em disputa, a preocupação no tratamento analítico situa as diversas falas num mesmo ângulo para ser observado.

Isso não significa que a pesquisa ignora os formatos e o âmbito no qual cada canal midiático está inserido, mas pressupõe um conjunto diversificado em que as falas e os canais estão atribuindo uma circulação, e é nessa circulação que está o centro das atenções.

Cada material selecionado foi registrado em laudas descritivas e classificatórias, descrevendo, de forma sistemática, os diferentes aspectos e os interesses de uma circulação polêmica:

Campos Atores
Temas Fatos
Ponto de vista Objetivo Procedimentos Interloquções Vetores de fluxo

O objetivo da sistematização nesses materiais é poder organizar o conjunto crítico selecionado sob medida para a análise. Assim é possível verificar a circulação em diversos parâmetros equivalentes em todos os materiais.

O primeiro e o segundo conjunto da tabela têm um caráter mais pontual, abrangendo caracterizadores dos pontos de origem ou de enfoque da polêmica – respectivamente: os campos / atores e temas / fatos. A partir deles, é possível compreender o processo e desdobrar uma análise do percurso da polêmica, que se observa conforme os aspectos assinalados no terceiro conjunto da tabela.

O terceiro conjunto se desdobra sobre os dois primeiros. *Ponto de vista*, *Objetivo*, *Procedimentos*, *Interlocuções* e *Vetores de fluxo* são parâmetros exploratórios dos estudos propostos por Braga para a apreensão dos sistemas de resposta. Nas laudas descritivas/classificatórias, eles estão muito próximos, mas, ainda assim, são parâmetros diferentes. A partir das laudas verificam-se estratégias e medidas tomadas entre os campos e os atores sobre os temas e os fatos que entram numa sucessão de ocorrências. *Ponto de vista*, *Objetivo* e *Procedimentos* capturam elementos iniciais sobre o material. Já *Interlocuções* e *Vetores de fluxo* aproximam-se mais de fatos sociais, que se relacionam, nos acontecimentos, como referências a fatos externos.

Nem todos os materiais são abordáveis em todos os parâmetros. Isso não impede a continuidade da análise nem o enquadramento de cada material.

No fim de cada lauda elaborada, há um campo de “falas” ou “notas”, que são exatamente trechos ou reflexões; são destaques feitos sobre a leitura do material ou a compilação do mesmo. Assim, alguns deles são referências no próprio texto da Dissertação, como também existem de forma ilustrativa¹⁰.

4.2. A circulação de falas – os campos e atores dos campos

A percepção da circulação pelos campos sociais é a entrada para analisar o processo polêmico do filme *O Código Da Vinci*. Na primeira elaboração de textos, sobre os campos sociais interagindo numa composição de defesa e argumentos, foi

¹⁰ As laudas encontram-se em anexo.

defendida a divisão de lados formados, como aqueles que defendem o campo religioso e aqueles que defendem o filme e seu conteúdo. Basicamente, existe essa divisão, mas a constatação é mais complexa. Não são apenas campos e seus atores que se posicionam contra ou a favor do filme, mas, sim, organiza-se um cenário de disputa em que o mesmo campo tem diversos lados e, ainda mais, para tratar de uma mesma circulação, o mesmo campo se comporta de diversas formas.

Os campos também podem prever movimentos, ou seja, espera-se que o campo religioso, ao enfrentar circulações críticas (em que os elementos de um capital simbólico religioso são apresentados de um modo contrário às posturas “oficiais” desse campo), construa argumentações e posições.

Como já apresentados, os campos que resumem esse processo polêmico de circulação estão no âmbito:

Midiático
Religioso Cristão
Acadêmico

Essa categorização não elimina a participação dos demais campos sociais. A interação entre esses três campos, juntamente com o espaço social, é que permitem a existência de uma discussão de vários lados. Os campos sociais, como um todo, são audiências e parte integrante do processo.

Também não depende exclusivamente de um único campo todo o procedimento polêmico. Esse procedimento é autônomo aos campos, mesmo tendo o campo midiático o controle dos formatos e dos conteúdos: *não é apenas o campo da comunicação, por si só, com seu interesse de agendamento sobre os outros campos sociais, que oferece todo o impulso para a formação de uma polêmica.*

A) O Campo Midiático

A estrutura polêmica forma-se a partir do conjunto do campo midiático. Os canais jornalísticos como um todo assumem a discussão, estruturando os falantes. Essa é a função caracterizadora de um espaço para o debate.

A mídia cumpre um papel fundamental, quando o interesse de grupos 'comunicacionais' é polemizar. Nesse caso, certamente uma polêmica era esperada, principalmente porque o filme transita por campos diversos e trata de assuntos peculiares da religião e de história no mundo ocidental. Por isso, há um movimento em que a sociedade se coloca em interação no debate social por meio da mídia, em que até aqueles representantes de setores que não têm o costume de se manifestar em opiniões midiáticas passam a participar.

Identificam-se, na construção do campo polêmico, diferentes estruturas no campo midiático em torno do filme *O Código Da Vinci*:

1) Mídia jornalística

São os espaços jornalísticos de grandes circulações. Assumem três aspectos: a mídia jornalística noticiosa, construída a partir de fatos e notícias; a mídia jornalística cinematográfica, elaborada a partir da crítica de filmes; e a mídia jornalística documental, que constrói a partir do rigor acadêmico exploratório.

Materiais: Revistas, Jornais, Documentário Televisivo, *Sites*.

2) A mídia religiosa

São espaços também jornalísticos (com profissionais do jornalismo), mas assumidamente do campo religioso.

Materiais: Rádio Vaticana, Publicações da Igreja Católica, *sites*.

3) Mídia informal

São espaços que existem por canais midiáticos não-institucionalizados. São espaços que reúnem variedade de atores em sucessões de falas mais informais. Essas falas percebem o movimento a partir das mídias formais.

Materiais: *Blogs* e *Sites*.

A partir do tipo de mídia, encontramos os atores do campo midiático. Esses participam operando os discursos nos diversos canais midiáticos. Percebe-se que, mesmo sendo específicos do campo midiático, os atores podem variar, ou seja, um ator social pode corresponder a ações de diversos campos. Mas a especificidade dos atores do campo midiático está por aqueles que dirigem os discursos. São os profissionais de mídia, os jornalistas que identificam os demais campos para o discurso polifônico. Esses espaços abrem-se então para atores de outros campos.

B) O Campo Religioso Cristão

A partir da discussão de elementos do simbólico religioso, instaura-se um processo de debate que se transforma num fato social, “autorizando” qualquer ator social a manifestar-se.

Do campo religioso é percebida a circulação social instaurada e atores que correspondem a falas “oficiais”, que defendem a fala “oficial”. Nessa estrutura, identificam-se dois níveis de ações:

- 1- Aqueles que defendem de forma “oficial”. São falas em canais da mídia religiosa ou atores que entram na mídia jornalística como peritos da instituição religiosa: teólogos, bispos, padres, como também publicações oficiais, como documentos da *CNBB* e a *Rádio Vaticana*.
- 2- Aqueles que defendem a forma “oficial”, mas que não estão se manifestando como peritos do campo religioso, ou que entram na discussão de forma pessoal, mesmo pertencendo a instituição religiosa: falas informais de defesa ao campo religioso de parte de um político, opiniões e manifestações diversas em defesa do campo religioso.

Assim, a partir da referencialidade ao campo religioso (pela apropriação dos elementos simbólicos religiosos no filme), sucedem-se processos de falas que convocam posicionamentos por apresentarem, a partir do filme, versões diferentes daquelas tradicionais do campo religioso. Exemplo é esse trecho da revista *Isto É* já citado:

A Igreja calculou o prejuízo e considera que o público potencial a ser atingido pela heresia fica em torno de 800 milhões de pessoas. Embora não peça um boicote, o presidente da Conferencia Nacional dos Bispos do Brasil, cardeal Geraldo Magella Agnelo, condenou a 'maneira leviana e desrespeitosa' com que estão sendo tratadas convicções tão sagradas para os cristãos (ISTO É, maio de 2006).

Na tentativa de re-enquadrar o conteúdo levantado pelo filme, autoridades oficiais da Igreja pediram “a *Sony Pictures* que colocasse nos créditos a ressalva de que se trata de uma história fictícia, mas a empresa não se comprometeu a atender ao pedido” (Istoé, maio de 2006).

As tentativas do campo religioso existem por perceberem, no campo oposto, organizadores de opinião midiática. Essas partem do próprio filme e se desencadeiam nas sucessões de falas. Por isso a tentativa de re-enquadramento no aspecto ficcional pelo qual o espectador deveria assistir ao filme.

C) Acadêmico

O espaço acadêmico, nessa circulação polêmica, está desdobrado a partir do campo midiático, do campo religioso e dos campos sociais como um todo.

Primeiramente, as construções jornalísticas operam nas lógicas de discussões coerentes. Como são os jornalistas e profissionais de mídia que estão operando a maior parte do debate, esses recorrem a profissionais de campos acadêmicos, seja para consultar, para enriquecer suas matérias, para procurar outras opiniões e apresentar variedade de lados.

O acadêmico se desdobra também do campo religioso, porque o foco está no debate de um capital religioso. Assim, estudiosos do campo religioso entram no giro de opiniões e consultas. Desdobra-se ainda dos demais campos sociais, porque a “discussão acadêmica” parece dar respostas por um debate mais “justo”, por apresentar variedade de falas. Isso não significa que o processo polêmico seja estancado pela discussão acadêmica, como se essa oferecesse a “palavra final da ciência”. Pelo contrário, ela apresenta variedade de opiniões e assume um caráter de comprometimento do jornalismo para com a sociedade em apresentar um formato de lados.

O espaço acadêmico apresenta-se mais presentes nos materiais de revistas e no documentário televisivo. É do “formato revista” o caráter documentário, assim a consulta a profissionais de áreas específicas é mais comum, como também no documentário da *National Geographic*, “O Código Da Vinci revelado”.

Pelo envolvimento de teólogos, historiadores, arqueólogos, semioticistas, escritores para um debate mais de conteúdo do que dos fatos.

O caso instaura socialmente um discurso polifônico, com o funcionamento a partir de “sujeitos”. Esses acionam um universo simbólico, constituído de referências e sentidos formando posições e gerando fatos sociais. Assim consideramos como um fato o transitar do ficcional ao debate social, contendo a participação de diversos setores da sociedade numa condição polêmica.

A condição polêmica implica no contexto argumentativo de que o fato não é visto de modo igual por todos; apresentam-se desacordos, e destes surgem outros que se sucedem.

"Acho que é um *thriller* inócuo. Se as pessoas quiserem lê-lo (referindo-se ao livro), podem fazê-lo, mas é preciso ser consciente o tempo todo de que se trata de pura ficção" (Cardeal Cormac Murphy O'Connor, líder da Igreja Católica da Inglaterra e de Gales. **Veja**, maio 2006).

Que fique claro. O Código da Vinci é um romance, e como tal, teria direito de inventar o que quisesse. Além disso é escrito com habilidade e o lemos de um só fôlego. Nem é grave que o autor de início diga que o que nos conta é verdade histórica. Só faltava essa! O leitor profissional está acostumado a esses apelos narrativos à verdade, fazem parte do jogo ficcional... quando a parte católica explica que todas as informações que o livro contém são falsas, podem acreditar (ECO, Umberto. **Veja**, maio de 2006).

“O filme agravará a situação: porque os filmes chegam às massas, também aos que têm pouca formação e carência de recursos críticos para distinguir o que é ficção e o que é realidade” (Documento da Conferência do Episcopado Mexicano, 2006).

O que diz o Vaticano? Insatisfeito com as "calúnias e erros históricos contra o Evangelho, Jesus Cristo e a Igreja" perpetradas pelo romance de Dan Brown, o Estado do Vaticano pediu a seus fiéis que boicotem o filme O Código da

Vinci . O pedido foi feito pelo arcebispo Angelo Amato - segundo na hierarquia do Vaticano no pontificado de João Paulo II e comandante da Congregação para a Doutrina da Fé no papado de Bento XVI (**Veja**, maio de 2006).

“Fazendo eu parte daquela minoria que teimou em não ler O Código Da Vinci, de Dan Brown, confesso que me sinto muito tentado a dar uma saltada ao cinema, quanto mais não seja porque teve o condão de irritar os senhores do Opus Dei”(Nuno M. Almeida. **Blog Arte de Opinar**, maio de 2006).

O filme, apresentado terça-feira à noite a cerca de dois mil jornalistas em Cannes, foi recebido com frieza pela crítica e, em alguns momentos, com gargalhadas da platéia perante cenas supostamente sérias - quando Tom Hanks, que desempenha o papel do professor de semiologia Robert Langdon, revela a Audrey Tautou, que encarna a jovem francesa Sophie Neveu, que é a descendente de Jesus Cristo (**Radio Vaticana**, 2006).

4.3. A circulação de falas – temas e fatos

As falas ocorridas na discussão do filme geram e são geradas por temas e fatos. Participam na construção dos espaços jornalísticos porque a própria polêmica se tornou notícia e não aparece mais como apenas uma crítica de um filme. Igualmente, está na circulação não-institucional, girando em diversos campos da sociedade.

O caso transforma-se num fato social, em que a discussão do filme ultrapassa aquilo que é tomado como crítica cinematográfica. Assim o contexto social entra no giro do debate, e tudo aquilo que se manifestar, independentemente de posições, passa a ser foco de debate.

Obviamente, por uma condição de estratégia mercadológica, o filme faz sua pré-estréia num dos maiores festivais de cinema do mundo, o Festival de Cannes, e, consecutivamente, uma estréia de escala mundial. Esse fato faz com que as primeiras falas sobre o filme estejam nos espaços destinados ao Festival de Cannes.

Falas sobre o conteúdo da obra existem desde o lançamento do livro, mas a intensificação dos debates ocorre nas vésperas da primeira exibição do filme, com

matérias ainda não de intensificação do conteúdo, mas por fatos que rondam o processo polêmico.

Uma semana antes da exibição: “Oscar Niemeyer encontra Dan Brown e Lula em livro - Arquiteto fala de política e de ‘O Código Da Vinci’: ‘Achei muito interessante (ao referir ao livro). É uma idéia fantástica, que fere a religião, mas que é muito viável” (**Folha de São Paulo**, 12 maio de 2006).

O conteúdo do filme, apoiado no livro, entra na discussão do espaço jornalístico, e manifestações diversas passam a ser notícia, como no caso acima, apresentado pelo arquiteto Oscar Niemeyer, que manifesta sua opinião.

Os principais temas e fatos tratados são:

Tabela 10. Temas e fatos

Temas	Fatos
Maria Madalena	Manifestações
Feminino	Evento de Cannes
<i>Opus Dei</i>	Público
Leonardo da Vinci	Falas públicas
Sociedades Secretas	
Vida de Jesus Cristo	

Os temas são originados pelo conteúdo do livro-filme. São conteúdos que apresentam posições marcantes, distintas do habitual e do estabelecido no campo religioso; por isso, são discutidos de forma intensa. Agrupam campos da sociedade e diversas falas.

Embora a temática pertença ao campo religioso, apresentam-se diversos campos que participam desse tratamento, devido ao interesse social. O diretor de cinema Marco Bellocchio, em uma entrevista à *Folha de São Paulo* em Cannes, ao falar do filme, diz: “A Igreja Católica está preocupada em não perder sua autonomia. Com o vazio político de hoje, muitas pessoas se preocupam, de boa fé, com algo de espiritual, de transcendente. Muitas vezes, essa busca não vai em direção à Igreja Católica, que percebe a ameaça de ter sua construção histórico-teórica enfraquecida.” Ao se referir a Madalena, ele completa: “Mas a Igreja Católica quer

que o mistério fique circunscrito aos muros do Vaticano, sem dividi-lo com ninguém” (Folha de São Paulo, 28 maio de 2006).

Diversos temas geram posições de atores por diversos campos. Como na matéria acima, um ator do campo cinematográfico acaba por opinar e demonstrar lados da sua posição sobre o campo religioso. Refere-se ao capital simbólico religioso que está em crise.

As temáticas passam a existir em decorrência dos tensionamentos entre os diferentes lados e falas.

Os fatos entram para ilustrar um campo que já se formou, que existe e faz atores sociais se manifestar.

Ao se referir a diversas manifestações, o jornal *Correio do Povo* destaca: “O mesmo aconteceu na Argentina, onde uma mulher, se dizendo ‘enviada por Deus’, iniciou um tumulto num dos cinemas, e acabou detida pela Polícia local depois de rasgar vários cartazes do filme” (**Correio do Povo**, 20 maio de 2006).

Algumas manifestações e falas públicas são momentos mais tensos na medida em que expressam posições em que há uma “radicalidade”. Essa “radicalidade” passa a ser notícia pela sua intensidade e por ter a potencialidade de provocar mais falas e novas opiniões.

Expressão disso está nas falas do *blog* (já citado no capítulo três), por meio do qual um deputado anuncia, em diversos canais midiáticos, sua tentativa de proibir a exibição do filme. Com isso, diversos falantes passam a comentar no *blog*, manifestando opiniões e fazendo referências ao fato desencadeado uma circulação de falas diferentes das iniciais.

No jornal *Zero Hora* do dia 20 de maio, um vereador, em Porto Alegre, manifesta-se, na porta do cinema, com placas a favor do campo religioso:

Figura 01: Manifestação do vereador publicado no jornal *Zero Hora*.

ALIÁS

Os líderes do PT ignoram as candidaturas de Yeda Crusius e Alceu Collares e acreditam que o segundo turno será disputado entre Olívio Dutra e Germano Rigotto.



O vereador João Carlos Nedel (PP) perdeu ontem uma boa oportunidade de fazer jus ao subsídio que recebe do povo de Porto Alegre. Por volta de 11h30min, Nedel chegou à bilheteria de um shopping acompanhado do engenheiro Ivan Bruxel para protestar com cartazes contra o filme *O Código da Vinci*, que estreava na Capital.

Estava atrasado. A maioria das cerca de 50 pessoas que assistiram à sessão já tinha entrado na sala e não tomou conhecimento da manifestação bizarra.

Colaborou Iara Lemes

O mesmo fato é publicado pelo jornal *Correio do Povo*, completando a notícia: “Nedel (o vereador) se envolveu em um princípio de discussão com um dos expectadores, que se disse fã do diretor Ron Howard”.

Figura 02: Manifestações no Jornal *Correio do Povo*

Manifestações na estréia do ‘Código’

‘O código Da Vinci’ vai bem nas bilheterias, mas enfrenta manifestações no primeiro dia de exibição

As primeiras manifestações de protesto contra o filme ‘O código Da Vinci’ começaram ainda ontem pela manhã em Porto Alegre, mas reuniram um pequeno número de pessoas. No saguão do cinema onde aconteceu a primeira sessão do dia (às 11h30min) seis pessoas, entre elas o vereador João Carlos Nedel (PP), protestaram contra o filme portando cartazes com inscrições como ‘Código Da Vinci é contrário ao Evangelho’ e ‘Evangelho sim, código Da Vinci não’. O número de pessoas que formaram fila para assistir a sessão, no entanto, foi bem superior ao daquelas que protestavam contra a produção.

Nedel se envolveu em um princípio de discussão com um dos expectadores, que se disse fã do diretor Ron Howard. Ele também disse que os investimentos milionários realizados para a produção do filme devem fazer os expectadores refletirem sobre o que existe ‘por trás’ de sua exibição. ‘Acredito que exista uma campanha para desvalorizar nossos valores fundamentais. É uma campanha em favor da violência, da prostituição, do aborto, da desagregação da família e agora contra a Igreja e os valores cristãos, mas não sei de onde vem’, assinalou o vereador.

Conforme as informações divulgadas pela Arquidiocese de Porto Alegre, os católicos da Capital devem seguir as orientações já fornecidas pelo cardeal arcebispo de Salvador e presidente da

Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), dom Geraldo Magella. Ele aconselhou os fiéis a não verem a película. Aqueles que, contudo, decidirem assistir ao filme, deverão, conforme a orientação da CNBB, ter o discernimento necessário para avaliar que se trata de uma obra de ficção.

Os muitos apelos de grupos religiosos para um boicote ao filme não afetaram a estréia em Nova Iorque, que foi tranqüila, sem grandes filas ou significativas manifestações. Mas em localidades como no conservador estado do Texas os protestos foram mais fortes. ‘Se você acredita em ‘O código Da Vinci’ já pode começar a adorar os franceses”, ironizava um anúncio publicado ontem no jornal USA Today, fazendo alusão a tradicional rixa entre americanos e franceses. Na Rússia, cristãos ortodoxos rasgaram cartazes em protesto

às exibições de estréia. O mesmo aconteceu na Argentina, onde uma mulher se dizendo ‘enviada por Deus’, iniciou um tumulto num dos cinemas, e acabou detida pela Polícia local depois de rasgar vários cartazes do filme. Curiosamente, na Espanha, berço da Opus Dei e de forte tradição católica, a película literalmente ‘arrasou’ a bilheteria, levando milhares aos cinemas na capital espanhola.



Cristãos ortodoxos rasgaram cartazes do filme na Rússia

O filme ‘O código Da Vinci’, dirigido por Ron Howard, torna por base o best-seller homônimo do escritor norte-americano Dan Brown e é estrelado por Tom Hanks (como o simbologista Robert Langdon) e a francesa Audrey Tautou (Sophie Neveu). Em Porto Alegre o filme está em cartaz em um total de 19 salas de cinema, em horários que podem ser conferidos no roteiro de cinema do caderno Folha da Tarde deste sábado.

Os temas e os fatos estão totalmente entrelaçados. Estão criando vários níveis de discussão que se sucedem a partir da discussão central do conteúdo do filme: *“Para a Conferência Episcopal Italiana (CEI), a estréia do filme pode ser uma grande oportunidade para empreender um “trabalho pedagógico sobre a história do Cristianismo e da fé” (Radio Vaticana, 2006).*

O caminho em que os temas e fatos estão é no sentido da busca de acordos para o capital simbólico religioso, que está em crise polêmica, seja pela radicalidade ou pelos argumentos construídos na discussão acadêmica. Independentemente de interpretações, a recepção e leitura que foram feitas para a formação da crítica residiram nas perspectivas e nos pontos de vista desde o momento em que o filme foi visto. Por isso encontra-se diversidade de tratamento, desde os mais radicais, com posições marcadas, até os debates que procuram variedade de lados.

Toda essa divisão é organizadora, porque campos/atores, assim como temas/fatos, no caso em estudo, estão em relação e formam o campo poroso polêmico. Há dois assuntos de maior evidência nos materiais que possibilitam uma verificação mais profunda para a análise do campo polêmico:

- o caráter “documental” com que a poética do livro-filme se apresenta, numa discussão que questiona aspectos da produção, em que o conteúdo faz parte de uma ficção e não se apresenta como tal;

- e a grande discussão feita a partir do tema central da teoria do livro-filme, a figura histórica de Maria Madalena e a possibilidade de Jesus Cristo ter descendentes.

São dois ângulos que surgem a partir das discussões de maior evidência, adotados aqui, metodologicamente, para o acompanhamento do caso. Esses serão explorados ainda neste capítulo.

* * *

A sistematização em dados do conteúdo é exclusiva para pontuar elementos que constituem o processo polêmico no filme em relação ao conjunto

empírico. Esta pesquisa é de estudo do caso, e a ferramenta é de ilustração do processo que envolve lados e formas com as quais lidaram.

O resultante dos campos ‘atores, temas e fatos’ pode ser muito maior. Na medida em que o conjunto empírico está formado, fala-se a partir dele, que é uma amostragem do social.

Os campos ‘atores, temas e fatos’ organizam quatro elementos do processo polêmico, que envolve os campos de atuação, relacionando-os com os atores, e esses agem a partir de temas e fatos que estão na correspondência do social.

A relação, entre eles, de “atuação” ou participação no processo está, também, de acordo com o formato de cada canal midiático, como segue:

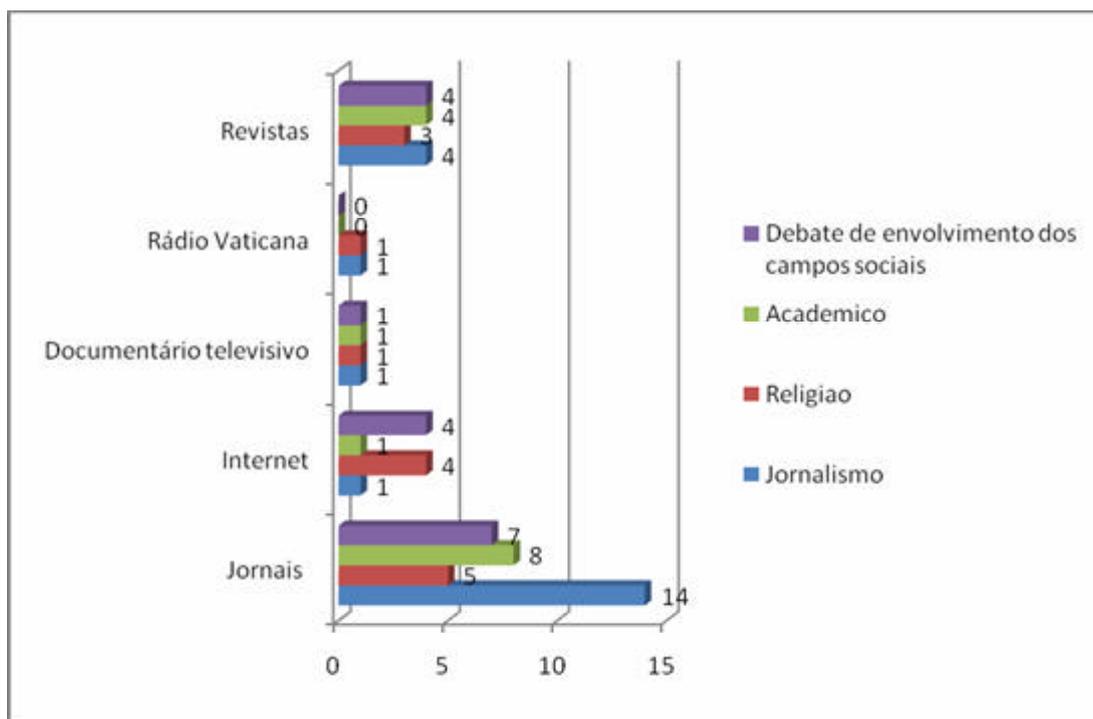
Tabela 11. Sistematização do material empírico.

Jornais: Zero Hora Folha de São Paulo Correio do Povo
Revistas: Revista Istoé (matéria de capa) Revista História Viva Revista SET (matéria de capa) Revista Veja (matéria de capa)
<i>Internet</i> <i>Blogs</i> <i>Sites</i>
Rádio Vaticana
Documentário da TV <i>National Geographic</i>

A discussão midiática envolve quatro aspectos dos campos e atores e dos temas e fatos. Três aspectos são pontuados, que são as discussões que envolvem: *Jornalismo*, nos aspectos das críticas cinematográficas, da notícia, do social, enquanto notícias; *Religião*, enquanto campo de participação por temas e atores do campo institucionalizado da religião e suas expressões sociais no espaço midiático; *Acadêmico*, enquanto discussão que envolva campos específicos na discussão e debates de caráter mais “científicos” na circulação, como envolver campos da história, da antropologia, etc. E um aspecto que é, na verdade, uma

diferenciação dos tratamentos dos canais, porque existem aqueles que tratam especificamente dos três primeiros aspectos e aqueles que envolvem todos os aspectos, correspondendo a uma discussão de envolvimento de campos sociais: *Debate de envolvimento dos campos sociais*.

Figura 03: Gráfico do envolvimento das falas dos campos.



O tratamento dado pelos *jornais* e pela *Rádio Vaticana* segue uma condição do veículo que é voltado para publicações pontuadas diariamente e por fatos que contextualizam a notícia rápida. Por isso os fatos e as notícias estão mais nas discussões jornalísticas e sociais do que numa discussão acadêmica rígida. Cabe lembrar que a quantidade de materiais da mídia jornal é muito maior que a das demais. O contexto da tabela é descritivo, a partir do conjunto empírico em que reúne diversidade do material e dos canais, objetivando, então, que a mídia jornal caracteriza também um espaço de circulação do caso polêmico do filme “O Código da Vinci”.

Os materiais colhidos em *Revistas* já se comportam numa discussão mais exploratória dos conteúdos e do debate subsequente já instaurado. É também

característico do formato de revista uma produção mais rigorosa, visando a uma publicação com mais fatos e elementos acadêmicos, ao mesmo tempo que a variedade dos materiais apresenta revistas de campos diferentes, como revista de discussão social ampla e revistas de circulação específica, como do campo da história, ou mesmo, da produção cinematográfica, ramificando o debate em setores diversificados.

Os materiais da *Internet* também oferecem perspectivas diferentes. Há *blogs* e há *site*. Eles se diferem por uma circulação mais distante da produção institucionalizada midiática, ou seja, há referências de materiais da “grande mídia” (no rigor de sua produção), mas estão mais “autônomos” nessa produção, existindo apenas como referencialidade, ou seja, o debate formado é mais por reações e defesa ao campo religioso e menos rigoroso nas construções textuais, como nos outros formatos.

O Documentário Televisivo, que é o único material do tipo colhido, aproxima-se da discussão das revistas, sobre a forma na diversidade de lados e construções a partir de falas de um debate já instaurado. O grau de debate de um documentário televisivo, certamente, é mais profundo do que uma discussão de uma matéria diária e pontuada de um jornal. O interessante desse grande conjunto são os níveis instaurados pela diversidade da mídia. Em outras palavras, as repercussões instauram falas em diversos níveis midiáticos, por diversas perspectivas e escalas de envolvimento ou não, sobre conteúdo (temas e fatos) e sobre aqueles que exercem sobre questões de conteúdo (campos e atores).

Esses dados não são rígidos em termos de afirmações de caráter estatísticos. São dados que organizam e possibilitam tais descrições do processo de circulação midiática. Estão no contexto do material empírico e “planado” nas diferenciações por tipo de mídia. Esse movimento possibilitou uma visualização topográfica num nível para a percepção do processo polêmico em torno de elementos midiáticos distintos.

O espaço midiático jornalístico é o espaço que conduziu a polêmica em torno do filme, mas não existe por si só. Ele desencadeia outros espaços e, a partir dessa formação, também é por eles modificado.

O nível do debate midiático corresponde diretamente ao campo e à forma do campo ao qual estão destinados. Como o caso da *Rádio Vaticana* está na discussão de interesses do campo que a envolvem a instituição religiosa, por isso a caracterização de campo religioso. Quanto às revistas que também envolvem uma circulação específica de campo, como revistas do campo da história ou cinematográfico.

4.4. Temas direcionadores e funcionalidade da polêmica

Muitos enfoques para a discussão subsequente à crítica cinematográfica surgiram e têm potencialidades de estudos, principalmente na riqueza e diversidade do material. Observaremos as estruturas de falas organizadas aqui, a partir dos campos e atores dos campos que propulsionam temas e fatos.

Dois principais temas na discussão posterior ao filme concentram as falas, e sobre estes organizamos as análises: primeiro, a polêmica gerada na teoria de que Maria Madalena tivesse envolvimento com Jesus Cristo, gerando assim uma descendência; segundo, a polêmica do tratamento da obra ficcional, apresentando-se como documental.

Todas as temáticas que foram apresentadas nas discussões em torno do filme, de algum modo, estão interligadas por vários níveis. A determinação a partir desses dois “temas” decorre do tratamento dado na condição que forma lados, articula campos e, ainda, tem maior pauta nos materiais selecionados. Por isso serão úteis na compreensão e na organização do mapa polêmico para o caso.

Nas vésperas da primeira exibição do filme (de escala mundial), o jornal *Folha de São Paulo* discute o conteúdo do filme a partir da teoria do livro: “*Segundo o autor, como antes já havia cogitado em seu primeiro livro, Jesus teria se casado com Maria Madalena e legado ao mundo uma ‘linhagem sagrada’, negada e escondida pela Igreja Católica*” (**Folha de São Paulo**, 13 de maio 2006).

Já após a exibição do filme, o jornal *Correio do Povo* registra:

Conforme as informações divulgadas pela arquidiocese de Porto Alegre, os católicos da Capital devem seguir as orientações já fornecidas pelo cardeal arcebispo de Salvador e presidente da Conferência Episcopal dos Bispos do Brasil (CNBB), dom Geraldo Magella. Ele aconselhou os fiéis a não verem a película. Aqueles que, contudo, decidirem assistir ao filme, deverão, conforme a orientação da CNBB, ter o discernimento necessário para avaliar que se trata de uma obra de ficção” (**Correio do Povo**, 20 maio de 2006).

Os dois temas estão totalmente entrelaçados e não podem ser vistos separadamente. O modo como operam é decorrente dos seus campos de origem. Entre a “teoria” do livro-filme e as posições marcadas do campo religioso, expressas no *Correio do Povo*, existe uma sucessão de agendamentos, de referencialidades, de pontos de vista, de procedimentos, de interlocuções e de tentativas de acordos nas falas.

Isso caracteriza o funcionamento do Sistema de Resposta Social no caso. A manifestação dos campos e dos atores sociais ocorre por diversas matrizes de falas midiáticas diante do interesse do fato social. São diversos setores sociais que se organizam e produzem falas de forma dinâmica, porque estão em uma sucessão de ocorrências.

As sucessões de falas se fazem a partir da Produção e da Recepção, mas ganham uma autonomia com relação a essa origem, na medida em que desenvolvem uma objetivação social pela ocorrência de fatos da circulação. Por isso, a discussão subsequente ao filme ocorre em setores midiáticos, institucionalizados ou não-institucionalizados, como no caso dos *blogs*.

Embora a ordem na qual o filme foi elaborado seja a dos espaços de entretenimento, o debate que desencadeia a discussão se amplia para um patamar social. Esse deslocar do foco fomenta o debate, que passa a existir em novos setores (não só do entretenimento) que dialogam com diversos campos sociais, campos que interpretam e dialogam.

Esse nível de “debate” se origina de um processo de adaptação de algo que já existe, que se relaciona com os conteúdos do filme. Após apresentar uma interpretação histórica (no filme) diferente da interpretação tradicional (aceita pelos campos que formalizam os espaços simbólicos religiosos), o social (a partir da

esfera da realidade) exige e espera falas para novamente legitimar ou não a interpretação tradicional.

Esse é o movimento desenhado pelo filme *O Código Da Vinci*. O nível inicial põe em “dúvida” a tradição cristã sobre a figura de Jesus Cristo e um envolvimento histórico relacionado à tradição da Igreja Católica e condutas ao longo dos anos – este é o conteúdo do livro-filme. Após a inserção social, um nível de debate se dissemina em vários setores midiáticos que replicam a partir do conteúdo, dialogando com a esfera da realidade.

Como a esfera da realidade atua de forma dinâmica - ou seja, setores agem e reagem a partir de algo -, os temas fazem dialogar os conteúdos das falas com outros temas externos à discussão de conteúdo. A partir dos temas, apresentam-se ações e reações sociais. Nos casos extremos das manifestações públicas, atores sociais repugnam ou defendem a proposta do livro-filme.

O ciclo do processo polêmico no filme *O Código Da Vinci* tem seu ápice enquanto debate social, porque está nesse nível de disseminação de manifestações e opiniões. Independentemente da forma com que cada fala propõe um “olhar” sobre o conteúdo, enquanto processo polêmico, este é o momento mais dinâmico. Mais dinâmico também porque desencadeou novas falas que não seriam ditas nem agendadas midiaticamente, se não originadas nesse processo. São os temas secundários que fazem associações: “*Oscar Niemeyer encontra Dan Brown e Lula em livro – Arquiteto fala de política e de ‘O Código Da Vinci’*” (**Folha de São Paulo**, 12 maio 2006).

Os ângulos de falas são diversos: teceram uma construção social rica e diversificada no aspecto midiático pela sociedade. Como os ângulos de falas são polifônicos, há variedade nos “caminhos” tensionados no processo polêmico do filme, levando, assim, também à variedade de novas percepções da interpretação tradicional e dos novos ângulos lançados pelo livro-filme.

Não está sendo dito que o ciclo do processo polêmico se fecha, mas, sim, que atinge um patamar onde há “saturação” de debate, e, mesmo não havendo conformidade dos lados, a polêmica se aquieta, ou seja, o campo religioso participa do tensionamento, constrói falas e atinge um nível no qual não há mais a exigência social de novas manifestações.

Não há conformidade de lados; há, basicamente, duas posições definidas, que são os que apóiam e os que contestam o conteúdo do filme. Esses lados permanecem, mas ao interagir dinamiza e fomenta o processo que é midiaticado e midiaticador para o social.

Ao mesmo tempo que o ciclo chega ao nível de não-exigência social para continuar o debate, é possível, em qualquer momento posterior, reativar o processo (por isso o ciclo não se fecha). Porém, para reativar o processo, um tensionamento precisa ser efetivado, desencadeando novamente a exigência social de debate.

4.5. Maria Madalena e a crise de capital simbólico religioso

Essa cadeia de elementos, articulando e criando o campo polêmico, existe a partir do “desentendimento”. A fala do livro-filme propõe uma teoria sobre Maria Madalena não comum, diferente daquela que é oficial do campo religioso, a qual suscita diversas falas: “A principal controvérsia do livro está no fato de afirmar que Jesus Cristo e Maria Madalena teriam tido uma filha e que toda a história posterior ao cristianismo teria sido um esforço para ocultar essa verdade” (**Folha de São Paulo**, 25 de maio 2006).

Observamos que a discussão em torno do filme passa para além da crítica jornalística de cinema, que seria o mais comum em torno de um filme. A temática tensiona campos e ocupa outro espaço midiático além daqueles ligados à crítica cinematográfica, em que diversos segmentos sociais podem se manifestar. Por isso há diversidade de materiais que, em sua maioria, tentam fazer construções de falas explicativas e especulatórias:

Para Juan José Tamayo, professor de teologia da Universidade Carlos 3 de Madri, o interesse recente em revitalizar o papel de Maria Madalena surgiu por conta de um revisionismo feminista. ‘Mostrar do que ela era mais importante do que deixam crer os textos supostamente oficiais tem a ver com nosso ambiente cultural de hoje, que valoriza as perspectivas de gênero’ (**Folha de São Paulo**, 25 maio de 2006).

A discussão geral em torno da temática do filme inicia um processo que luta com o “desentendimento”. Ele é especulatório sobre a temática: observa lados, propõe novas falas e faz referências. As falas sobre o conteúdo que trata de Maria Madalena e de seu possível envolvimento com Jesus Cristo ocorrem em dois níveis:

- a partir do próprio campo religioso, que é detentor do capital simbólico religioso, no qual está inserida a figura de Maria Madalena;

- a partir dos demais campos sociais que, mesmo não sendo detentores do capital simbólico religioso, manifestam-se.

Isso implica uma função de falas que atingem o campo religioso. Apesar de o campo religioso ser detentor do capital simbólico referente a Maria Madalena, não consegue mais sustentar isoladamente uma afirmação sem contestação.

Como o campo religioso não está mais sustentando a afirmação, diversos campos e atores sociais entram na disputa de falas que, independentemente dos níveis de credibilidade ou de construções, propõem alguma versão, ocorrendo mesmo que atores do campo religioso apresentem perspectivas pessoais.

O campo polêmico que ocorre em torno da temática acontece por um tempo não previsível, mas não descoordenado. Ele é dinâmico na medida em que a sociedade passa a pautar e agir girando as cadeias de falas.

As cadeias de falas acontecem em níveis variados, não equivalendo, necessariamente, à hierarquia dos campos que estão participando do debate, ou seja, não são os campos detentores de maior “autoridade” nos assuntos que organizam as falas, que determinam a direção do debate ou que recebem maior credibilidade.

Essa ordem de falas acontece na disputa. Por exemplo, na discussão sobre Maria Madalena, os diversos campos se pronunciam, assumem posições e demarcam os campos de ângulos completamente distintos.

Afirma a psicanalista Diana Corso, no jornal *Zero Hora*:

Minha hipótese é que no feminismo exacerbado está a chave para decifrar os efeitos do Código. Do início ao fim, estamos frente a um discurso pró-mulheres, melosamente entusiasta e caricatural, destinado a expiar uma culpa histórica. [...] O livro de Brown tenta redimir a culpa histórica por séculos de discriminação (**Zero Hora**, 13 maio de 2006).

O ângulo tratado pela psicanalista é do aspecto social, num debate em que ela faz conexões sobre o feminismo e o tratamento histórico dado sobre o mesmo. Embora o tema seja obviamente ligado a temas religiosos, a relatora dá precedência à questão feminista como chave de compreensão.

Já os atores do campo religioso utilizam a temática numa construção explicativa, em posições que demarcam as falas tradicionais do Cristianismo. Há o comprometimento do campo religioso em se pronunciar socialmente sobre o conteúdo que está em crise e que pertence ao mesmo campo. É por isso que diversos atores do campo religioso são consultados por aqueles que condicionam a mídia, os jornalistas.

Já para dom Antonio Dias Duarte, bispo auxiliar do Rio de Janeiro, a revisão das ações de Maria Madalena não é prioridade. 'A igreja de cada época tem suas questões. Na atualidade, a questão não é Madalena, mas assuntos mais relevantes, como a justiça social e a defesa da vida humana (**Folha de São Paulo**, 25 maio de 2006).

A escritora Lynn Picknett, num documentário, constrói opiniões sobre o campo religioso, ao mesmo tempo afirmando a teoria do livro-filme:

Está muito claro que Maria Madalena não foi simplesmente a 'moça do café' dos tempos bíblicos, aquela figura humilde que está sempre ofuscada pelos homens. Mas essa, obviamente, é a imagem – essa coisa pior, que a Igreja quer que tenhamos dela. Ela foi, pelo que se sabe, uma mulher de muita personalidade, independente financeiramente. [...] A Igreja quis mesmo denegrir o nome dela porque sabia. Eles sabiam que mulher era essa, e estavam determinados a não deixar que nenhuma outra galgasse a hierarquia eclesiástica para se tornar tão importante e tão carismática quanto Madalena fora no tempo de Jesus (LYNN PICKNETT, escritora e co-autora de *O Segredo dos Templários* – Transcrição da entrevista em "O Código Da Vinci Revelado", **National Geographic**, 2006).

Padre William Stetson, rebatendo a teoria sobre Maria Madalena e seu possível envolvimento com Jesus, afirma:

Não há qualquer afirmação assim. Talvez seja uma especulação que possa ser considerada num mundo tomado pelo ceticismo, mas que se opõe a toda

tradição da Igreja Cristã. [...] O Cristianismo é uma religião com bases históricas. E o fato histórico é que, seguindo o plano de Deus, Jesus não se casou. E não cabe a nós, mortais, questionar o plano de Deus” (Padre William Stetson – Transcrição da entrevista em “O Código Da Vinci Revelado”, **National Geographic**, 2006).

Essas falas pontuadas mostram atores sociais que participam de diversos campos, disputando argumentos, apresentando “soluções” de argumentação. Passa a existir maior desentendimento na medida em que as construções de falas se originam de lugares diferentes.

Elas ocorrem a partir da sociedade: da psicanalista que discute um cenário social, do padre que foca seus argumentos defendendo o campo religioso, dos pesquisadores que alimentam o tensionamento, afirmando uma teoria que não é oficial para o campo religioso.

Observamos, também, que, mesmo dentro de campo fortemente sistematizado e hierárquico, encontram-se variações nos ângulos e propostas de defesa, como no campo religioso. Entre a fala de dom Antonio Dias Duarte e do Padre William Stetson, encontramos duas variações de atores específicos do campo religioso em defender o capital simbólico em torno de Maria Madalena, dentre outros ângulos.

Essa é a dinamicidade processual desse conjunto polêmico. Ele se origina de uma fala (livro-filme) e faz suceder diversas outras que ocorrem em movimentos diferentes. Independentes de posturas, estão disputando e tecendo um novo espaço.

Assim, a partir da “tese central” do livro-filme (com base na figura de Maria Madalena), o giro polêmico parece preencher os seguintes parâmetros:

- 1) Do agendamento social – em que a pauta não é exclusiva do campo midiático, mas compartilha da percepção social e de falas;
- 2) Da sucessão de falas - que entram em sucessão, uma convocando a outra, ao mesmo tempo que compõem um espaço que exige falas pelo desentendimento;
- 3) Dos pontos de vista - que não são co-planares, na medida em que cada campo e cada ator acabam construindo um lugar de fala diferenciado

(mesmo, como vimos, quando diferentes atores participam de um mesmo campo social). Parece, então, que a recepção e leitura que foram feitas para a formação das falas residem nas perspectivas e nos pontos de vista desde o filme visto, seja com olhar histórico, religioso ou acadêmico.

Figura 04: Revista História Viva discutindo o conteúdo de Maria Madalena

No livro e no filme, Maria Madalena é mostrada de maneira polêmica: ela seria uma "Iniciada" e teria tido um envolvimento amoroso com Jesus

Como nos sobreviveu a história de Maria Madalena, por um século, é um assunto polêmico. O relato bíblico é muito confuso, com muitos pontos que chegaram a ser questionados por estudiosos da Bíblia. Mas, no livro de Maria Madalena, a autora, a escritora de ficção, apresenta uma visão diferente da história, mostrando uma mulher que teria sido iniciada em um grupo secreto e teria tido um relacionamento amoroso com Jesus.

MEROVINGIOS

A história dos merovíngios no livro é muito interessante. O autor, o escritor de ficção, apresenta uma visão diferente da história, mostrando uma mulher que teria sido iniciada em um grupo secreto e teria tido um relacionamento amoroso com Jesus.

MARIA MADALENA

No livro "Correntes do tempo", publicado em 1995, o jornalista francês Jacques Dupuy discute a história de Maria Madalena e a sua relação com Jesus. Ele argumenta que Maria Madalena não era apenas uma discípula, mas também uma mulher que teria sido iniciada em um grupo secreto e teria tido um relacionamento amoroso com Jesus.

Outras partes do texto discutem a polêmica em torno da história de Maria Madalena e o papel da ficção na sua representação.

4.6. Entre a ficção e as referências históricas

A discussão em torno da ficcionalidade e das referencialidades históricas no livro-filme oferece percepções sobre relações entre a sociedade e a mídia. Embora seja uma obra de ficção, o livro-filme desperta o campo polêmico a partir de afirmações de que seus relatos, descrições de obras de arte, arquitetura e documentos corresponderiam à realidade.

Há um nível de aproximação de ficção e realidade que se misturam. Isso não é novo na literatura. Já outras obras conseguiram tratar seus públicos a partir dessa proposta. O que está no foco dessa percepção é o deslocar da ficção à não-ficção, a ponto de os tratamentos dos diversos campos e atores sociais se misturarem.

“E por conta disso muita gente hoje parte para a Europa para refazer a jornada de ‘O Código Da Vinci’ e ir atrás da verdade por si mesma” (Transcrição “O Código da Vinci Revelado”, **National Geographic**, 2006). Independentemente da interpretação, o fato apresentado no documentário televisivo apresenta um tipo de tratamento que o social está fazendo a partir de uma teoria que tem sua origem na mídia de entretenimento: do ficcional.

As próprias falas em defesa ou contra o campo religioso prevêm que a forma pela qual o filme foi visto não está apenas na mídia de entretenimento. O nível da constituição de um campo polêmico deste caso tem uma tomada de decisão no modo pelo qual o filme foi visto, ou seja, os campos sociais passam a tratá-lo com caráter também “documental”.

“O que é um filme para interferir na crença de alguém?” (**Zero Hora**, 19 de maio 2006) - questiona Tom Hanks (que é o protagonista no filme) na sua entrevista coletiva em Cannes, após a primeira exibição do filme. Aparentemente, o filme deveria ser tratado como filme, mas, neste contexto de falas e acontecimentos, o tratamento de *O Código Da Vinci* não é visto apenas como um filme.

Esse tratamento não é aleatório; é resultado de um contexto social porque está inserido num universo que dialoga com os fatos e as falas (o filme parte do elemento de referência factual e sobre ele cria uma ficção). Primeiramente, pela condição de crise do capital simbólico religioso, a partir desse ponto, não é mais filme e, sim, fato social. Na sucessão de tentativas para focar o debate, há a

discussão de conteúdos como também a discussão do próprio tratamento que a sociedade faz com o filme.

A crise do capital simbólico religioso faz o deslocar de uma obra de ficção para o debate em setores midiáticos em que não se discute a ficção, mas, sim, fatos sociais.

Diversos acontecimentos ilustram a percepção do campo religioso diante da polêmica a ponto de ocorrerem tentativas de atores do campo religioso de pressionar alterações na própria produção do filme, como o caso da *Opus Dei*, que solicita à produtora do filme (*Sony*) inserir nos créditos que se tratava de uma ficcionalização.

Acredito que os espectadores são inteligentes o bastante para entenderem o filme para além da religião, diz o diretor do filme Ron Howard (**Zero Hora**, 19 de maio de 2006), que não compartilha da mesma idéia de Dom Geraldo Magella, presidente da CNBB, que aconselhou os fiéis a não verem a película. Aqueles que, contudo, decidirem assistir ao filme, deverão, conforme a orientação da CNBB, ter o discernimento necessário para avaliar que se trata de uma obra de ficção (**Correio do Povo**, 20 maio de 2006).

Sem partir para uma análise de valores, a produção do filme utiliza-se da tática polêmica para atingir seus espectadores por meio do debate social que gera esse desentendimento. Já o campo religioso percebe os movimentos e faz tentativas de interferência.

Todavia, tanto o campo religioso quanto o campo midiático compartilham que a obra vem por um desentendimento de ficcionalidade da parte do espectador. Primeiro, porque é tática da produção que o filme seja comentado. Segundo, o campo religioso boicota e alerta seus fiéis de várias formas, enfatizando que é uma obra de ficção.

Na discussão interna ao *blog* (já apresentada), dois comentadores identificam a discussão da ficcionalidade e replicam, sem fazer generalizações, mas constata-se que atores sociais percebem também esse processo.

Tem que rir mesmo... A própria igreja católica está dividida. Mas acredito que tenha que ser visto apenas como ficção (Comentador de número 12, Davis Zanetti Cabral).

Eu prefiro acreditar no Tom Hanks. Bom... acho que está na hora de fechar esse tópico, né?

A quem vem aqui achando O Código da Vinci “ruim” (ou qualquer coisa do tipo). Você não é obrigado a ver o filme ou ler o livro. Mas você não tem o direito de proibir os outros de fazê-lo. Jogar pedras e citar escrituras só vai fazer com que as pessoas não-bitoladas fiquem mais interessadas ainda em ver o filme. Que, aliás, é uma obra de ficção (Comentador de número 18, Cristiano Dias).

Enquanto tática na intenção de que o filme seja comentado, funciona. No interesse mercadológico, a circulação polêmica certamente foi feliz, na medida em que inúmeros setores da sociedade participaram dos debates.

Ao se referir à ficcionalidade e à primeira página do livro (que apresenta o conteúdo da história como parte da realidade), um especialista de arte conclui: *“Isso faz parte da ficção do livro. Foi uma malandragem, mas a tal página está depois da folha de rosto e, portanto, eu vejo como parte da estrutura ficcional do romance”* (Marin Kemp - especialista em história da arte - Transcrição da entrevista em “O Código Da Vinci Revelado, **National Geographic**, 2006).

Esse comentário do especialista de arte Marin Kemp corrobora a perspectiva de Umberto Eco, que já referimos acima, sobre a ficcionalidade interferir ou não na perspectiva em que a obra é vista. *“Nem é grave que o autor de início diga que o que nos conta é verdade histórica. Só faltava essa! O leitor profissional está acostumado a esses apelos narrativos à verdade, fazem parte do jogo ficcional...”* (Umberto Eco, **Veja**, maio 2006).

O campo midiático opera nas lógicas de audiência. Ele identifica que o assunto tem potencialidade de circulação ao mesmo tempo que é notícia. Quer dizer que não é um assunto que está se comportando de maneira exclusiva de crítica cinematográfica, o que seria mais freqüente no lançamento de um filme. Existem veículos da crítica cinematográfica, do campo acadêmico e do campo religioso que constroem opiniões de conteúdo de um filme. A discussão do assunto ocupa lugar central nos veículos, nas capas de revistas, nos primeiros cadernos jornalísticos, e há buscas de opinião das autoridades dos campos.

Nesse filme, o tratamento dado à ficcionalidade é o ponto condutor para o quadro polêmico que segue o caminho do debate social, que é variado conforme os sujeitos que estão percebendo a mídia e interagindo com ela.

* * *

Os dois temas mais relevantes, explorados acima, possibilitam constatações de recorte metodológico sobre o processo polêmico com a constituição de um ciclo que existe no espaço das relações entre mídia e sociedade.

As duas abordagens não limitam os estudos. Enquanto percepções derivadas da análise estão na construção das laudas descritivas. São eixos de temática e de funcionalidade do processo polêmico do filme *O Código Da Vinci*.

5. PARÂMETROS DE CONTIGÜIDADE E TENSIONAMENTO

5.1. Aspectos midiáticos do debate

É no espaço midiático que todo o processo analisado está instaurado e, sem dúvida, por ele entrelaçado nas percepções e articulações sociais. A dinâmica dos setores midiáticos representa uma função cada vez mais presente socialmente, ao ponto de, neste caso, encontrarem-se campos diversificados que operam na e pela mídia.

Enquanto dinâmica desse processo de polêmica, as falas são produzidas na sucessão de tensões que ocorrem por diversas falas e diversas origens. De acordo com o “impacto polêmico” de tensionamento, a maior atenção (enquanto espaços em destaque nos canais midiáticos) não é necessariamente sobre as falas “oficiais” ou das autoridades dos campos sociais em participação, mas daqueles que tensionam e reúnem um fato ou tema novo. Na disputa de falas, funcionam os argumentos de conteúdo como os argumentos de contextualização dos participantes no processo polêmico.

É o que ocorre na revista *Istoé*, de 17 de maio de 2006:

A instituição americana Organização Nacional pelo Albinismo e Hipopigmentação (NOAH) anunciou que fará manifestações na porta dos cinemas. O Opus Dei adotou uma estratégia apelidada de operação limonada. “Se tem limão faça uma limonada. Uma declaração de guerra só interessa ao marketing do filme”, disse o porta-voz da organização.

O fato “novo” é notícia na revista, e organizações sociais de vozes menores ganham destaques na funcionalidade das disputas de falas. É por isso também que

os fatos que expressam posturas mais radicais¹¹ recebem destaques nas disputas de espaços midiáticos das falas.

A disputa de falas consegue reunir, num mesmo cenário midiático, atores sociais muito distintos. Nesse sentido, a revista *Veja*, maio de 2006, diversifica os lados e as falas com opiniões de Tom Hanks, ator do filme (que passa a criticar o conteúdo); o cardeal Cormac Murphy O'Connor, líder da Igreja Católica da Inglaterra; o professor Umberto Eco, titular da cadeira de Semiótica em Bolonha; Dom Geraldo Magella Agnelo, presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil na época.

É o campo midiático que identifica os detentores do simbólico do conteúdo do filme e os consultam, ao mesmo tempo que os atores se manifestam e entram no ciclo midiático.

As laudas elaboradas para a análise partem dos materiais midiáticos. A sistematização em laudas é uma forma metodológica organizativa desse material, que é complexo, apresenta lados midiáticos e a estrutura topográfica do caso em cinco parâmetros: *pontos de vista – objetivos – procedimentos – vetores de fluxo – interlocuções*. Esses parâmetros levam à observação, na variedade de falas, das variações no material que fazem instaurar o processo polêmico.

5.2. Campos e diferentes pontos de vista

A análise do material não pode ser feita nem observada se não considerarmos todos os parâmetros em uma processualidade. No item anterior, o foco estava na perspectiva midiática em torno dos parâmetros de campos, atores, temas e fatos.

O conjunto da análise vai além. Vai para o que o conjunto de campos, atores, temas e fatos fazem no processo. Os parâmetros analíticos se desenvolvem sobre a produção e a recepção, fazendo operar então o sistema interacional de resposta. Esses parâmetros permitem observar as variações nos “movimentos” do caso, conforme os pontos de vista, objetivos, procedimentos, interlocuções e vetores

¹¹ Como exemplo de posturas mais radicais há o caso do deputado federal Salvador Zimbaldi (PSB-SP) que move ação judicial com a intenção de proibir a veiculação do filme no Brasil. O caso ganha repercussão midiática, sendo comentado por diversos outros canais, como nos *blogs* e rádio.

de fluxo – que invocam percepções em torno do movimento social ligado ora à recepção, ora à produção e ora a um contexto de associação para os dois sistemas.

A estrutura básica daqueles que partem da defesa do campo religioso e daqueles que partem da defesa do conteúdo do filme tem suas relações com a elaboração das várias falas e procedimentos que são instaurados.

Não é na simples escolha de defesa ou não do campo religioso, mas das várias “intenções” que constituem a escolha por defender ou não a posição instaurada que se desenvolve a polêmica. Dentro da estrutura básica, o material apresenta uma diversidade de objetivos e procedimentos instaurados pelos pontos de vista.

5.3. Pontos de Vista

Os pontos de vista dos materiais se desenvolvem a partir da diversidade. Inicialmente, encontram-se os dois lados básicos da defesa do campo religioso e da defesa do conteúdo do filme. Em primeiro lugar, a produção dos textos do campo jornalístico (aqui envolvendo todos os formatos) apresenta diversidade de opinião, de modo que a defesa, ou não, é algo muito subjetivo. O que poderia definir a escolha de cada material crítico seria o conteúdo expresso em relatos dos temas e dos fatos. De qualquer modo, o que é interesse aqui é a instauração de um cenário diversificado a partir de dois lados iniciais que desencadeiam muitos outros, conforme as intenções dos atores que participam.

A mídia e, mais ainda, o campo jornalístico, obviamente, seguem o critério de buscar diversidade de posições e relatar fatos na construção de materiais que sejam válidos para as audiências. Isso acontece nas mídias institucionalizadas, que têm um grau de cobrança social. O mesmo não pode ser dito das mídias “informais” que relatam opiniões a partir de intenções mais vinculadas a seus produtores. Uma diferenciação pode ser vista entre o expresso nas revistas que partem de pontos de vista diversificados, que não privilegiam lados, mas, sim, fazem tentativas de reunir o maior número de lados e atores. Em contrapartida, temos os relatos em *blogs* que

definem posições independentes de razões acadêmicas ou especializadas e partem por opiniões independentes.

A instauração de vários ângulos e pontos de vista é que faz as produções específicas de determinados campos entrarem no debate, por exemplo: segmentos especializados, como as revistas de campo acadêmico e do campo religioso. Da mesma forma apresentam relatos diversificados, que não defendem, mas que enfatizam intenções e perspectivas.

A defesa sobre o campo religioso fica expressa em produções específicas do campo religioso, do campo acadêmico (quando conclui que a teoria do livro-filme não condiz com elementos científicos), mas que discute numa tentativa didática, em que sucessões de falas entram para explicar temas e fatos.

A defesa do conteúdo do filme fica definida pelos próprios produtores e atores do filme - que, na produção do filme, não querem confirmar que a obra é de ficção, recusando a *Opus Dei* a inserção de uma ressalva nos créditos - mas a discussão subsequente ao filme, em sua maioria, afirma que a obra é de ficção, numa tentativa de driblar as conclusões da linguagem mais acadêmica de outros textos.

Assim vemos que, dentro de um mesmo campo, pontos de vista se articulam de forma também diferente, apresentando enfoques distintos em suas defesas de uma posição geral.

Para cada campo, observamos variações de lados a partir daqueles que defendem o campo religioso e aqueles que entram numa discussão em defesa do conteúdo do livro-filme. A partir da constituição dos três campos, verificamos tendências no modo de “agir” pela constituição do próprio campo.

Os atores do campo religioso entram numa defesa lógica, própria do campo religioso, numa discussão mais na defensiva ou explicativa. Por exemplo, Dom Geraldo Magella recomenda aos fiéis que não vejam o filme, ou, se optarem por assisti-lo, que o vejam na ótica de uma ficção: *“Ele aconselhou os fiéis a não verem a película. Aqueles que, contudo, decidirem assistir ao filme, deverão, conforme a orientação da CNBB, ter o discernimento necessário para avaliar que se trata de uma obra de ficção”* (**Correio do Povo**, 20 maio de 2006).

Outro ponto de vista também se propõe no campo religioso, desta vez chamando o campo acadêmico (histórico) como aliado: “O ‘Código’ não diz a verdade. Tanto o filme como o livro mostram uma imagem distorcida de Jesus Cristo. Uma imagem que não corresponde à verdade histórica, que, dessa maneira, distorce também a imagem da Igreja” (**Folha de São Paulo**, 25 de maio de 2006) - conclui dom Antônio Dias Duarte, do Rio de Janeiro.

Essas descrições dos pontos de vista revelam que os lados se constituem a partir de “tendências” da constituição do próprio campo, ou seja, há uma tendência do campo religioso em defender o próprio campo, mas isso não significa que todos os atores do campo religioso compartilhem de um único ponto de vista. Como há um contexto instaurado, os pontos de vista de cada campo também são flexíveis, operando em diferentes lógicas internas.

“O leitor profissional está acostumado a esses apelos narrativos à verdade, fazem parte do jogo ficcional... quando a parte católica explica que todas as informações que o livro contém são falsas, podem acreditar” (Umberto Eco, **Veja**, maio 2006). Umberto Eco faz uma defesa do campo religioso em questão acadêmica, no que se refere à construção da ficção. Mas isso não significa que compartilhe dos mesmos operantes e ponto de vista de Dom Geraldo Magella.

No campo acadêmico, a tendência é a discussão descritiva de um contexto que está sendo instaurado, como também num estilo explicativo, diversos atores específicos dialogam e “lançam” suas objeções na corretiva do “foco” da discussão.

Para Juan José Tamayo, professor de teologia da Universidade Carlos 3 de Madri, o interesse recente em revitalizar o papel de Maria Madalena surgiu por conta de um revisionismo feminino. ‘Mostrar que ela era mais importante do que deixam crer os textos supostamente oficiais tem a ver com nosso ambiente cultural de hoje, que valoriza as perspectivas de gênero’” (**Folha de São Paulo**, 25 maio de 2006).

A fala acima é já outro modo de construir um ponto de vista originado nas perspectivas religiosas – tenta deslocar o objeto da polêmica para espaços extra-religiosos.

Próximo deste – mas com ponto de vista diferente – é o texto de Diana Corso, no jornal *Zero Hora* do dia 13 de maio: “Minha hipótese é que no feminismo exacerbado está a chave para decifrar os efeitos do Código. Do início ao fim,

estamos frente a um discurso pró-mulheres, melosamente entusiasta e caricatural, destinado a expiar uma culpa histórica”.

Do lado do campo midiático, há os caracteres da objetividade jornalística operando. A tentativa da imparcialidade existe, pela própria reunião e permissão de fazer no espaço midiático a arena para o social, mas as discussões e os pontos de vista instaurados jogam nos aspectos da produção do filme com o contexto de uma polêmica instaurada.

Código Imposto - O presidente do festival, Gilles Jacob, contou ao “Le Monde” que eles não tiveram outra alternativa senão programar ‘O Código Da Vinci’ para a abertura. Se Cannes não escalasse o filme, eles fariam na mesma data do festival uma pré-estréia nos EUA, tirando toda a atenção da imprensa americana ao festival (**Folha de São Paulo**, 19 maio de 2006).

A adaptação dessa trama para as telonas não exigiu tantos sacrifícios, mas desde que a Internet surgiu para espionar astros e diretores não víamos um set de filmagens tão fechado para a imprensa e para os curiosos. Não que a superprodução precise de publicidade: além de contar com o público que já consumiu milhões de produtos relacionados à obra do americano Dan Brow” (**Set**, maio 2006).

As duas perspectivas acima, de âmbito crítico-midiático, representam posições diversas. Assim, os pontos de vista representam direções variadas de cada campo; são cruzados entre si mesmos. Os que se originam do mesmo campo não necessariamente partem da mesma ótica. Eles correspondem também ao que cada ator considera mais “importante” para ser discutido, pautando em suas falas e ações.

5.4. Objetivos

A constatação em vários segmentos midiáticos inicia a percepção sobre os movimentos dados aos objetivos. Os objetivos aqui são compreendidos, também, pela relação entre as várias falas e onde essas falas são ditas.

Os diversos setores midiáticos instauraram falas de diversos ângulos na tentativa de discursos mais imparciais, mas os setores midiáticos que fazem alguma ligação com o campo religioso (sendo canais midiáticos do campo religioso, como o

caso do *site* de uma paróquia) assumem objetivos expressos com uma defesa marcada.

Mesmo tendo duas posições mais definidas, sendo a defesa ou não do campo religioso, os objetivos entram numa escala de explicitação do tema e dos fatos numa tentativa de abordar e especular variadamente sobre essa dupla relação. Claro que isso ocorre dentro de cada canal e formato midiático de acordo com suas lógicas. Nas revistas, o caráter é de uma objetivação de construção de artigos que exploram diversos ângulos dos temas e da própria polêmica. Nos jornais, com o interesse da notícia mais expressa, assuntos mais radicais ocupam espaços e, por isso, há mais relacionamento com fatos.

Todos eles direcionam um material contextualizador do social que precisa ser falado. Não é apenas a mídia agendando, como não é apenas o esforço dos diversos campos na tentativa de esclarecer o seu ponto de vista, mas é um social ramificado da crise do capital simbólico religioso tensionado pelo próprio social na tentativa diversa de “acordos”.

Assim, o tema foge dos setores midiáticos que o estão agendando e passam para setores (aqui chamados de não-institucionalizados), em que qualquer ator social que queira se manifestar e tiver acesso poderá fazê-lo, saindo da posição de espectador para participante do processo polêmico. É o caso dos *blogs* que desencadeiam movimentos a partir da “mídia maior”, por meio de referências, mas que evocam diversos outros pontos de vista, contextualizando e reagindo sobre o campo polêmico.

O objetivo é traçado a partir das pretensões sobre as falas. São os objetivos a serem atingidos, “revelados”, de alguma forma, pelo cenário instaurado e pelas falas e pontos de vista ditos, expressados; ou pelas formas implícitas, mas que deixam marcas.

Encontramos as seguintes variações quanto aos objetivos:

- A) *Os que defendem o campo religioso definem objetivos de tentativas de desqualificação do filme e defesa do simbólico religioso.*

Não só atores exclusivos do campo religioso estão em defesa do campo religioso. Junto com estes, estão teóricos de diversos campos acadêmicos e alguns críticos. Eles traçam objetivos de duas espécies: a

defesa do conteúdo segundo o ponto de vista religioso; e a desqualificação do filme.

Defender o conteúdo a partir das considerações do campo religioso não se associa necessariamente a ações de desqualificação do filme, mas, ao mesmo tempo, encontramos atores que fazem diversos movimentos desde apenas defender o conteúdo, como também defender o conteúdo e desqualificar o filme.

A desconsideração com o filme corresponde ao debate de que o filme não condiz com o real:

O professor de Teologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Fernando Altemeyer, tenta não levar Dan Brown muito a sério. 'Ele está a milhões de anos-luz da seriedade teológica. O seu Jesus não tem nada a ver com o de Nazaré, o seu Opus Dei não coincide com o real, da Vinci não pertencia a nenhuma organização secreta', diz ele (**Isto É**, maio de 2006).

Há tentativas de generalizações em argumentos que fazem o campo religioso ser considerado "vítima" de uma onda para desvalorizar valores tão bem "aceitos" pelo social: "*Acredito que exista uma campanha para desvalorizar nossos valores fundamentais. É uma campanha em favor da violência, da prostituição, do aborto, da agregação da família e agora contra a Igreja e os valores cristãos, mas não sei de onde vem, assinalou o vereador*" (**Correio do Povo**, 20 de maio 2006).

Ou são argumentos diretamente posicionados que desconsideram a obra cinematográfica como uma obra séria: "*Por que ver o filme – Porque em 149 minutos você já fica por dentro dessa imensa polêmica bíblica armada por Dan Brown e evita ter que gastar horas, dias, talvez semanas, lendo 480 páginas de má leitura. Prefira os clássicos*" (**Folha de São Paulo**, 25 de maio 2006).

- B) Os que defendem o conteúdo do livro-filme definem objetivos de tentativas de desqualificação do campo religioso e re-enquadramento de conteúdo e de defesa exclusiva do filme.

É um movimento de dois níveis. São os debates subseqüentes que precisam reafirmar valores já apresentados pelo livro-filme de forma defensiva, em que a desqualificação do campo religioso é o foco com posturas desencadeadas nas tentativas de considerar um debate e focos nos campos de discussão do cenário e do embate travado, e os defensores exclusivos da obra cinematográfica.

Debates subseqüentes que apelam para desqualificar o campo religioso fazem construções que resgatam períodos ou condutas históricas da Igreja, associando outras justificativas para invalidar a possível autoridade que o campo religioso teria sobre o assunto em foco:

Está muito claro que Maria Madalena não foi simplesmente a 'moça do café' dos tempos bíblicos, aquela figura humilde que está sempre ofuscada pelos homens. Mas essa, obviamente, é a imagem – essa coisa pior, que a Igreja quer que tenhamos dela. Ela foi, pelo que se sabe, uma mulher de muita personalidade, independente financeiramente. (Lynn Picknett, escritora e co-autora de *O Segredo dos Templários* – Transcrição da entrevista em “O Código da Vinci Revelado”, **National Geographic**, 2006).

Há também os que optam por defender o filme apenas com o objetivo de negação ao campo religioso:

Fazendo eu parte daquela minoria que teimou em não ler *O Código Da Vinci*, de Dan Brown, confesso que me sinto muito tentado a dar uma saltada ao cinema, quanto mais não seja porque teve o condão de irritar os senhores do Opus Dei (**Blog Arte de Opinar**, 2006).

As discussões exclusivas do filme estão centradas mais nos aspectos da defesa dos atores e produtores do filme sobre a própria obra. Estão de forma mais mercadológica, mas, ao mesmo tempo, entram em discussões de conteúdo e de ataque ao campo religioso: “*O que é um filme para interferir na crença de alguém?*” (**Zero Hora**, 19 maio 2006) - defende Tom Hanks sobre o conjunto da crítica que surgiu a partir da exibição para os jornalistas.

Ian McKellen, também ator do filme, segue na defesa exclusiva do filme, ao mesmo tempo referindo-se ao campo religioso: “*Nunca parei para pensar se Jesus foi casado ou não. Só tenho certeza de uma coisa: como*

a Igreja sempre teve problemas com o homossexualismo, gay eu sei que Jesus não foi – disse o ator, um homossexual assumido” (Folha de São Paulo, 19 maio de 2006).

O diretor do filme, em entrevista à revista *Set*, maio de 2006, diz e defende o filme: *“É um trabalho de ficção e não de teologia. Algumas pessoas acham que é verdade, outras acham que não. Eu ficaria surpreso se não gerasse nenhuma controvérsia”.*

Haveria um outro aspecto sobre esses dois grupos, um nível nas discussões que é mais de observação do processo polêmico. Por exemplo, Diana Corso, no jornal *Zero Hora* do dia 13 de maio de 2006, defende um cenário não-favorável ao campo religioso. Contextualiza a discussão no foco do feminismo, mas não considera o filme a melhor opção. Embora, no seu texto, pareça haver uma posição em favor do filme e menos favorável ao campo religioso, não é possível efetivamente considerar a psicanalista como participante de um desses grupos. O que seria possível é considerar momentos da discussão que favorecem um lado e momentos que favorecem o outro – uma vez que seu objetivo extrapola simplesmente posicionar-se, nessa dimensão, “contra ou a favor”.

Os objetivos constroem o cenário de disputa. O que está sendo disputado é a validação de um capital simbólico do campo religioso e que é defendido de diversas formas. Os objetivos de defesa ou de crítica se dispersam em objetivos específicos, diversificados dentro de cada campo.

Os objetivos instaurados se cruzam, constituindo uma rede a partir de dois lados. Isso implica na continuidade de nossa análise para os procedimentos argumentativos que articulam as formas de alcançar os objetivos.

5.5. Procedimentos argumentativos

A própria polêmica é o resultado de procedimentos argumentativos nesse parâmetro, porque é o característico de um debate instaurado a partir de uma produção que se relaciona com a sociedade. Essa relação vem com táticas e argumentos para a disputa de espaços.

A partir de temas centrais, a polêmica instaurada faz de todos os outros temas e fatos algo que pode ser explorado no contexto. Por exemplo, a partir da discussão sobre Maria Madalena, é possível debater o feminismo no contexto atual, é possível debater a conduta da Igreja Católica. Assim outros assuntos entram no ciclo argumentativo.

Um contexto é instaurado, de modo que entra na “rotina” da semana dos jornais discutir e apresentar fatos em torno do tema, constituindo um processo que é polêmico. Essa instauração de discursos reúne em si tudo aquilo que tem potencialidade, de modo que, no mesmo espaço que discute cientificamente a figura de Maria Madalena, é discutido, em julgamento de valor, o corte do cabelo para a atuação no filme de Tom Hanks.

Inicialmente, esse processo polêmico tende a colocar no mesmo nível as diversas discussões e lados. Depois, as “autoridades” nos assuntos são apresentadas com posições definidas, iniciando um processo mais tenso – processo que constitui um contexto de falas que entram em sucessões. As entrevistas e reproduções de falas elaboram um espaço que facilmente convoca novas posturas e pronunciamentos.

No contexto das falas, quaisquer atores do social, independentemente da autoridade nos assuntos, agem por temas e fatos para as discussões, ganhando espaço e dialogando entre a crítica e o produto midiático.

O contexto instaurado atinge os níveis de discussões diversas, com procedimentos em entrevistas, falas e fatos em ramificações na mídia. Assim não são apenas os grandes conjuntos de canais midiáticos que são palco desses argumentos, mas diversos segmentos que vão desde um *site* de paróquia a revistas de circulação nacional e internacional. Independentemente do raio da circulação, o fato instaura-se, exigindo e dando continuidade numa sucessão de falas e argumentos indeterminados. Quanto mais ações puderem ser capturadas, mais ainda serão debatidas.

“*Código da polêmica*” – foi com esse título que o jornal *Zero Hora*, do dia 19 de maio de 2006, apresentou a matéria do lançamento mundial do filme, apresentando entrevistas e descrições do que é a polêmica do conteúdo. Não foi diferente com a *Folha de São Paulo*, do dia 25 de maio de 2006. Uma semana após

a primeira exibição do filme, apresentava entrevistas e manifestações contra o filme - “*Código do barulho*”.

Os setores jornalísticos instauram e objetivam seus argumentos a partir de observação do processo polêmico. Basta ver o número de páginas e espaços nos canais jornalísticos que se dedicaram aos argumentos de explicar a figura de Maria Madalena e de grandes partes do conteúdo do filme. Enquanto há um cenário de debate de conteúdo em que autoridades de diversos campos estão em sucessões de falas e consultas, há um outro cenário, também de falas, mas constituído de fatos externos ao debate de conteúdo – fatos que também agem como argumentos, manifestações, tentativas de interferência na exibição do filme e a própria recorrência de indivíduos a *blogs* pessoais para expressar opiniões.

Portanto, há uma decorrência de elementos que dialogam entre fatos internos e fatos externos que regem a construção argumentativa para as pautas do jornalismo na cobrança social que se debate.

Esses elementos se desdobram das considerações anteriores (objetivos), visualizam as táticas argumentativas para a execução de objetivos, a saber:

Argumentos de Autoridade – A disputa parte de um capital simbólico do religioso, no qual diversos especialistas funcionam como “autoridades”, seja sobre o assunto, seja na condição de ator do campo religioso: “O ‘*Código*’ não diz a verdade” (**Folha de São Paulo**, 25 maio 2006) - afirma dom Antônio Dias Duarte, bispo do Rio de Janeiro. Assim há uma manifestação pública de autoridade, porque é um líder católico que fala e, como tal, se pronuncia como autoridade dos católicos e como autoridade no conteúdo de um simbólico que é do religioso. É o mesmo nível de autoridade que tenta interferir na recepção quando Dom Geraldo Magella pede aos fiéis para verem o filme sob a ótica da ficção, numa tentativa de desqualificar o adversário, que é o conteúdo do filme.

Protestos – O nível de falas provindas de protestos parte com o objetivo de desqualificar o adversário. Ele expressa socialmente uma negação do filme, pelo menos por um grupo, e isso poderia agregar adesões de outros.

O filme 'Código Da Vinci' foi retirado dos cinemas de Minsk, capital da Belarus, depois de apenas quatro dias de exibição porque associações cristãs protestaram contra o longa, dizendo ser 'ofensivo'. Grupos cristãos fizeram manifestações contra o filme também na Índia, Tailândia e Coréia do Sul. Em 'O Código da Vinci', há a teoria de que Jesus Cristo foi casado com Maria Madalena e que eles tiveram uma filha (**Folha de São Paulo**, 24 maio de 2006).

Explicitação de fatos e temas – É o nível de objetivos que querem desconstituir o filme por uma questão de conteúdo, seja para defesa ou não do campo religioso. Não se mistura com questões de autoridade (já citadas), mas trata-se da tentativa de defender construções de temas que permeiam o assunto central, como Leonardo Da Vinci, *Opus Dei*, Priorado de Sião: “A obra de Dan Brown é fiel ao que a história sabe sobre o gênio da Renascença?” Assim continua a revista *Veja* de 17 de maio de 2006, explicitando, em seu artigo, fatos envolvendo uma linguagem acadêmica, ou o *blog* que relata a intenção do deputado federal Salvador Zimbaldi de impedir a exibição do filme no Brasil.

Ironia – São modos que encontram na ironia a possibilidade de dizer determinados assuntos que, de outra forma, talvez não seriam aceitas. É o caso do tratamento dado pelo ator do filme Ian McKellen, ao dizer que a Igreja teria uma certeza: “*gay eu sei que Jesus não foi*” (**Folha de São Paulo**, 19 de maio de 2006). Da mesma forma, os que defendem o campo religioso podem ironizar, desprezando o conteúdo do livro-filme, numa tentativa de desqualificá-lo: “*Por que ver o filme – Porque em 149 minutos você já fica por dentro dessa imensa polêmica bíblica armada por Dan Brown e evita ter que gastar horas, dias, talvez semanas, lendo 480 páginas de má leitura. Prefira os clássicos*” (**Folha de São Paulo**, 25 maio de 2006). Rebatendo os protestos, a tentativa é de banalizar um fato instaurado, seja por defensores do campo religioso, seja por defensores do conteúdo do livro-filme.

5.6. Vetores de fluxo

As direções dadas nas matérias correspondem a ações específicas de como o caso se instaurou: inicialmente, por uma discussão de campos envolvendo o conteúdo do livro-filme. Assim as matérias apresentam lados do campo religioso, que é o detentor do simbólico e do conteúdo. Por isso, há a projeção de falas sobre o campo religioso voltado para diversos setores na dupla relação entre aqueles que constituem o filme e aqueles que estão no processo de recepção do filme.

Depois foram acionados, na sociedade, canais que dialogam com o campo religioso, que são as discussões de nível acadêmico, envolvendo assim campos para uma discussão pautada em relatos acadêmicos como o campo da história e da arte.

O filme está no nível cinematográfico; então também há a segmentação da discussão voltada para os produtores e consumidores de entretenimento e cinema. Por isso, as veiculações específicas do cinema também entram no giro de falas e direcionamento de argumentos, como a revista *Set*.

Mesmo segmentada por campos e direcionamentos, não há uma fronteira delimitada entre os elementos que estão participando do processo, ou seja, dentro da revista *Set*, é discutida a produção no nível do conteúdo religioso e, dentro do *site* da paróquia, é discutido o nível da ficcionalização e do entretenimento. Nesse ponto, reside uma característica do processo polêmico: instaura, em diversos setores midiáticos, que muitas vezes têm suas produções dirigidas, um debate mais generalista e aciona diversas falas que, necessariamente, não correspondem à produção dirigida.

Essa “generalização” acionada existe, porque a discussão passa a ser de interesse de todos na constituição de um fato social. Também por isso os diversos lados podem posicionar e construir diversos argumentos, de modo que a produção do filme pode falar sobre o campo religioso, e organizações específicas podem exigir da produção cinematográfica posições, como o caso da *Organização Nacional pelo Albinismo e Hipopigmentação* já comentado.

Seguindo a análise dos “vetores de fluxo”, que procura observar as direções para as quais os argumentos estão voltados, existe a dupla relação da produção e da recepção na constituição e nos empedramentos da argumentação e dos objetivos por ela traçados.

A) No âmbito da recepção:

Inicialmente, é sobre o âmbito da recepção que se constituem as falas da polêmica no *Código Da Vinci*, de modo geral e diversificado, mas a partir de uma leitura já estabelecida da produção.

Normalmente, o âmbito de falas de uma produção cinematográfica é sobre a produção; por isso os cadernos específicos de cinema da crítica cinematográfica. No caso do *Código Da Vinci*, o deslocar das falas por uma ótica que o transformou num fato social faz os vetores de recepção também entrar num giro de especificações de falas.

As falas são destinadas a grandes públicos, gerais, mas também a especificidades deles: os jornais *Folha de São Paulo*, *Zero Hora*, *Correio do Povo* e as revistas *Isto É* e *Veja*, por uma condição de suas circulações, falam a um grande público, diversificado, o que fomenta ainda mais nossas considerações das discussões transformadas em fatos sociais. As circulações da *Rádio Vaticana*, da *Revista História Viva*, da *Revista SET*, do *Documentário National Geographic*, do *site da Paróquia Benedita* e dos *blogs* correspondem a um público mais específico, voltado para as comunidades católicas, para leitores e pesquisadores de história, para leitores e críticos de cinema, em uma linguagem mais específica, para os freqüentadores do *site* e dos *blogs*.

“A Igreja Católica está preocupada em não perder sua autonomia. Com o vazio político de hoje, muitas pessoas preocupam, de boa fé, algo de espiritual, de transcendente. Muitas vezes essa busca não vai em direção a Igreja Católica, que percebe a ameaça de ter sua construção histórico-teórica enfraquecida”. (Diretor de cinema Marco Bellocchio, **Folha de São Paulo**, 28 de maio de 2006).

O conteúdo da obra cinematográfica levou a um debate de envolvimento de campos que discute a partir das apropriações de conteúdo numa relação com os setores sociais.

B) No âmbito da produção:

A polêmica que se instaura participa do duplo processo que está relacionado também à Produção. As “manifestações” no sentido da produção acontecem pela relação de campos e atores de campos: (a) inicialmente, o campo religioso em posturas específicas nas tentativas de desqualificação do adversário (o filme); (b) depois os diversos atores sociais que se manifestam no sentido do campo religioso ou na defesa / adesão da teoria do livro-filme.

O processo que se instaurou está envolvendo falas direcionadas à recepção e aos consumidores específicos de cada campo envolvente, mas, ao mesmo tempo, à conduta da produção. E o campo religioso não só comenta, mas manifesta-se na tentativa de interferência na produção: “*O Opus Dei já havia pedido à Sony Pictures que colocasse nos créditos a ressalva de que se trata de uma história fictícia, mas a empresa não se comprometeu a atender o pedido*” (Istoé, 17 maio de 2006).

“*Ele aconselhou os fiéis a não verem a película. Aqueles que, contudo, decidirem assistir ao filme, deverão, conforme a orientação da CNBB, ter o discernimento necessário para avaliar que se trata de uma obra de ficção*” (Correio do Povo, 20 maio 2006).

Esse movimento que envolve a produção não é de longo prazo; antes mesmo que o filme estivesse em exibição, setores da Igreja Católica já se manifestavam no intuito de interferir na produção.

* * *

O processo instaurado é intenso, diferido e difuso. Tem um envolvimento geral com especificidades de leitores dos campos que participam. O conjunto diversificado de falas está, inicialmente, num processo que diz a Recepção, por isso

os cadernos específicos de cinema. Logo, porém, volta-se para outras falas sobre a produção e recepção e o funcionamento dela. Essa relação é a que transforma um fato social em que diversos setores do social estão pautando e fazendo considerações de valor para especificidades da produção e da recepção.

Ao se referir à ficcionalidade, Marin Kemp afirma: *“Isso faz parte da ficção do livro. Foi uma malandragem, mas a tal página está depois da folha de rosto e, portanto, eu vejo como parte da estrutura ficcional do romance”* (MARIN KEMP - especialista em história da arte - Transcrição da entrevista em “O Código Da Vinci Revelado”, **National Geographic**, 2006).

5.7. Interloquções

Todo o conjunto crítico produz, a partir dos enfrentamentos, participantes que assumem diversas estratégias na ação conjunta do social. As interloquções são vistas no conjunto desse processo, reunindo todos os elementos já debatidos e apresentados dos parâmetros.

Projetam participantes que estão tanto na produção quanto na recepção do processo. São atores e são leitores, são “vozes” e “ouvidos” no processo que faz a dinâmica argumentativa. A divisão por lados é a primeira projeção de um tema que se instaura no social.

Inicialmente, o processo da circulação do filme é direcionado para o referencial do livro, nas especulações de conteúdo, daquilo que já estava como contexto no social, apresentando um cenário já difuso, porque já instaurava na sociedade comentários. Também é característico numa discussão que não foi feita somente nos espaços que discutem filmes, mas em espaços além, no envolto do social.

A crítica construída está em torno dos leitores do livro, que conhecem o conteúdo direta ou indiretamente. Embora as primeiras matérias jornalísticas, inicialmente, contextualizem o conteúdo, a “história” passa a ser domínio de todos, por uma questão de agendamento. Esse agendamento não é pautado e previsível.

Ele ganha força na medida em que novas vozes circulam e novos campos apresentam posições demarcadas.

Por isso, sucessões de falas entram em ocorrências, de modo que a circulação ocorre também entre diferentes instâncias midiáticas. O *blog* que faz referência a uma matéria publicada no jornal da *Folha de São Paulo* e um comentarista interno do *blog* relembram, em seu comentário, o mesmo fato apresentado na rádio. A circulação é resultante do interesse social geral. Todo comentário que se faça é de interesse da sociedade.

Na medida em que as circulações apresentam novas posturas e radicalidades, o campo polêmico entra numa dinâmica maior. Até o lançamento do filme, existe uma expectativa sobre a intensidade da recepção sobre a obra, até porque o livro já havia ganhado espaço de divergência social sobre o assunto. Existe uma espécie de “temor” do campo religioso sobre o filme, na expectativa de que ele “reacenda” a discussão do livro. Por isso alguns dirigentes do campo religioso se manifestam aos fiéis sobre como eles devem considerar o filme: numa perspectiva ficcional.

Também iniciam posições de campos que divergem ou, de alguma maneira, são atingidos pela temática do filme, como a *Opus Dei*. Na realidade, o filme reativou a discussão do conteúdo do livro, mas o fato muda a partir da primeira exibição do filme. “Crítica recebe ‘Código’ com frieza”, foi o que o jornal *Zero Hora* apresentou na matéria do dia 18 de maio, na exibição exclusiva para os críticos em Cannes, nas vésperas do lançamento mundial. Os críticos cinematográficos foram radicalmente contra:

Nada funciona. O filme não tem suspense. Não é romântico. E, certamente, não é divertido (Stephen Shaefer, do Boston Herald).

É quase tão ruim quanto o livro (Peter Brunette, do Boston Globe).

Uma ausência total de Andrey Tautou e Tom Hanks (Lee Marshall, do Screen International).

Não era muito compreensível. O momento chave do filme foi recebido com risos ou zombaria, e isso resume tudo (Gerson da Cunha, do Time Of India).

São frases apresentadas no jornal *Zero Hora*, que apresenta opiniões de diversos críticos que acompanhavam, em Cannes, a primeira exibição. Embora a crítica o receba com “frieza”, como diz o jornal, e embora haja manifestações

relatadas nas primeiras exhibições, o filme teve sucesso de bilheteria, devido também à sua produtora, que o inseriu tanto no festival de Cannes como nas diversas salas de cinema pelo mundo.

Código Imposto - O presidente do festival, Gilles Jacob, contou ao 'Le Monde' que eles não tiveram outra alternativa se não programar 'O Código Da Vinci' para a abertura. Se Cannes não escalasse o filme, eles fariam na mesma data do festival uma pré-estréia nos EUA, tirando toda a atenção da imprensa americana ao festival (**Folha de São Paulo**, 19 maio de 2006).

Ao perceberem a rejeição do filme, as falas que antes eram mais de conteúdo crítico ao campo religioso modificam o foco, justificando atitudes já tomadas, como no caso acima do presidente do festival de Cannes.

Diana Corso, no jornal *Zero Hora*, em uma semana anterior à exibição do filme, no dia 13 de maio, discutia o conteúdo e o foco sobre o campo religioso que estava reativado pelo conteúdo do livro, era anterior ao "lançamento" do filme: "*A Igreja Católica deveria ficar lisonjeada com o livro, afinal, ele dá a essa instituição um poder que ela já não tem. A força que ela ganha nessa trama já faz parte de seu passado, e pelo andar de suas políticas não a recuperará tão cedo*". Após a exibição do filme e nas sucessões de críticas negativas, outros comentários ganham espaços em referência ao campo religioso, diferentes daqueles tecidos uma semana antes:

Se a Opus Dei, em algum momento, nutriu rancor contra o diretor Ron Howard, ela deve estar se sentindo vingada pela crítica internacional. Barulho algum que a Opus Dei fizesse durante a *première* de *O Código Da Vinci*, quarta-feira, na abertura do 59º Festival de Cannes, seria capaz de rivalizar com o silêncio quase sepulcral com que o longa-metragem do diretor foi recebido na noite de terça-feira, numa exibição exclusiva para os jornalistas (**Zero Hora**, 19 maio de 2006).

Os diversos campos se percebem; não é apenas o campo religioso, ou o campo midiático, mas todos os campos se percebem entre si, originando suas falas a partir de seus lugares de origem.

Da mesma forma que a disputa de falas dos campos existe, os fatores que levam as falas a ganharem ou não nas disputas são de ordens distintas. Observa-se que, em termos de conteúdo, há uma tendência maior nas primeiras críticas em

defenderem o conteúdo do livro-filme, não apenas por concordarem com este, mas por negarem o campo religioso. Após a crítica cinematográfica receber o filme de forma negativa, as vozes que ganham mais espaços são aquelas que também percebem o contexto cinematográfico.

Assim como as discussões que acontecem fora dos setores midiáticos voltados para a crítica cinematográfica, o debate é também por ela condicionado. A crítica negativa pode dar, de certo modo, mais voz ativa, favorecendo o debate para aqueles que negam o filme.

Embora o patamar seja distinto (o conteúdo da obra e a obra em si), atingiu-se um nível em que os dois estão condicionando o campo polêmico numa mistura. Instaura-se assim uma circulação difusa, relacionando produção e recepção num cenário que transforma o espaço midiático numa arena do social que expressa suas leituras.

Os defensores do campo religioso, quando participam do processo polêmico, estão assumindo, como interlocutores:

- 1) Os fiéis do campo religioso – Muitas das construções de falas partem na ótica pela qual deve ser visto o filme, como a manifestação de Dom Geraldo Magella, presidente da CNBB, no intuito de orientar seus fiéis para assistirem ao filme lembrando que se trata de uma obra de ficção;
- 2) Participantes difusos do campo social, que fazem interpretações sobre o campo religioso, com a figura da Igreja e do capital simbólico;
- 3) O outro lado, os que defendem o conteúdo do filme. Entra-se nesse diálogo porque estão falando a partir de falas já originadas no próprio material do filme – existe o diálogo sobre a ficção do filme: o filme apresenta a obra como correspondência de elementos reais; a crítica que defende o campo religioso questiona e, por modos argumentativos, “desmonta” essa versão da obra que é ficção. Numa defesa, atores do filme reagem, afirmando que é uma obra de ficção e, como tal, pode tratar e modificar elementos dos campos sociais.

Os defensores do filme assumem como interlocutores:

- 1) Inicialmente, o grande público, que participa do social, que entende as lógicas do campo religioso, que possui ou não opinião formada;
- 2) O outro lado, porque utilizam o campo religioso para a construção de seus argumentos; a construção do próprio filme é uma apropriação do campo religioso, o que tensiona o diálogo;
- 3) Em um terceiro nível, os defensores do filme respondem aos críticos, aos acadêmicos e aos religiosos; são as falas que rebatem desde a afirmação de conteúdo a estratégias mercadológicas sobre a ficção.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo polêmico que se instaurou no caso do filme *O Código Da Vinci* não age apenas sobre as ações e decisões daqueles que ocuparam o cenário, mas constrói perspectivas a partir das intenções.

Não é simplesmente por uma espécie de curiosidade que esse material tem sua característica. Como processo polêmico, ele não projeta formatos nem esquemas, mas solicitações dinâmicas que ocorrem no miolo midiático e na relação social: quanto mais existem as atitudes, os interesses, as posições, as falas, geram uma objetivação do social com procedimentos que percebem o campo midiático e suas relações com os demais campos.

Enquanto praticidade da vida, o nível da existência dessa utilidade social no espaço midiático revela uma experiência da sociedade do simples apropriar-se e do esforço especulativo que coloca em crise elementos já constituídos, percebendo a sociedade em movimento.

Todo caso polêmico terá suas especificidades em torno do contexto em que se insere e no qual o constitui. No caso do *O Código Da Vinci*, o filme participa de um contexto que insere entretenimento retomado como questão social: uma obra cinematográfica por um processo de apropriação e adaptação de conteúdo de campos sociais, no caso religioso, que reuniu diversos aspectos em que os tratamentos dados sobre a obra de entretenimento jogavam nos aspectos de ficcional e não-ficcional.

Não é caótico e disperso o processo, mas de intensa articulação entre a variedade de falas e de falantes, que a cada momento passavam a tensionar, desencadeando as articulações entre temas e fatos. Por isso a percepção em torno

do conteúdo referente a Maria Madalena e sobre a ficcionalização foi importante na compreensão do processo. Reúnem aspectos que se desdobram dos movimentos entre os atores / campos e temas / fatos.

A variedade de falas e argumentos construídos de várias ordens fez no espaço midiático uma arena social para a disputa de um capital em crise. Assim os argumentos derivam de outros contextos, de cada campo, de cada modo de visão, mas não desconectados. Toda a variedade de ponto de vista manifestada midiaticamente se percebe e passa a interagir, atualizando o contexto da polêmica.

A variedade se encontra a partir dos materiais colhidos até as inúmeras falas internas pontuadas. Essa variedade é que está constituindo, com seus modos de atuação, a relação entre o social e a mídia.

Pensamos em inúmeros caminhos trilhados nesse processo de construção acadêmica do caso. A variedade de temas desencadeados possibilita inúmeras averiguações. Assim o caminho inicial foi marcado de muitas tentativas e tomadas de decisões, e o constituído está a partir do nosso conjunto teórico que orienta o metodológico.

Inicialmente, fizemos uma defesa de um campo polêmico num processo interacional que agia e reagia pela mídia, constituindo aspectos de construção para o social. A entrada dos estudos de sistema interacional de resposta foi um elemento articulador e dinâmico para o caso, possibilitando averiguações no material que fossem produtivas, enquanto pesquisa para o campo da comunicação.

O sistema interacional de respostas pontuou as articulações que derivam do processo polêmico do caso. São as falas entre os campos, a constituição na mídia de uma arena social na disputa de um capital simbólico pelos campos e as ações sociais que validam ou dão audiências.

A mídia está transformando e sendo transformada pelo social. Ela não é totalmente independente, como todos os outros campos que participam também não são. No processo polêmico, estão participando e conquistando espaços esses que se encontram “materializados” na mídia, desde a formação de uma “arena midiática”. Essa arena é lugar em que se faz a polêmica, mas também é onde o processo midiático sobredetermina os campos e atores que estão participando, e articula os contextos.

O acontecimento desse processo, aqui, está sendo verificado por ângulos e perspectivas desde o qual consigam capturar informações de movimento e que constituam o campo polêmico para o caso. Ele ocorre de forma dinâmica na sociedade, no sentido de que interage do social com a mídia. Isso não significa que ele é justo na distribuição de lados e vozes.

Essas vozes entraram numa disputa que expressa um conjunto dinâmico pautado a partir de campos da sociedade, campos tradicionais, como é o campo religioso.

As perspectivas dos campos e das jogadas nas relações dos campos são mais expressivas no contexto social porque vêm acompanhadas de instituições tradicionais e, como tais, reforçam atitudes, demarcam territórios e intensificam o debate.

A presença da discussão “acadêmica” vem como uma exigência dos lados mais rigorosos, preocupados com o debate formal e coerente. Mas, na medida em que diversas vozes entram pela “pressão” de temas e fatos externos à discussão principal, dialogam com o social, onde não há um quadro diretamente rígido, e as discussões atendem o social por diversos argumentos que, necessariamente, não precisam ser “coesos”.

Isso parece ter relação com o que José Luiz Braga descreve sobre o estado atual do sistema de resposta, numa referência ao contexto sociocultural do nosso país como comprometimento na eficácia do próprio sistema interacional de resposta.

Características socioculturais de nosso país, com baixa escolaridade, insuficiente socialização educacional, distribuição muito diferenciada de acesso a bens culturais, estrutura socioeconômica radicalmente cindida – tudo isso são restrições sérias e compõem diretamente o quadro das processualidades de uma sociedade deformadamente midiaticizada” (BRAGA, 2006, p. 334).

Corroboro a essa referencia, não refletindo e julgando a partir de um modo que fale da qualidade e eficácia, mas de um processo que possa avançar no comprometimento mais difuso e mais circulante do social.

Nossos primeiros materiais que fomentaram esse tipo de discussão foram conteúdos do filme *A paixão de Cristo*, apresentado e citado no início dos textos, no espaço destinado à introdução e na organização do nosso material. Ele não passou despercebido. De algum modo, foi objeto de cotejo para perceber processos polêmicos na diferenciação daqueles materiais que seriam mais e menos interessantes para a verificação e o desenvolvimento de uma análise.

Ele também parece apresentar especificidades de um processo que desloca suas discussões nos setores do social, transformando a discussão em fato social, para a instauração de um processo polêmico. Seu envolvimento de campos também tem no destaque uma apropriação do campo religioso e, a partir dessa apropriação, desenvolve sua obra cinematográfica.

Diferentemente do processo de *O Código Da Vinci* ele ganha mais adesão de setores do campo religioso, num processo que faz as interlocuções. Isso está ligado diretamente à sua produção, que tem como base de roteiro as versões mais tradicionais do Cristianismo.

A Paixão de Cristo não parece precisar fazer referências ao real, como *O Código Da Vinci*. Já que *O Código Da Vinci* é mais “fantasioso”, ele precisa de “referencialidades” dos fatos e descrições do “mundo real”.

Parece também que os dois casos compartilham de medidas observáveis do funcionamento nos sistemas da análise desta pesquisa. É claro que as investigações centraram-se sobre *O Código Da Vinci*, pela diversidade de falas e por apresentarem materiais que possuem um embate polêmico maior, já que o processo de fala se desencadeia também por mais uma “recusa” do campo religioso e não mais numa adesão.

O campo polêmico que se instaurou dependeu diretamente desse deslocar da discussão ao fato social. O caso poderia ter se mantido numa discussão estrita do campo cinematográfico, mesmo numa condição polêmica, na qual o foco também faria inferência na produção e recepção. Mas, devido à intensificação de lados, a polêmica instaurada deriva de uma formação que faz, a partir de setores midiáticos, uma discussão não apenas do campo cinematográfico, mas também de campos que a envolveram.

No inserir de um envolvimento do social, tendo a entrada do campo religioso, outros segmentos sociais participam, porque dialogam entre campos. O

patamar de falas faz uma referência à arena social, nos espaços midiáticos; por isso nosso conjunto empírico se desloca entre temas específicos e movimentos de canais midiáticos.

Esse campo polêmico é específico do caso. Ele corresponde a um contexto formado a partir de um tempo. Certamente, se o processo polêmico do filme “O Código da Vinci” fosse instaurado hoje, ele não se desenvolveria da mesma forma como foi constituído em 2006. Os atores sociais são específicos também de um cenário constituído na época, ao mesmo tempo que os campos sociais pautavam discussões específicas nos interesses e objetivos do contexto de 2006. Por isso chamamos esse campo de um campo “poroso” da polêmica: ele se constitui no embate social para uma circulação do social. Enquanto o próprio social, com seus funcionamentos, necessitar que vozes sejam pronunciadas, elas existirão.

Num movimento oposto, esse campo polêmico nos apresenta especificidades de movimentos e referências sobre a polêmica que, embora tendo a especificidade do caso, pode teorizar a constituição de espaços polêmicos. O sistema interacional de resposta significou uma organização teórica e designação metodológica para esse processo polêmico.

Entender o movimento, desde a relação do social e do midiático, sempre será novo, porque, em todo aspecto, sempre será de atualização, pensando em sociedade “viva”, que se transforma e que, em cada momento, dá mais valor a uma dinâmica. A polêmica deste caso certamente mostra uma sociedade em movimento, dinâmica e que está em ação com sua mídia e que a cada novo tensionamento pode re-configurar todo o conjunto.

Enfim, a mídia está significando e sendo significada em medidas nem sempre previsíveis e coerentes. O processo polêmico instaurado é o desacordo que expressam segmentos sociais vivos, dinâmicos e em relação uns com os outros. Esses segmentos fazem, na mídia, um espaço de validação para o todo.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBAGNANO, Nicolas. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Martins fontes, 2000.

A PAIXÃO de Cristo. Direção: Mel Gibson. Produção: Mel Gibson, Beuce Davey e Stephen McEveety. Intérpretes: Jim Caviezel; Maria Morgenstern; Monica Belluci e outros. [sl.] ICON Productions, 2004. 1 DVD (126 min) son., color.

ARBEX JÚNIOR, José. **Showrnalismo a notícia como espetáculo**. São Paulo: Casa Amarela, 2001.

AUMONT, Jacques. **A parte do Dispositivo**. Campinas: Papiros, 1993. p. 191.

_____. **A estética do filme**. Campinas: Papyrus, 2005. p. 150.

BAKHTIN, Mikhail, **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Ed.Hucitec, 2004.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1996.

BERGER, Peter, LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**. Petrópolis: Vozes, 2005.

_____. **Perspectivas sociológicas**. Petrópolis: Vozes, 1978.

BRAGA, José Luiz. **A sociedade enfrenta sua mídia**. São Paulo: Paulus, 2006.

_____. **Mais que interativo, agonístico**, in: LEMOS, André; SILVA, Juremir Machado da; SÁ, Simone Pereira de; PRYSTON, Ângela (orgs.). *Mídia.br*. Porto Alegre, 2004, pp.62-79.

_____. **"Lugar de Fala" como conceito metodológico no estudo de produtos culturais**, in: *Mídia e processos socioculturais*. São Leopoldo, PPG Comunicação/Unisinos, 2000b, pp. 159-184.

BRETON, Philippe. **A argumentação na comunicação**. Bauru: Edusc, 2003.

_____. **A manipulação da palavra**. São Paulo: Loyola, 1999.

BRIGGS, Asa, BURKE, Peter. **Uma história social da mídia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

BROWN, Dan. **O Código da Vinci**. Rio de Janeiro: Sextante 2004

CANEVACCI, Massimo. **Antropologia da Comunicação Visual**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. p. 133.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

CUNHA, Marcus Vinicius da. Pragmatismo: uma filosofia definida no campo da polêmica. **Filosofia Americana**. V. 1, n. 1, p. 39-48, set. 2003.

ECO, Umberto. **Viagem na irrealidade cotidiana**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

_____. **Interpretação e superinterpretação**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

EISENSTEIN, Sergei. **A forma do filme**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

GUBERNIKOFF, Giselle. **O aparato cinematográfico**. In: *Revista Comunicação: Veredas*. Novembro de 2004, ano III, nº 03.

GOLDSMAN, Akiva. **O Código Da Vinci: roteiro ilustrado**. Rio de Janeiro: Sextante., 2006.

GOMES, Wilson. **Transformações da política na era da comunicação de massa**. São Paulo: Paulus, 2004.

KELLNER, Douglas. **Cultura da Mídia**. Bauru: Edusc, 2001.

MACHADO, Arlindo. **Pré-cinemas & Pós-cinemas**. Campinas: Papyrus, 2002.

MATTELART, Armand e Michele. **História das teorias da comunicação**. São Paulo: Loyola, 1999.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Mídia e poder simbólico: um ensaio sobre comunicação e campo religioso**. São Paulo: Paulus, 2003.

MERTEN, Luiz. **Cinema: entre a realidade e o artifício**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2007.

- MORETZSOHN, Sylvia. **Pensando contra os fatos**. Rio de Janeiro: Revan, 2007.
- O CÓDIGO Da Vinci**. Direção: Brian Grazer e John Calley. Intérpretes: Tom Hanks, Audrey Tautou e outros. [sl.] Columbia Pictures, 2006.
- OLIVEIRA, V. C. Media communication and the Single Healthcare System. **Interface Comunicação, Saúde, Educação**. V. 4 , n. 7, p.71-80, 2000.
- RODRIGUES, Adriano Duarte. **Estratégias da Comunicação**. Lisboa: Ed. Presença, 1990.
- _____. **Dicionário breve da informação e da comunicação**. Lisboa: Ed. Presença, 2000.
- ROGAK, Lisa. **O homem por trás de O código Da Vinci**. Campinas: Verus, 2006.
- SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**. São Paulo: Edusp, 2004.
- SFEZ, Lucien. **Crítica da Comunicação**. São Paulo: Loyola, 1994.
- SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a mídia?** São Paulo: Loyola, 2002. p.33.
- SODRÉ, Muniz. **Reiventando a cultura**. Petrópolis: Vozes, 1996.
- TRAQUINA, Nelson. **O estudo do jornalismo no século XX**. São Leopoldo: Ed Unisinos, 2003.
- VERSIGNASSI, Alexandre; KENSKI, Rafael. Quem matou Jesus?. Isto É. São Paulo, p.42-51, abril 2004.
- XAVIER, Ismail (org.). **A experiência do cinema**. Rio de Janeiro: Graal, 2003.

ACERVOS

Jornal Folha de São Paulo

SIMÕES, Eduardo. Oscar Niemeyer encontra Dan Brown e Lula em Livro. **Folha de São Paulo**: São Paulo, 12 de mai. de 2006.

SIMÕES, Eduardo. Autor que acusou Dan Brown investiga os passos de Jesus. **Folha de São Paulo**: São Paulo, 13 de mai. de 2006.

ARANTES, Silvana. Cannes para iniciantes. **Folha de São Paulo**: São Paulo, 17 de mai. de 2006.

RIZZO, Sérgio. Ator de 'Código' alimenta polêmica com igreja. **Folha de São Paulo**: São Paulo, 18 de mai. de 2006.

ARANTES, Silvana. Almodóvar reencontra Cannes e ex-musa - Código imposto. **Folha de São Paulo**: São Paulo, 19 de mai. de 2006.

ARANTES, Silvana. Código, o filme, é escravo do livro. **Folha de São Paulo**: São Paulo, 21 de mai. de 2006.

APÓS protestos, Belarus retira 'Código Da Vinci'. **Folha de São Paulo**: São Paulo, 24 de mai. de 2006.

SYLVIA, Colombo. Código do barulho. **Folha de São Paulo**: São Paulo, 25 de mai. de 2006.

ARANTES, Silvana. Igreja vê 'ameaça' acredita Bellocchio. **Folha de São Paulo**: São Paulo, 28 de mai. de 2006.

Jornal Zero Hora

CORSO, Diana Lichtenstein. Decodificando a culpa masculina. **Zero Hora**: Porto Alegre, 13 de mai. de 2006.

CORSO, Diana Lichtenstein. Cannes sob as luzes de Da Vinci. **Zero Hora**: Porto Alegre, 17 de mai. de 2006.

MERTEN, Luiz Carlos. Crítica recebe 'Código' com frieza. **Zero Hora**: Porto Alegre, 18 de mai. de 2006.

CÓDIGO da polêmica. **Zero Hora**: Porto Alegre, 19 de mai. de 2006.

LEMOS, Iara. Nota sobre o Vereador. **Zero Hora**: Porto Alegre, 20 de mai. de 2006.

Jornal Correio do Povo

MANIFESTAÇÕES na estréia do 'Código'. **Correio do Povo**: Porto Alegre, 20 de mai. de 2006.

Internet

CINERCL Blog Oficial do Programa da RCL. Disponível em: <<http://cinercl.blogspot.com/2006/05/o-codigo-da-vinci-recebido-com-assobios.html>> Acesso em: 18 de maio de 2006.

DEPUTADO quer proibir "O Código da Vinci" no Brasil. Disponível em: <<http://www.crisdias.com/2006/05/11/deputado-quer-proibir-o-codigo-da-vinci-no-brasil/>> Acesso em: 11 de maio de 2006.

O CÓDIGO da Vinci. Disponível em: <<http://arte-deopinar.blogspot.com/2006/05/o-codigo-da-vinci.html>> Acesso em: 17 de maio de 2006.

O CÓDIGO DA VINCI. Verdade ou ficção? Disponível em: <<http://www.paroquiabenedita.org/actualidade/davinci/>> Acesso em: 25 de maio de 2006.

Rádio Vaticana

IGREJA reage ao "Código da Vinci". Texto transcrito disponível em: <<http://www.vaticanradio.org/por/Articolo.asp?c=79264>> Acesso em: 18 de maio de 2006.

NÃO existe uma cruzada contra o código Da Vinci. Texto transcrito disponível em: < <http://www.radiovaticana.org/por/Articolo.asp?c=30783>> Acesso em: 13 de março de 2005.

Revistas

CÓDIGO Da Vinci, o filme. Isto É: São Paulo, vol. 1908, 17 de mai. de 2006.

O CÓDIGO de milhões. Veja: São Paulo, p. 126-137, 17 de mai. de 2006.

OS CÓDIGOS do Código Da Vinci. História Viva: São Paulo, p. 75-79, maio de 2006.

A CHAVE do enigma. SET: São Paulo, Ed 277, Ano XIX, maio de 2006.

Televisão National Geographic

O CÓDIGO Da Vinci revelado. Produção de National Geographic Ventures Presidente & Ceo. São Paulo: National Geographic Television & Film, 2006.

Documento da Conferência do Episcopado Mexicano

DOCUMENTO da Conferência do Episcopado Mexicano sobre o Código Da Vinci. Disponível em: < <http://www.paroquias.org/noticias.php?n=6544>> Acesso em: 18 de maio de 2006.

ANEXO A – Laudas de análises

1. Laudas de análise do conteúdo da Folha de São Paulo

O Jornal Folha de São Paulo registrou, ora em crítica ora em notícias, discussões sobre o filme *O Código da Vinci* nos dias 12 a 28 de maio de 2006. O Folha Ilustrada, caderno interno ao jornal Folha de São Paulo, apresenta temas relacionados a cultura. Foi neste caderno que se concentrou a maior parte dos textos sobre o filme publicado pelo jornal.

01 - “Oscar Niemeyer encontra Dan Brown e Lula em livro”	
Subtítulo: “Arquiteto fala de política e de ‘O Código Da Vinci’”	
12 de maio de 2006	
Campos	Jornalístico
Atores	Jornalista Eduardo Simões e Arquiteto Oscar Niemeyer
Temas	Livro de Oscar Niemeyer e falas do autor sobre O Código da Vinci
Fatos	O livro O Código da Vinci e Religião
Ponto de vista	Texto enfatiza a opinião positiva do arquiteto Oscar Niemeyer que leu o livro O Código da Vinci
Objetivo	Notícia
Procedimentos	Entrevistas
Interlocuções	É a primeira matéria jornalística do Jornal Folha de São Paulo nas vésperas do lançamento do filme.
Vetores de fluxo	

Falas:

“O livro que o autor insiste em chamar de desimportante (‘fiz só para passar o tempo, me distrair’) revela um Niemeyer contemporâneo, que leu ‘O Código Da Vinci’ (‘Achei muito interessante. É uma idéia fantástica, que fere a religião, mas que é muito viável’).” *Metrópole*

02 - “Autor que acusou Dan Brown investiga os passos de Jesus”	
Subtítulo: “ RELIGIÃO – Em estudo, Michael Baigent defende que Cristo não morreu crucificado”	
13 de maio de 2006	
Campos	Jornalístico, Religião
Atores	Jornalista Eduardo Simões Escritor Michael Baigent
Temas	Religião e conteúdo do Código da Vinci
Fatos	Processo contra Dan Brown
Ponto de vista	O texto enfatiza a opinião avessa a Dan Brown e também avessa a religião. O escritor Michael Baigent argumenta que a teoria do Código é fundada em seus estudos, porém utilizada de forma errada.
Objetivo	Notícia Crítica ao filme
Procedimentos	Entrevista
Interlocuções	Primeira matéria do caderno Folha Ilustrada

Vetores de fluxo

Falas:

“Novamente às voltas com idéias que põem em xeque os chamados ‘alicerces da fé cristã’, Baigent já não se preocupa com as reações da Igreja Católica. Reconhece que sua hipótese são radicais e diz estar acostumado a ser ‘ignorado, atacado intelectualmente ou ridicularizado’ por ela.”

”E Brown teria ainda cometido outro pecado: o de afirmar, no começo de seu livro, que tudo era verdade. ‘Não se pode dizer isso. É ridículo. Nada daquilo pode ser confirmado. Os historiadores trabalham com o plausível’, diz ele.

03 - “Cannes para iniciantes”	
17 de maio de 2006	
Campos	Jornalístico
Atores	Jornalista Silvana Arantes
Temas	Texto que noticia o festival de Cannes com a pré-estréia do filme O Código da Vinci.
Fatos	Cannes
Ponto de vista	
Objetivo	Notícia
Procedimentos	Descritivo
Interlocuções	O filme abre o festival sem concorrer a prêmios. Ele começa a ocupar mais espaços no caderno que tem como o objetivo o anúncio e falas sobre o festival e seus concorrentes.
Vetores de fluxo	

04 - “Ator de ‘Código’ alimenta polêmica com igreja”	
Subtítulo: “CINEMA - Em Cannes, Ian McKellen faz piada, dizendo que relação com Maria Madalena é boa notícia para Vaticano: ‘Jesus não era gay’”	
18 de maio de 2006	
Campos	Jornalístico, Cinema,
Atores	Crítico de cinema Sérgio Rizzo Jornalista Silvana Arantes Ator do filme Tom Hanks e Ian McKellen
Temas	Religião, Opus Dei, Produção Cinematográfica, Adaptação,
Fatos	Lançamento do filme em Cannes e defesa do filme por parte dos atores.
Ponto de vista	“Filme tem elenco ruim e roteiro frágil e burocrático” Descreve como a crítica (presente em Cannes) recebeu o filme de forma negativa e os primeiros fatos e protestos de manifestação popular contra o filme. “Crítica acha risível”. Ponto de vista da crítica. Atores do filme criticam assuntos do campo religioso.
Objetivo	Notícia e crítica.

	Em defesa do filme e em crítica ao filme.
Procedimentos	Primeira matéria assumida no jornal como crítica cinematográfica. Comparativa. Descritiva. Entrevistas.
Interlocuções	A matéria é construída a partir de uma crítica negativa formada no festival Cannes (há um enviado especial no festival a jornalista Silvana Arantes).
Vetores de fluxo	Já há o movimento gerado pela interlocução onde a produção faz uma leitura da recepção ao ponto de os atores do filme saírem em defesa do filme.

Crítica: “E, aos que leram o romance e não pretendem ver o filme exclusivamente por questões de fé: no final das contas, o discurso da adaptação para cinema é carola e inofensivo. Até a Opus Dei, velarizava como instituição no livro, recebe tratamento mais moderado, quase gentil.”

Falas:

“Mas o código de conduta cautelosa foi quebrada pelo ator inglês Ian McKellen (que vive Leigh Teabing na tela). ‘Sei que a Igreja tem problema com os gays. Essa é uma boa notícia para eles: Jesus não era gay!’, disse depois de se declarar ‘super feliz’ por acreditar na tese do livro sobre o relacionamento de Jesus e Maria Madalena.”

“Crítica acha risível - Se depender da opinião dos críticos (que Howard disse não ter lido), ‘O Código’ não será exatamente um paradigma de sucesso.

A maioria dos especialistas que viram o filme em sua primeira sessão em Cannes, na terça a noite, achou-o fraco. Em alguns pontos, risível, como ficou claro com o ruidoso divertimento de parte da platéia num ponto crucial da trama, sobre o qual um jornalista pediu ontem a opinião de Hanks.

O repórter perguntou ao ator se ele achava que o filme adquiria uma atmosfera intensa no momento do diálogo em que Robert Lagndon (Hanks) revela a Souphie Nouveu (Audrey Tautou) seu parentesco com Jesus. Desnecessário dizer que se tratava de pergunta-pegadinha.”

05 - “Código imposto”	
19 de maio de 2006	
Campos	Jornalístico
Atores	Jornalista Silvana Arantes
Temas	Cannes
Fatos	Programação de O Código da Vinci para a abertura de Cannes
Ponto de vista	Citação de comentários no Le Monde do diretor do festival de Cannes que recebe o filme como imposto.
Objetivo	Em defesa do festival de Cannes
Procedimentos	Notícia
Interlocuções	
Vetores de fluxo	

Nota:

“Código Imposto - O presidente do festival, Gilles Jacob, contou ao “Le Monde” que eles não tiveram outra alternativa se não programar ‘O Código Da Vinci’ para a abertura. Se Cannes não escalasse o filme, eles fariam na mesma da do festival uma pré-estréia nos EUA, tirando toda a atenção da imprensa americana ao festival.”

06 - “‘Código’, o filme, é escravo do livro”	
Subtítulo: “Para o roteirista de ‘O Código Da Vinci’, maior qualidade da versão cinematográfica é ser fiel ao original de Dan Brown”	
21 de maio de 2006	
Campos	Jornalístico, Cinema
Atores	Jornalista Silvana Arantes Roteirista do filme, Akiva Goldsman
Temas	Religião, Adaptação, Produção Cinematográfica, Festival de Cannes
Fatos	Crítica e manifestações
Ponto de vista	Entrevista com o roteirista do filme, Akiva Goldsman que faz comentários diversos em torno do filme: Sua fidelidade ao livro, relação com a Igreja Católica, reação a crítica cinematográfica negativa originada após a primeira exibição.
Objetivo	Em defesa do filme.
Procedimentos	Entrevista com roteirista do filme.
Interlocuções	A formulação da entrevista faz várias referencias a partir da crítica negativa que já está em circulação desde o dia do lançamento do filme.
Vetores de fluxo	A saída no espaço midiático do roteirista é além de veiculação normal de uma produção cinematográfica. Ele participa do processo de defesa da crítica negativa que é gerada desde a primeira exibição.

Falas:

“As pessoas ficaram divididas em relação ao filme. Tudo bem. Sinto como se fosse um jogo e gosto disso. Nunca tinha vindo ao Festival de Cannes. Podem ser que eles aplaudam de pé todos os filmes. Ainda assim, até agora estou me sentindo ótimo em relação aquela ovação de ontem à noite. Agora ver o que o público acha”.

“Nós adoramos isso, adoramos a idéia da história por trás da história, de conspirações”.

A folha pergunta: “As críticas negativas o entristeceram?”

07 - “Após protestos, Belarus retira ‘Código Da Vinci’”	
24 de maio de 2006	
Campos	Midiático e o Campo Social
Atores	
Temas	O filme protestado
Fatos	Retirada da exibição do filme em Belarus
Ponto de vista	Cita o campo social. Manifestantes que se posicionaram contra o filme.
Objetivo	Notícia
Procedimentos	Relato do fato

Interloquções
Vetores de fluxo

“O filme ‘Código Da Vinci’ foi retirado dos cinemas de Minsk, capital da Belarus, depois de apenas quatro dias de exibição porque associações cristãs protestaram contra o longa, dizendo ser ‘ofensivo’. Grupos cristãos fizeram manifestações contra o filme também na Índia, Tailândia e Coréia do Sul. Em ‘O Código da Vinci’, há a teoria de que Jesus Cristo foi casado com Maria Madalena e que eles tiveram uma filha”.(Folha de São Paulo 24 de maio de 2006)

08 -“Código do barulho”	
25 de maio de 2006	
Campos	Religioso, Histórico, Jornalístico
Atores	Jornalista Silvia Colombo Teólogo e historiador católico Oscar Bezo Teólogo, professor da Universidade de Madri, Juan José Tamayo Bispo católico do Rio de Janeiro, Dom Antonio Dias Duarte.
Temas	Feminino, Igreja Católica, Opus Dei
Fatos	Manifestações e Públicos
Ponto de vista	Em defesa do campo religioso
Objetivo	Diversidade de lados
Procedimentos	Entrevistas
Interloquções	Comentários do campo religioso sobre o conteúdo do filme. Entrevista o teólogo e historiador católico Oscar Bezo que faz comentário em torno do filme e do campo religioso. Em torno do debate do feminismo entrevista: Juan José Tamayo que é professor de teologia da Universidade de Madri e o bispo católico do Rio de Janeiro, Dom Antonio Dias Duarte.
Vetores de fluxo	Matéria faz citação a comentários do L’Osservatore Romano (Jornal Oficial do Vaticano).

09 -Igreja vê ‘ameaça’acredita Bellocchio”	
Subtítulo: Diretor comenta religião e novo filme, que participa do Festival de Cannes.	
28 de maio de 2006	
Campos	Cinematográfico, Jornalístico
Atores	Jornalista Silvana Arantes Diretor de cinema Marco Bellocchio
Temas	Religião, Papa, Maria Madalena
Fatos	
Ponto de vista	Em defesa do filme
Objetivo	Diretor de cinema Marco Bellocchio critica comportamentos do campo religioso.
Procedimentos	Entrevista
Interloquções	É um ator do campo cinematográfico fazendo interloquções sobre o campo religioso
Vetores de	

fluxo

Falas: “A Igreja Católica está preocupada em não perder sua autonomia. Com o vazio político de hoje, muitas pessoas preocupam, de boa fé, algo de espiritual, de transcendente. Muitas vezes essa busca não vai em direção a Igreja Católica, que percebe a ameaça de ter sua construção histórico-teórica enfraquecida.”

Ao se referir a Madalena “Mas a Igreja católica quer que o mistério fique circunscrito aos muros do Vaticano, sem dividi-lo com ninguém”.

2. Laudas de análise do conteúdo do Jornal Zero Hora

O jornal *Zero Hora*, um dos maiores veículos do jornalismo gaúcho, é mantido pelo grupo RBS. Noticiou nos cadernos destinados a cultura, cinema e assuntos gerais o filme *O Código da Vinci* e algumas circulações derivadas do próprio filme entre as datas do dia 13 de maio a 20 de maio de 2006. São cinco matérias tomadas como crítica aqui na pesquisa que comportaram de ponto de vista e opiniões diferentes.

01 - “Decodificando a culpa masculina”	
13 de maio de 2006 - Caderno Cultura	
Campos	Sociais
Atores	Psicanalista Diana Corso
Temas	Maria Madalena, Feminino, Religião
Fatos	Estréia do filme
Ponto de vista	Em defesa do filme numa construção crítica ao próprio filme
Objetivo	Debate crítico a partir de temas agendados pelo filme tendo como o foco o feminino.
Procedimentos	Artigo
Interlocuções	
Vetores de fluxo	A psicanalista assume o livro como um relato histórico.

Falas: “Minha hipótese é que no feminismo exarcebado está a chave para decifrar os efeitos do Código. Do início ao fim, estamos frente a um discurso pró-mulheres, melosamente entusiasta e caricatural, destinado a expiar uma culpa histórica.”

“O livro de Brown tenta redimir a culpa histórica por séculos de discriminação”

“A Igreja Católica deveria ficar lisonjeada com o livro, afinal, ele dá a essa instituição um poder que ela já não tem. A força que ela ganha nessa trama já faz parte de seu passado, e pelo andar de suas políticas não a recuperará tão cedo”.

Notas: “O deputado Salvador Zimbaldi (PSB – SP) tentou impedir a exibição do filme no Brasil. Teve medida cautelar rejeitada na Justiça de São Paulo e impetrou um pedido de recurso. Alega o parlamentar que ‘a obra é um afronto a fé cristã’”.

02 - “Crítica recebe ‘Código’ com frieza”	
18 de maio de 2006 - Segundo Caderno	
Campos	Cinematográfico
Atores	Jornalista Luiz Merten
Temas	

Fatos	Crítica negativa ao filme
Ponto de vista	Vários lados
Objetivo	Crítica cinematográfica
Procedimentos	Reunião de diversos falantes
Interlocuções	Apresenta diversas opiniões de críticas cinematográficas negativa de: Stephen Schaefer (Boston Herald), Lee Marshall (Screen International), Peter Brunette (Boston Globe), Marherita Fernandino (RAI 3), Gerson da Cunha (Times of India) e de crítica positiva: Lou Lumenick (New York Post)
Vetores de fluxo	Matéria apresenta diversos críticos com suas opiniões sobre o filme de forma mais negativa. Notícia os protestos que se desencadearam a partir a exibição.

03 - “Código da polêmica”	
Subtítulo: “Diretor e elenco defendem ‘O Código Da Vinci’”	
19 de maio de 2006 Segundo Caderno	
Campos	Jornalístico, Cinematográfico
Atores	Row Howard, diretor do filme Tom Hanks, ator do filme
Temas	A recepção negativa do filme pelos críticos
Fatos	Defesa dos produtores e atores do filme a crítica negativa
Ponto de vista	Em defesa do filme
Objetivo	Notícia
Procedimentos	Defendem que é uma ficção
Interlocuções	
Vetores de fluxo	

04 -Nota sobre o Vereador que protestou na bilheteria de Porto Alegre	
20 de maio de 2006 - Caderno Geral	
Campos	Social
Atores	Vereador João Carlos Nedel
Temas	Estréia do filme
Fatos	Manifestações
Ponto de vista	Em defesa do campo religioso
Objetivo	Notícia
Procedimentos	Divulgação da imagem do vereador
Interlocuções	
Vetores de fluxo	

3. Laudas de análise do conteúdo do Jornal Correio do Povo

01 – “Manifestações na estréia do Código”	
Subtítulo: “‘O código Da Vini’ vai bem nas bilheterias, mas enfrenta manifestações no primeiro dia de exibição”	
20 de maio de 2006 - Variedades	
Campos	Sociais - Religião

Atores	Vereador João Carlos Nedel Dom Geraldo Magella (CNBB) Manifestantes
Temas	Estréia do filme
Fatos	Manifestações
Ponto de vista	Em defesa do campo religioso
Objetivo	Notícia
Procedimentos	Recortes de diversas manifestações contra o filme
Interlocuções	
Vetores de fluxo	

“Nedel (o vereador) se envolveu em um princípio de discussão com um dos expectadores, que se disse fã do diretor Ron Howard”.

O jornal ao se referir a Dom Geraldo Magella, presidente da CNBB da época: “Ele aconselhou os fiéis a não verem a película. Aqueles que, contudo, decidirem assistir ao filme, deverão, conforme a orientação da CNBB, ter o discernimento necessário para avaliar que se trata de uma obra de ficção”.

Ao se referir a diversas manifestações o jornal destaca: “O mesmo aconteceu na Argentina, onde uma mulher se dizendo ‘enviada por Deus’, iniciou um tumulto num dos cinemas, e acabou detida pela Polícia local depois de rasgar vários cartazes do filme”.

4. Lauda de análise do conteúdo do Documentário National Geographic

Documentário produzido pelo canal de televisão National Geographic. A rede de televisão

01 – “O Código da Vinci Revelado”	
Campos	Sociais – Acadêmico – Religião – Cinema
Atores	Padre William Stetson, membro da Opus Dei Tammy DiNicola, ex membro da Opus Dei Lynn Picknett, especialista em história Tracy Twman, especialista em história Clive Prince, especialista em história Shara Newman, especialista em história medieval Marin Kemp, especialista em história da arte
Temas	Sociedade secreta Opus Dei Santo Graal Maria Madalena Leonardo da Vinci
Fatos	A polêmica de conteúdo
Ponto de vista	Diversos
Objetivo	Documentário
Procedimentos	Entrevistas Construções de lados sobre a teoria

Interloquções	
Vetores de fluxo	A condição da exibição do documentário articula com o mesma temporada da exibição do filme, articulando assim o agendamento midiático sobre a temática.

Falas:

“Está muito claro que Maria Madalena não foi simplesmente a ‘moça do café’ dos tempos bíblicos, aquela figura humilde que está sempre ofuscada pelos homens. Mas essa, obviamente, é a imagem – essa coisa pior, que a Igreja quer que tenhamos dela. Ela foi, pelo que se sabe, uma mulher de muita personalidade, independente financeiramente”. [...] “A Igreja quis mesmo denegrir o nome dela porque sabia. Eles sabiam que mulher era essa, e estavam determinados a não deixar que nenhuma outra galgasse a hierarquia eclesiástica para se tornar tão importante e tão carismática quanto Madalena fora no tempo de Jesus. (Lynn Picknett, escritora e co-autora de O Segredo dos Templários – Transcrição da entrevista em “O Código da Vinci Revelado National Geographic 2006)

O padre William Stetson rebatendo a teoria diz: “É um acinte. Não há qualquer afirmação assim. Talvez seja uma especulação que possa ser considerada num mundo tomado pelo ceticismo, mas que se opõe a toda tradição da Igreja Cristã”. [...] “O Cristianismo é uma religião com bases históricas. E o fato histórico é que, seguindo o plano de Deus, Jesus não se casou. E não cabe a nós, mortais, questionar o plano de Deus”. (Padre William Stetson – Transcrição da entrevista em “O Código da Vinci Revelado National Geographic 2006)

Ao se referir a ficcionalidade: “Isso faz parte da ficção do livro. Foi uma malandragem, mas a tal página está depois da folha de rosto e, portanto, eu vejo como parte da estrutura ficcional do romance”. (Marin Kemp - especialista em história da arte - Transcrição da entrevista em “O Código da Vinci Revelado National Geographic 2006)

5. Laudas de análise do conteúdo de Mídia eletrônica (Internet)

01 – CineRcl - Blog Oficial do Programa da RCL http://cinercl.blogspot.com/2006/05/o-codigo-da-vingi-recebido-com-assobios.html	
Campos	Crítica cinematográfica - Sociais
Atores	Paula Pinto Gonçalves, Mário Ventura, Filipe Matias e Ruben Almeida
Temas	
Fatos	
Ponto de vista	Diversos
Objetivo	O Espaço de opinião cinematográfica complementar ao programa da Rádio Clube da Lourinhã
Procedimentos	Recortes de várias opiniões de vários jornais do mundo em torno da crítica do filme
Interloquções	Referencias dos jornais: Diário de Noticias, Jornal de Noticias, New York Times, El País, La Reppublica, El Mundo e Le Monde
Vetores de fluxo	

02 – Deputado quer proibir “O Código da Vinci” no Brasil http://www.crisdias.com/2006/05/11/deputado-quer-proibir-o-codigo-da-vinci-no-brasil/	
Campos	Social
Atores	18 Comentários de internautas
Temas	Proibição, Boicote,
Fatos	O deputado federal Salvador Zimbaldi (PSB-SP) <u>quer impedir que o filme “O Código Da Vinci”</u> e o blog debate o fato.
Ponto de vista	Diversos
Objetivo	Discussão no blog
Procedimentos	Agregação das opiniões interatividade
Interlocuções	Referencia a Folha de São Paulo Rádio CBN O Fantástico – TV Globo
Vetores de fluxo	

03 – O CÓDIGO DA VINCI http://arte-de-opinar.blogspot.com/2006/05/o-codigo-da-vinci.html	
Campos	Social
Atores	Nuno M Almeida
Temas	Opus Dei e Filme O Código da Vinci
Fatos	Manifestação sobre o filme
Ponto de vista	Apóia o filme não porque concorda com o filme mas porque o filme provoca o campo religioso.
Objetivo	Opinar
Procedimentos	Blog
Interlocuções	
Vetores de fluxo	

04 – O código Da Vinci . Verdade ou ficção? http://www.paroquiabenedita.org/actualidade/davinci/	
Campos	Religioso
Atores	<i>Agostinho França</i>
Temas	Conteúdo do filme O Código da Vinci
Fatos	A ficcionalidade
Ponto de vista	Em defesa do campo religioso
Objetivo	Defesa por outras publicações
Procedimentos	Divulgação de materiais publicados explicando o conteúdo do filme no ponto de vista da Igreja Católica

Interloquções
Vetores de fluxo

6. Laudas de análise do conteúdo da Rádio Vaticana

01 – Texto da Rádio Vaticana	
18de maio de 2006	
Campos	Religioso Cinema
Atores	
Temas	Conteúdo do filme
Fatos	Não aceitação da crítica de cinema para
Ponto de vista	Em defesa do campo religioso
Objetivo	Explicitar o contexto do filme como não condizente com a fé católica.
Procedimentos	Referencia a Cannes e a opinião oficial da Igreja Católica
Interloquções	
Vetores de fluxo	

Falas:

Nos EUA, uma campanha de comunicação dos Bispos católicos do país procura, desde há alguns meses, oferecer chaves de leitura para este “Código”. Os recursos disponíveis incluem uma página na Internet (www.jesusdecoded.com), um documentário televisivo e um opúsculo de 16 páginas, intitulado “O verdadeiro Jesus”, com os quais se procura oferecer informação sobre Jesus, o ensinamento da Igreja e vários aspectos explorados pelo romance de Dan Brown

7. Laudas de análise do conteúdo de Revistas

01 – Revista Istoé: “O Código Da Vinci, o filme”	
17 de maio de 2006	
Campos	Jornalismo, Religião, Social
Atores	Professores de Teologia Opus Dei (como ator social) Dom Geraldo Magella
Temas	Opus Dei, o filme, o contexto de debate, CNBB, Associação Albina.
Fatos	Oposicao da Opus Dei contra o filme, O conteúdo do filme contextualizando o cenário de debate social O lucro do livro-filme com o debate
Ponto de vista	Diversos
Objetivo	Contexto do debate
Procedimentos	Citações de falas de atores, de contextos e do filme
Interloquções	

Vetores de fluxo	
-------------------------	--

02 – Revista Veja: “O código de milhões” 17 de maio de 2006.	
Campos	Jornalismo – Religião – Acadêmico – Social
Atores	Atores do filme Atores do campo religioso Atores da crítica cinematográfica Professores e teólogos
Temas	Contextualização do filme Debate subsequente ao filme com temas de : Maria Madalena, Opus Dei, Leonardo da Vinci, O priorado de Sião,
Fatos	A circulação do debate enfurecido contra o conteúdo do livro-filme.
Ponto de vista	Diversos
Objetivo	Contexto de circulação, promover o debate
Procedimentos	Entrevistas, citações, contextualização acadêmica, variedade de lados
Interlocuções	Entre os campos, diversidade de materiais citados entre o campo científico, religioso e o contexto social
Vetores de fluxo	

03 – Revista História Viva: “O código do Código da Vinci” Maio de 2006	
Campos	Acadêmico - Social
Atores	Cadu Silveira
Temas	Opus Dei, Maria Madalena, Merovíngios, Priorado de Sião, Vaticano,
Fatos	A exibição do filme e a discussão do conteúdo
Ponto de vista	Embora seja uma contextualização de diversos lados há uma tendência nos textos na defesa do conteúdo do filme no que diz respeito a atuação da Opus Dei no cenário da Igreja Católica.
Objetivo	Publicação com destino a interessados em história, há o contexto do conteúdo e a relação com os campos científicos.
Procedimentos	Entrevistas, resgates históricos, citações, o foco no descritivo, Explicativo da história e referencia a publicações
Interlocuções	
Vetores de fluxo	

04 – Revista SET: “A chave do Enigma”	
Maio de 2006	
Campos	Cinematográfico - Social
Atores	São falas internas a produção: atores do filme, produção, especialistas de cinema.
Temas	Contextualização do filme o debate social, o filme, a produção, a polémica católica, entrevistas aos produtores,
Fatos	Conteúdo do filme, produção do filme, cinema, dificuldade da produção em filmar em lugares católicos.
Ponto de vista	diversos
Objetivo	Debate no conteúdo do filme e na produção do filme
Procedimentos	Descrição do filme, dos atores nos filmes, entrevistas, referencias a outras obras cinematográficas
Interlocuções	
Vetores de fluxo	

ANEXO B – Ilustrações

1. Jornal Zero Hora

ZERO HORA • PORTO ALEGRE, QUINTA-FEIRA, 18/5/2006

Crítica recebe “Código” com frieza

Na primeira exibição do filme em Cannes, as impressões iniciais foram mais negativas do que positivas

Enviado especial a Cannes (A&E)

LUIZ CARLOS MERTEN

Houve protestos, mas também havia gente pelo ladrão na sessão especial de *O Código Da Vinci* que o Festival de Cannes realizou na noite de terça-feira para a imprensa.

Durante a exibição foram ouvidas vaias. Pior que isso, durante o dia ocorreram manifestações contra a escolha do filme para inaugurar o festival. *O Código Da Vinci* vai fazer rolar muito dinheiro nas bilheterias dos cinemas, mas também vai desencadear uma polêmica que promete não ter fim.

Ontem, o filme será exibido na abertura oficial do festival.

Como espetáculo de ação, como thriller de conspiração e paranóia, *O Código Da Vinci* não nega fogo na primeira hora, que é espetacular a ponto de manter a plateia eletrizada. À medida que o relato avança, porém, o filme de alguma forma perde a força e o que seria a grande revelação do desfecho termina um tanto banal.

Contribui para isso a morte do melhor personagem em cena, Silas, o monge devotado à Opus Dei, que Paul Bettany interpreta de forma consagrada. É o melhor ator e também o melhor personagem do filme, mesmo que o astro Tom Hanks, para fazer o papel principal, do especialista em símbolos Robert Langdon, tenha embolsado US\$ 20 milhões mais participação na bilheteria.

Discute-se muito a veracidade das informações do *Código*. Monsenhor Angelo Amato, secretário da Congregação para a Doutrina da Fé, do Vaticano, diz que o livro é perversamente anticristão. A tese de Brown (que nem é dele, mas teve antecessores) é, de qualquer forma, boa. O que ele diz é que existe um complô da Igreja Católica contra os salteiros.

O diretor Ron Howard conseguiu o privilégio de filmar num cenário que seria de sonho para qualquer diretor — o próprio Museu do Louvre, em Paris. A maneira como Howard filmava o matemático de seu outro filme, *Uma Mente Brilhante*, desvendando fórmulas, aproxima-se muito do esforço de decifrar os numerosos criptogramas espalhados longo das duas horas e 32 minutos de ação.



Audrey Tautou e Tom Hanks, protagonistas de “O Código Da Vinci”, foram o centro das atenções da imprensa e do público na chegada a Cannes

OUTRAS OPINIÕES SOBRE O FILME

STEPHEN SCHAEFER, BOSTON HERALD

“Nada funciona.
O filme não tem suspense.
Não é romântico.
E, certamente, não é divertido”

PETER BRUNETTE, BOSTON GLOBE

“É quase tão ruim
quanto o livro”

LEE MARSHALL, SCREEN INTERNATIONAL

“Uma ausência total de
química entre Audrey
Tautou e Tom Hanks”

MARGHERITA FERRANDINO, RAI 3

“O público estava perplexo,
não houve aplausos, só
silêncio”

LOU LUMENICK, NEW YORK POST

“Esplêndido. Um thriller
movimentado tão cerebral e
irresistível quanto o best-seller”

GERSON DA CUNHA, TIMES OF INDIA

“Não era muito compreensível.
O momento chave do filme foi
recebido com risos ou
zombaria, e isso resume tudo”

Diretor e elenco defendem “O Código Da Vinci”

Filme de Ron Howard teve recepção negativa no Festival de Cannes



Tom Hanks, Audrey Tautou e Ron Howard acompanharam em Cannes a estreia mundial e as primeiras críticas ao filme

Se a Opus Dei, em algum momento, nutriu rancor contra o diretor Ron Howard, ela deve estar se sentindo vingada pela crítica internacional.

Barulho algum que a Opus Dei fizesse durante a première de *O Código Da Vinci*, quarta-feira, na abertura do 59º Festival de Cannes, seria capaz de rivalizar com o silêncio quase sepulcral com que o longa-metragem do diretor foi recebido na noite de terça-feira, numa exibição exclusiva para jornalistas.

Como resposta a um enredo mirabolante, em que o herói, o simbologista Robert Langdon, tenta descobrir se Jesus teve ou não descendentes, um único ruído se fez ouvir pela agigantada Sala Debussy, pouco antes de as luzes se acenderem: uma gargalhada involuntária. Uma risada disparada quase que em uníssono pela platéia. Mas quem disse que Howard e seu protagonista, Tom Hanks, abalaram-se com a notícia?

— Se, depois de tudo o que se falou de *O Código Da Vinci*, você se sentir incomodado pela história, não corra para vê-lo. Aguarde um pouco. Converse com quem já viu — sugeriu Howard, ostentando calma, durante a coletiva de imprensa do filme. — *O Código Da Vinci* estimula todo tipo de interpretação. Religiosa ou não. Não vou compartilhar a

TOM HANKS,
PROTAGONISTA DE
“O CÓDIGO DA VINCI”

“O que é um filme para interferir na crença de alguém?”

minha com vocês porque acredito que os espectadores são inteligentes o bastante para entenderem o filme para além da religião.

Tom Hanks pareceu fechar com o cineasta quando perguntado se o filme lhe trouxe problemas com a porção grega, e mais ortodoxa religiosamente, da família de sua mulher, a atriz Rita Wilson.

— A crença da nossa família exige que nos livremos de nossos pecados. Não de nossos cérebros. O que é um filme para interferir na crença de alguém?

Centro das atenções na mesa, Hanks sorriu e brincou fartamente

RON HOWARD,
DIRETOR DO FILME

“Acredito que os espectadores são inteligentes o bastante para entenderem o filme para além da religião.”

com os repórteres, o que desarmou as perguntas mais indelicadas sobre o naufrágio do filme aos olhos dos críticos. Mas nem todo o seu carisma o livrou de questões acerca de seu poder em Hollywood, depois de ter rendido quase US\$ 1,5 bilhão aos estúdios americanos de uma década para cá:

— Eu sou um cinéfilo. Como tal, gosto de fazer filmes de puro entretenimento. Gosto tanto deles quanto dos trabalhos que mais me desafiaram. Mas se vocês querem saber se eu me sinto “o cara” por ter estrelado tantos sucessos... Bom, no dia que eu tiver uns três recordes no Guinness, eu respondo.

De um lado, a polidez, representada por Howard. Do outro, a simpatia, expressa nos sorrisos que Hanks arrancou. Mas quem teve a participação mais perspicaz foi o veterano Ian McKellen, que ensinou a todos o quão tênue é o limite entre a espiritualidade e a ironia.

— Nunca parei para pensar se Jesus foi casado ou não. Só tenho certeza de uma coisa: como a Igreja sempre teve problemas com o homossexualismo, gay eu sei que Jesus não foi — disse o ator, um homossexual assumido.

Brian Grazer, produtor do filme e de blockbusters como *O Mentiroso* e *O Preço de um Resgate*, não hesitou em invocar o Santo Nome para salvar a pele:

— Estou confiante. Acredito em Deus.

2. Jornal Folha de São Paulo

FOLHA DE S. PAULO

DOMINGO, 31 DE MAIO DE 2006 ilustrada E3

“Código”, o filme, é escravo do livro”

Para roteirista de “O Código Da Vinci”, maior qualidade da versão cinematográfica é ser fiel ao original de Dan Brown



Dan Brown e o roteirista Akiva Goldsman chegam a Cannes para a estréia de “O Código Da Vinci”

Akiva Goldsman crê que as platéias ficarão divididas em relação à obra de Ron Howard, repetindo a reação dos leitores quanto ao livro

SILVANA ARANTES
ENVIADA ESPECIAL A CANNES

“Ninguém gosta de críticas negativas”, diz o roteirista Akiva Goldsman. E ele tem recebido muitas nesta semana, depois que o filme “O Código Da Vinci” — adaptado por ele do best-seller de Dan Brown — abriu o Festival de Cannes, na última quarta, dois dias antes de sua estréia mundial.

Especialistas de várias partes do mundo desaprovaram o trabalho de Goldsman, 44, o do diretor Ron Howard e o do ator Tom Hanks, intérprete do protagonista, Robert Langdon.

A reação “não é surpreendente para mim”, diz o roteirista, mas coerente com o sucesso do livro, que trouxe em sua rasteira uma onda de pro-

testos da Igreja Católica à tese de que Jesus Cristo e Maria Madalena eram um casal.

“As pessoas ficaram divididas em relação ao livro. As pessoas ficaram divididas em relação ao filme”, diz Goldsman. Ele falou à *Folha* em Cannes no dia seguinte à sessão oficial do longa, no luxuoso Palácio dos Festivais.

Nessa ocasião (e talvez não haja outra) o filme foi aplaudido de pé. “Ainda estou me sentindo ótimo com aquela ovacão”, diz. A seguir, a entrevista.

FOLHA - As críticas negativas o entristeceram?

AKIVA GOLDSMAN - Ninguém gosta de críticas negativas, com certeza. Mas o interessante é que, quando visitei um site de críticas, dizia que todos eram terríveis. Depois, fui a outro que lista todas as críticas. O que havia literalmente, eram quatro ótimas, quatro ruins e todas nesse intervalo eram divididas. Não é surpreendente nem divertido, mas há uma história por trás disso. As pessoas ficaram divididas em relação ao livro. As pessoas vão ficar divididas em relação ao filme. Tudo bem. Sinto como se fosse um jogo e gosto disso. Nunca tinha vindo ao Festival de Cannes. Pode ser que eles aplaudam de pé todos os filmes [na sessão oficial no Palácio dos Festivais]. Ainda assim, até agora estou me sentindo ótimo em relação àquela ovacão de ontem à noite. Agora vamos ver o que o público acha.

FOLHA - A reação da igreja e de grupos católicos ao filme tem sido infensa. Acha que essas manifestações podem derivar em algum tipo de violência?

GOLDSMAN - A idéia do fundamentalismo é obviamente perturbadora, de onde quer que venha. A cristandade ainda não voltou ao ponto em que feria ou matava pessoas que não compartilhavam de sua crença.



GOLDSMAN - Houve muitos. Bem no começo, quando eu estava lidando com a sessão de Toebing [em que ele explica a teoria do casamento de Jesus e Maria Madalena], eu costumava telefonar para [o diretor] Ron [Howard] e perguntar: por que estou sendo punido?

FOLHA - Eu por que você é judeu?

GOLDSMAN - Exato [risos].

FOLHA - No filme também há menos romance do que no livro. Por que?

GOLDSMAN - Honestamente, um livro não há muito romance além de um beijo. Então, tivemos que fazer uma escolha. Se colocássemos no filme o romance do jeito que ele é no livro, não funcionaria. No livro, o romance aparece em momentos internos, não no comportamento. Eles não fazem nada romântico até o beijo no final. Se terminássemos o filme daquela maneira, o espectador diria “O que é isso? De onde saiu esse beijo?”. Então, ou bríamos que colocáramos mais romance na história ou menos. Optamos por menos, porque o livro é tão detalhado, assim como o filme, no aspecto da identidade, que seria difícil ter de introduzir a situação de os dois olhando, se tocando, quase se beijando...

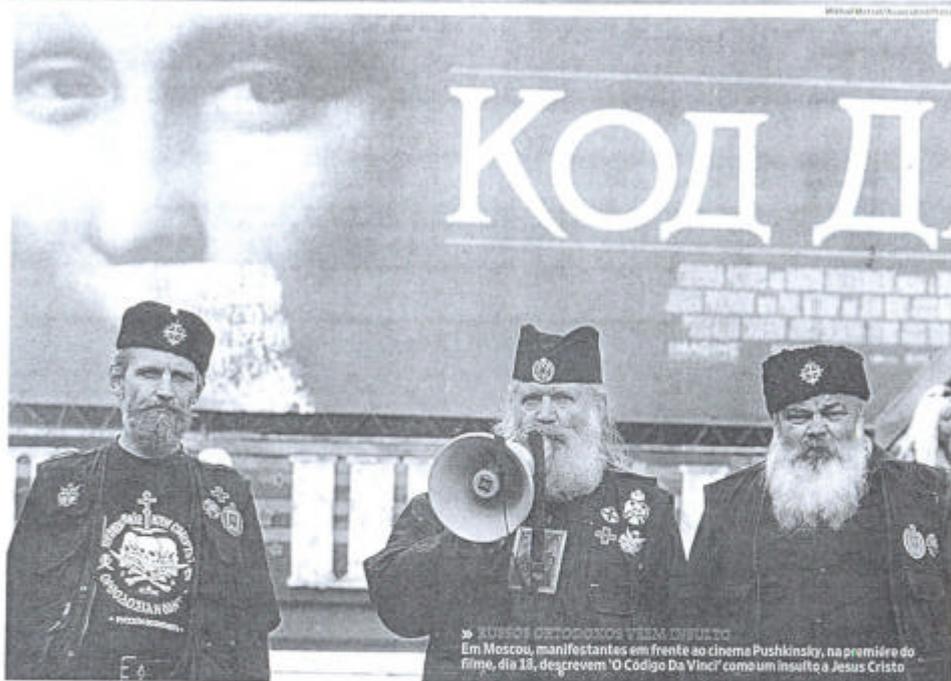
FOLHA - Conhece algo do cinema brasileiro?

GOLDSMAN - Não. Sou triste-mente provinciano nesse aspecto. Torcei-me quase ao assistir. Só quero assistir ao que está em voga. Fiquei intelectualmente muito curioso.

As pessoas ficaram divididas em relação ao filme. Tudo bem. Sinto como se fosse um jogo e gosto disso. Nunca tinha vindo ao Festival de Cannes. Pode ser que eles aplaudam de pé todos os filmes [na sessão oficial no Palácio dos Festivais]. Ainda assim, até agora estou me sentindo ótimo em relação àquela ovacão de ontem à noite. Agora vamos ver o que o público acha.

500
é o número de cópias de “O Código Da Vinci” em exibição nos cinemas brasileiros. Só em São Paulo, o filme de Ron Howard está em cartaz em 107 salas — entre essas, a maior sala é a do Central Plaza 10, com 235 m². A maior sala para ver o filme com Tom Hanks é a Interluz Artandruva 10, com 546 lugares.

MONDO CANNES



Código do barulho

No meio da ficção do filme "O Código Da Vinci", há temas que estão no debate da igreja hoje, diz teólogo

SYLVIA COLOMBO
DA REPORTAGEM LOCAL

Para Juan José Tamayo, professor de teologia da Universidade Carlos 3 de Madrid, o inte-



Copa da Cultura escala sua equipe de artistas

JOSÉ GERALDO GONTO
ENVIADO ESPECIAL A BRASÍLIA

O primeiro evento oficial da Copa da Cultura, que será aberta hoje com um show do ministro Gilberto Gil na Casa das Culturas do Mundo, em Berlim, foi o vernissage da exposição "Os Deuses - Futebol e Arte", na Embaixada do Brasil na capital alemã, antecedente à noite. A mostra reúne trabalhos dedicados ao futebol de 11 artistas plásticos brasileiros.

Paulo Granato, o curador e um dos artistas selecionados, justificou assim a sua escolha: "São 11 artistas que tiveram em seu trabalho alguma ligação com o futebol. Todos tiveram obras exibidas na França na época da Copa de 1998".

Durante o vernissage — uma festa luto-brasileira no salão de exposições da embaixada, com direito a caipirinha feita com cachaça Fita e maço açúcar —, Granato teve uma certa dificuldade para explicar a inclusão de João Soares entre os 11 pintores escolhidos. "Fiquei amigo do João quando ele me convidou para fazer a curadoria de uma exposição de quadros dele, anos atrás. Ele havia exposto na Bienal de 67 e depois se afastara da pintura. Além disso, ele escreveu um livro sobre a Copa. Achei que seria engraçado incluí-lo".

Questionado sobre a qualidade da obra, Granato declarou: "É um trabalho curioso e tecnicamente avançado. Ele vem trabalhando com tecnologias modernas, com o computador, e usou uma linguagem conceitual". O quadro, intitulado "Cartões", dispõe dois retângulos verticais, um amarelo e um vermelho, simbolizando os cartões disciplinares do futebol.

Com exceção de João Maria Bonomi e José Roberto Aguiar, todos os outros artistas compareceram ao vernissage. O mais falante era o publicitário José Zaragoza, que explicava de modo bem-humorado sua obra: um jogador alemão senta-

3. Capa da Revista Isto É

C I N E M A



EXPECTATIVA Audrey Tautou e Tom Hanks diante de *A última ceia*, de Da Vinci, e o diretor Ron Howard com a equipe em Paris

Chega a 500 cinemas do País a obra polêmica estrelada por Tom Hanks que envolve a vida de Jesus Cristo, a Igreja Católica e o Opus Dei numa trama de suspense, crime e mistério

CÓDIGO

DA VINCI,

O FILME